



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Impacto das tecnologias na definição das competências essenciais do tradutor

Maria José Magalhães de Almeida

Mestrado em Gestão de Sistemas de Informação

Orientador:

Professora Doutora Helena Maria Correia Neves Cordeiro
Rodrigues, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE-IUL

setembro, 2022

Departamento de Ciências e Tecnologias da Informação

Impacto das tecnologias na definição das competências essenciais do tradutor

Maria José Magalhães de Almeida

Mestrado em Gestão de Sistemas de Informação

Orientador:

Professora Doutora Helena Maria Correia Neves Cordeiro
Rodrigues, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE-IUL

setembro, 2022

Direitos de cópia ou Copyright

©Copyright: Maria José Magalhães de Almeida.

O Iscte - Instituto Universitário de Lisboa tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Helena Maria Correia Neves Cordeiro Rodrigues, agradeço toda a disponibilidade, paciência e apoio e por acreditar neste trabalho, a sua orientação e persistência ao longo destes meses foi fundamental.

À minha família pela paciência e apoio, e em especial à minha mãe, Maria Rosa Almeida, por acreditar em mim e me incentivar a ir sempre mais além, a não desistir dos sonhos, e por estar ao meu lado em todas as lutas e conquistas.

À Olena Mandziuk pelo apoio, incentivo em voltar a investir em mim e por acreditar que era possível.

A todos os meus amigos, em especial ao Tiago Salvador e ao Hugo Manuel pela sua paciência e apoio incondicional em todas as etapas e por me ajudarem a descomprimir e a voltar a acreditar.

Aos colegas que me acompanharam neste percurso, principalmente à Ana Isabel Bernardino e ao David Rosa, por todo o apoio e companheirismo demonstrados ao longo deste desafio.

A todos os que participaram nesta investigação, obrigada pelo genuíno interesse e por investirem tempo e acreditarem neste projeto.

A todos o meu sincero “Obrigada”.

Resumo

Além de encurtar a distância entre pessoas e negócios, a disseminação da tecnologia levou à alteração do mercado laboral. Diversas áreas e profissionais viram-se obrigados a rever os métodos de trabalho e a adaptá-los à nova realidade, mais tecnológica. O mundo da tradução e os seus profissionais não foram exceção, tendo de se adaptar às novas ferramentas de trabalho tecnológicas, no uso de motores de pesquisa, dicionários online, ferramentas de apoio à tradução e ferramentas de tradução automática.

Esta simbiose entre tecnologia e tradução faz-nos questionar sobre o impacto da tecnologia na definição das competências essenciais do tradutor *freelancer*. Para responder a esta questão, investigaram-se as principais necessidades deste mercado na perspetiva dos tradutores, dos gestores de projetos e dos clientes.

Recorrendo a uma abordagem metodológica qualitativa, na forma de três *focus groups*, e analisando o resultado utilizando o Leximancer, conclui-se que, para os tradutores, o principal impacto da tecnologia prende-se com a quantidade de ferramentas que devem dominar para serem competitivos no mercado. Para os gestores de projeto, o impacto nota-se sobretudo no encurtamento de prazos e consequente necessidade de selecionar tradutores com competências tecnológicas e de relacionamento pessoal e interpessoal. Por seu lado, os clientes procuram tradutores que, não descurando as competências linguísticas e tradutórias, tirem partido das tecnologias existentes para rentabilizar os projetos, encurtando prazos e assegurando a qualidade do produto final.

Este estudo contribui para clarificar as competências essenciais do tradutor, auxiliando na compreensão da necessidade de disponibilização de formações tecnológicas, no âmbito académico e profissional.

Palavras-Chave: tradução; tecnologia; competências; tradutor; tradução assistida por computador; tradução automática.

Abstract

The dissemination of technology shortened the distance between people and businesses and changed the landscape of the labour market. Many professionals had to change their working habits and adopt the new technologies. The world of translation and translators also had to adapt themselves to the new technologies and start using new tools, such as search engines, online dictionaries, CAT tools and machine translation.

The interconnection between translation and technology makes us wonder about the impact of technology on the definition of the core competencies of a freelance translator. To address this question, it was necessary to understand the needs of the market according to translators, project managers, and clients.

By conducting three focus groups, a qualitative methodology, and using Leximancer to analyse the result, one can conclude that translators consider that the main impact of technology is in the number of different tools that they need to master to be competitive. In the project managers opinion, this impact is felt in the tighter deadlines and, consequently, the need to recruit translators with technological and personal and interpersonal competences. Clients prefer to work with translators that combine the traditional linguistic and translational competences with the technological knowledge that allows them to use the tools to make projects more profitable by shortening deadlines and ensuring the quality of the product.

This dissertation allows to clarify the core competences of a freelance translator and helps to understand the continued need to provide academic and professional training in the use of tools.

Keywords: translation; technology; competence; translator; computer assisted translation; machine translation.

Índice Geral

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Índice Geral.....	iv
Índice de Tabelas	vi
Índice de Figuras	vii
Glossário de Abreviaturas e Siglas	viii
Capítulo 1 – Introdução	1
1.1. Enquadramento do tema	1
1.2. Motivação e relevância do tema	2
1.3. Questões e objetivos de investigação.....	3
1.4. Abordagem metodológica.....	3
1.5. Estrutura e organização do estudo	4
Capítulo 2 – Revisão da Literatura.....	5
2.1. Tradução e o Processo Tradutório	5
2.2. Tecnologia na Tradução.....	6
2.2.1. Ferramentas de Tradução Assistida por Computador.....	6
2.2.2. Tradução Automática	11
2.3. Principais competências do tradutor	16
2.4. Principais necessidades no mercado da tradução e da localização	19
Capítulo 3 – Metodologia	21
3.1. Objetivos de investigação	21
3.2. Desenho de investigação.....	22
3.2.1. Abordagem Metodológica	22
3.2.2. <i>Focus Groups</i>	23
3.2.3. Software de análise qualitativa	24
3.3. Elaboração do Guião.....	25
Capítulo 4 – Análise e discussão dos resultados	27
4.1. Análise de resultados	27
4.1.1. Recolha de dados	27
4.1.2. Resultados.....	29
4.1.3. Análise de <i>tags</i>	30
4.1.4. Ocorrência e relevância de temas e conceitos	31
4.2. Discussão dos resultados dos <i>Focus Groups</i>	33
4.2.1. <i>Focus Group</i> 1: Tradutores.....	33

4.2.2. <i>Focus Group 2: Gestores de Projeto</i>	37
4.2.3. <i>Focus Group 3: Clientes</i>	40
Capítulo 5 – Conclusões	45
5.1. Principais conclusões	45
5.2. Contributos para a comunidade científica e empresarial	46
5.2.1. Implicações ao nível académico (Contributo Teórico).....	46
5.2.2. Implicações ao nível empresarial (Contributo Prático)	46
5.3. Limitações do estudo	47
5.4. Propostas de investigação futura.....	47
Referências Bibliográficas	48
Apêndices	51
Apêndice A	51
Apêndice B	85
Apêndice C	111

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Guião focus group.....	25
Tabela 2 – Caracterização participantes Focus Group 1: Tradutores	28
Tabela 3 – Caracterização participantes Focus Group 2: Gestores de Projeto	28
Tabela 4 – Caracterização participantes Focus Group 3: Clientes	28
Tabela 5 – Ocorrência e relevância de conceitos	32

Índice de Figuras

Figura 1 – Ambiente de tradução MemoQ (Balashov, 2020).....	9
Figura 2 – Ambiente de tradução baseado em nuvem (Balashov, 2020)	10
Figura 3 – Mapa de resultados dos Focus Groups.....	29

Glossário de Abreviaturas e Siglas

EMT – Rede Europeia de Mestrados em Tradução (European Masters in Translation)

GP – Gestor de Projetos

MT – Memórias de Tradução

NMT – Sistemas de Tradução Automática Neural (Neural MT Systems)

PG – Pós-graduação

QA – Controlo de Qualidade (Quality Assurance)

RBMT – Sistemas de Tradução Automática Baseados em Regras (Rule-Based MT Systems)

SMT – Sistemas de Tradução Automática Estatística (Statistical MT Systems)

TA – Tradução Automática

TAC – Tradução Assistida por Computador

TB – Base de dados terminológica (Term Base)

TS – Estudos de Tradução (Translation Studies)

Capítulo 1 – Introdução

1.1. Enquadramento do tema

A globalização progressiva e a disseminação das comunicações e negócios entre diversas culturas e territórios originaram uma mudança na maioria das profissões. O mercado da tradução e localização não é uma exceção e passou a correlacionar-se com o mundo digital e tecnológico, uma vez que ambas as áreas se ligam à linguagem, à informação e à comunicação e, por conseguinte, à tecnologia (Folaron, 2019).

Desde o início da humanidade que há a necessidade de comunicação entre pessoas individuais e entre grupos em áreas geográficas diferentes. É neste contexto que surge o mercado da tradução, como parte integrante das línguas e ligado à comunicação e à troca de mensagens entre pessoas pertencentes a grupos diferentes, falantes de idiomas diferentes e em localizações geográficas diferentes (Carmo, 2017; Céspedes, 2020).

Assim, dado que a tradução é um meio de comunicação que pressupõe um conhecimento cultural *a priori* e o conhecimento de pelo menos dois idiomas (Folaron, 2019) e que a comunicação tem sofrido grandes alterações com o aparecimento da tecnologia e a propagação do acesso à Internet, os profissionais desta área tiveram de se desprender dos métodos tradicionais (reuniões presenciais, escrita à mão, consulta física de livros e dicionários, prazos alargados, consulta de especialistas nas áreas técnicas) e adaptar-se às novas e emergentes ferramentas de trabalho (motores de pesquisa, dicionários online, ferramentas de apoio à tradução) (Céspedes, 2020).

Austermühl (2001) referia que a profissão estava em clara mudança devido à era da informação e que a disponibilização da informação de forma mais rápida e num maior espaço iria mudar o trabalho dos tradutores. O mesmo autor indica que as novas ferramentas de trabalho começaram a permitir pesquisar de forma mais abrangente em poucos segundos, abrindo a possibilidade de desenvolver ferramentas de apoio à tradução. Segundo Calhanas (2016), o mercado da tradução usa as novas tecnologias por forma a tornar a profissão mais prática, eficaz e aumentando a qualidade do produto final.

Este impacto tecnológico tem vindo a notar-se também na evolução da profissão. Enquanto na era pré-tecnologia os tradutores eram funcionários internos de empresas (anos 70 e 80), na era tecnológica deixou de ser necessário ter tradutores internos. Desta forma, a partir da década de 80 do século XX denotou-se uma tendência para *outsourcing* destes profissionais, criando assim carreiras menos estáveis (Atkinson, 2012).

Assim, pode dizer-se que o tradutor passou já por três etapas diferentes na evolução da profissão: de uma tradução mais manual para uma tradução assistida por computador e agora para uma tradução máquina assistida por tradutores (Céspedes, 2020).

1.2. Motivação e relevância do tema

A ideia de que a tecnologia poderá substituir os tradutores advém dos anos 50 do século XX, quando o objetivo inicial da tradução automática (*Machine Translation* – TA) era tornar obsoleto o papel do tradutor, no entanto, tal objetivo nunca foi, e poderá nunca vir a ser, atingido (Balashov, 2020).

Atkinson (2012) refere os desafios tecnológicos e profissionais sentidos pelos tradutores *freelancers*, no entanto, a sua investigação centra-se nas circunstâncias profissionais e psicológicas que definem o sucesso dos tradutores. Bundgaard (2017) foca-se nas atitudes dos tradutores relativamente à interação com a tecnologia, nomeadamente com os computadores e. Nurain Mudawe (2019) descreve sobretudo as ferramentas e os estudos de tradução.

Denota-se uma falha no que diz respeito ao impacto da tecnologia nas competências dos tradutores, pelo que o tema deste estudo será focado nas tecnologias e na tradução, procurando compreender qual o impacto das primeiras na alteração das competências necessárias aos profissionais deste sector.

Considerando que o mercado da tradução se envolve profundamente com a crescente globalização e com o avanço tecnológico (Nurain Mudawe, 2019), torna-se relevante perceber o seu impacto neste mercado, sobretudo porque a tradução facilita a comunicação entre indivíduos ou países de línguas diferentes (Zayyanu et al., 2017). Neste sentido, aprofundar este tema permite obter um maior conhecimento sobre a forma como a área da tecnologia tem provocado algumas alterações nas atitudes e na forma como a comunicação é percebida (Gambier, 2019).

Este tema poderá ser relevante para os intervenientes no mercado da tradução, na medida em que poderá ajudar a que compreendam melhor de que forma a tecnologia tem vindo a alterar os processos e mercados atuais (Gambier, 2019) e ao perceber que o uso da tecnologia criou uma dependência de ferramentas tecnológicas, como os computadores (Zayyanu et al., 2017), as ferramentas TAC e a Internet. Este estudo poderá ser interessante para auxiliar as empresas de tradução e possíveis clientes a selecionar os

melhores profissionais e tecnologias para os seus projetos/produtos. Este é um dos problemas nesta área, a dificuldade em encontrar tradutores com as competências necessárias (F. E. M. do Carmo, 2017), que se procurará, neste estudo, abordar ao refletir sobre as competências essenciais destes profissionais.

1.3. Questões e objetivos de investigação

Pretende-se analisar as alterações provocadas pelo impacto tecnológico, tendo como objetivo principal:

Investigar as principais necessidades no mercado da tradução na perspetiva dos tradutores, gestores de projeto e clientes.

Para tal, neste estudo procurar-se-á responder à questão:

Qual o impacto das tecnologias na definição das competências essenciais do tradutor *freelancer*?

1.4. Abordagem metodológica

Para obter uma visão mais aprofundada da opinião dos intervenientes neste mercado e para obter uma resposta relativamente a “de que forma” e “qual o impacto” optou-se por utilizar uma abordagem metodológica qualitativa. Nesse sentido, foram realizados três *focus groups* compostos por seis pessoas, intervenientes no mercado da tradução, tais como tradutores, gestores de projeto, gestores de recursos humanos e clientes.

Para a realização destes *focus groups*, foi elaborado e seguido um guião relacionado a questão de partida e com os objetivos propostos, visando recolher dados que fundamentem as informações obtidas na revisão da literatura. Este guião visou permitir uma interação entre os elementos do grupo e o moderador do mesmo no que diz respeito à temática da tecnologia de tradução e do seu impacto. Este tipo de investigação permite ter acesso a dados e visões sobre a temática considerando as variáveis no seu contexto natural e que seriam de mais difícil acesso num ambiente diferente.

Os *focus groups* foram gravados e transcritos, mediante autorização dos participantes, para posterior análise utilizando o software Leximancer. Os resultados da análise foram apresentados num mapa conceptual, analisados e discutidos no capítulo quatro.

A análise dos resultados obtidos, que espelham a experiência pessoal dos elementos deste mercado que participaram nos *focus groups*, permitiu obter conclusões que poderão auxiliar os envolvidos neste mercado de trabalho ao investigar, no contexto real, de que forma a tecnologia alterou as competências dos tradutores e ao comprovar o seu impacto através da confirmação das tecnologias mais utilizadas, das principais competências procuradas aquando da seleção de tradutores e ao verificar que as competências técnicas são as mais relevantes atualmente e que as competências linguísticas e tradutórias são uma mais-valia.

1.5.Estrutura e organização do estudo

Este estudo está organizado em cinco capítulos, refletindo as suas diferentes fases.

No primeiro capítulo é realizada a contextualização do tema, referida a motivação para a realização do estudo e a relevância do mesmo, salientando-se a questão e os objetivos de investigação e descrevendo-se a estrutura do presente estudo.

No segundo capítulo aprofunda-se o enquadramento teórico, começando por descrever o mercado da tradução e contextualizar o processo tradutório. Em seguida é enquadrada a utilização da tecnologia neste mercado e feita uma reflexão sobre as competências consideradas essenciais no tradutor atual. O capítulo termina com uma análise das principais necessidades do mercado da tradução e da localização.

O terceiro capítulo debruça-se sobre a metodologia utilizada na recolha e tratamento de dados e sobre os métodos de análise utilizados e no quarto capítulo são analisados e discutidos os resultados obtidos e apresentadas as descobertas feitas no decorrer das etapas de recolha de dados e na sua análise.

O quinto capítulo é dedicado à reflexão sobre as conclusões deste estudo, as suas limitações e as recomendações para trabalhos de investigação futuros.

Este estudo termina com a indicação das referências bibliográficas utilizadas.

Capítulo 2 – Revisão da Literatura

2.1. Tradução e o Processo Tradutório

A tradução pode ser vista como a arte de verter a informação/texto para outra língua sem alterar ou adulterar a mensagem. Assim, a tradução é uma solução para a comunicação global entre pessoas ou países com línguas e/ou culturas diferentes, permitindo a assimilação mútua pelas diferentes comunidades (Nurain Mudawe, 2019; Zayyanu et al., 2017).

Na elaboração da tradução, o tradutor considera e pondera diversos aspetos, tais como o objetivo e funcionalidade comunicativos e a adaptação cultural, por forma a obter o mesmo impacto na língua de chegada (texto traduzido). Todo o processo tradutório passa por desafios linguísticos, mas também por voltar a contextualizar o texto numa cultura diferente consoante o objetivo estabelecido no processo decisório que envolve não só o tradutor, mas também o cliente e o utilizador final (Gambier, 2019).

Segundo Félix do Carmo (2017), a maioria dos estudos sobre o processo tradutório, até então publicados, refere três fases neste processo: orientação (inclui o planeamento e leitura), esboço (inclui o desenvolvimento e a criação do texto de chegada) e a revisão (F. E. M. do Carmo, 2017).

Não se pode falar em tradução ou estudos de tradução (TS – *Translation Studies*) sem mencionar o livro *In Other Words*, onde Mona Baker refere a tradução como sendo baseada em conhecimento e experiência, mas acabando, na primeira versão, por apenas se debruçar sobre as competências linguísticas, enumerando várias áreas de equivalências linguísticas entre idiomas. No entanto, na terceira versão do livro, a autora faz uma reflexão sobre algumas escolhas e dilemas com que os profissionais desta área se deparam e para os quais raramente estão preparados (Baker, 2018).

Embora a finalidade da tradução seja ligada à comunicação, inicialmente as principais características dos tradutores limitavam-se a competências linguísticas, no entanto, o advento das tecnologias da comunicação, da informação e informática, levou a alterações no mercado da tradução e consequentes competências dos seus profissionais. O impacto da tecnologia nota-se até na nomenclatura do próprio mercado. Atualmente, nota-se uma quase negação do termo “tradução” e a utilização de um termo diferente consoante a área técnica. Por exemplo, na área da informática, mais concretamente no campo do *software*,

é habitual falar-se em localização para se referir à tradução de um *software* (Gambier, 2019).

Em 1994, Juan Sager previa que as ferramentas mais importantes no futuro dos tradutores incluiriam a recolha de traduções existentes. Esta foi a primeira evolução tecnológica da profissão: a introdução das ferramentas de Tradução Assistida por Computador (TAC).

Uma segunda evolução tecnológica foi anunciada já em 1999 por Hannelore Lee-Jahnke e Monique C. Cormier ao referirem que, ao contrário do que acontecia na tradução assistida por computador, na tradução automática o computador produziria a tradução e o tradutor passaria apenas a fazer a edição da mesma.

Esta distinção entre dois tipos de tradução enquadra-se na automatização da tradução proposta por Hutchins & Somers, em 1992, mas foi já alvo de necessidade de maior especificação. Em 2008, Alcina Amparo divide já as tecnologias de tradução em cinco componentes diferentes (equipamento informático, ferramentas de documentação e comunicação, edição de texto e paginação, ferramentas, recursos linguísticos e ferramentas de tradução).

Neste contexto, a tecnologia tem alterado a forma como o mercado da tradução funciona ao facilitar o trabalho destes profissionais por meio de ferramentas e aplicações desenvolvidas com vista a acelerar o seu ritmo de trabalho (Nurain Mudawe, 2019). O desenvolvimento contínuo destas ferramentas tecnológicas continua a criar mudanças no panorama do mercado da tradução e a alterar não só a perceção do que é a tradução por parte dos seus utilizadores, como também entre os seus profissionais e investigadores (Gambier, 2019).

2.2. Tecnologia na Tradução

2.2.1. Ferramentas de Tradução Assistida por Computador

O mundo digital tem as suas raízes em meados do século XX, quando os computadores começaram a proliferar.

Segundo Sin-wai (2015), a tradução assistida por computador desenvolveu-se após o inicial fracasso da tradução automática nos anos 60. Entre a última metade dos anos 60 e a primeira metade dos anos 80, deu-se o período de germinação, em que começaram a

aparecer ferramentas tecnológicas para o auxílio da tarefa dos tradutores. Por volta dos anos 90, como previsto por Juan Sager, disseminaram-se diversas dessas ferramentas, tais como as memórias de tradução, as bases de dados terminológicas, as ferramentas de verificação ortográfica e a tradução automática, entre outras. Apareceram ainda tecnologias que combinam várias destas ferramentas em ferramentas TAC: em 1991, a STAR AG lançou uma ferramenta (Transit 1.0) com funcionalidades que ainda se encontram nas ferramentas TAC dos dias de hoje, um editor com janelas diferentes para o texto original e para o texto traduzido e proteção de *tag* (etiquetas que marcam diferentes tipos de formatação do texto), uma memória de tradução, uma componente de gestão terminológica e funcionalidades de gestão de projeto e em 1992 é lançado o primeiro sistema comercial do Trados. Entre 1993 e 2003 deu-se a maior difusão e crescimento das ferramentas TAC, devido à comercialização de mais ferramentas (foram desenvolvidas e comercializadas cerca de mais 20 ferramentas), ao desenvolvimento de novas funcionalidades integradas (possibilidade de alinhar textos, integração de tradução automática, entre outros), à predominância de utilização do sistema operativo Windows (facilitando a compatibilidade de ferramentas), à integração de novos formatos de documentos e novas línguas e à hegemonia do Trados na liderança deste mercado. A partir de 2004, assistiu-se a um período de desenvolvimento global, começando a aparecer ferramentas criadas por empresas de diversos países, sendo que algumas delas disponibilizam funcionalidades como a integração em servidores e *cloud* [nuvem] (Sin-wai, 2015).

Estas ferramentas passam a ser imprescindíveis sobretudo devido à proliferação do acesso à Internet e à necessidade de tradução de milhares de textos técnicos idênticos num curto espaço de tempo. Nesta altura já se falava em tecnologias de localização, que incluem a adaptação, da interface do utilizador e de toda a documentação associada ao *software*, à cultura do idioma de chegada (Céspedes, 2020; Folaron, 2019; Gambier, 2019).

Nesta sociedade baseada na tecnologia da informação, os pedidos de trabalho chegam aos tradutores de forma quase instantânea, através de *e-mail*, e espera-se uma resposta quase imediata e um prazo de entrega cada vez mais curto, aumentando a necessidade de ter o auxílio das tecnologias para que estes profissionais se mantenham competitivos (Stupiello, 2015). Estas necessidades em constante evolução do mercado de trabalho fazem com que seja vital um maior conhecimento das ferramentas de tecnologia de

tradução (tradução assistida por computador, tradução automática, ferramentas de controlo de qualidade, entre outras) (Moorkens, 2017).

Assim, é do extremo interesse do tradutor aprender a utilizar ferramentas TAC. Uma ferramenta de tradução assistida por computador é, segundo Patrycja Karpińska, um programa complexo que contém muitas e diversas funcionalidades cujo objetivo é tornar o trabalho do tradutor mais eficiente (Karpińska, 2017a).

Vejamos agora o funcionamento de uma ferramenta TAC.

Ao importar um texto numa ferramenta TAC, este é dividido em segmentos (por norma, equivalentes a uma frase) que, ao serem traduzidos, são adicionados à memória de tradução (MT). É com base nestes segmentos que a ferramenta TAC realiza a análise de nível de correspondência de similaridade entre os novos textos e os existentes na MT, apresentando os resultados ao tradutor, para sua validação (Balashov, 2020).

As MT não são nada mais do que bases de dados de traduções anteriores agregadas em ficheiros de pesquisa fácil e automática por parte da ferramenta TAC. Conforme referido, as MT permitem reutilizar, pesquisar e partilhar as traduções efetuadas em trabalhos futuros ao fazer correspondência entre termos e frases do novo texto com os de textos anteriores, existentes na base de dados. Estas correspondências possibilitam uma maior eficiência por parte do tradutor (Nurain Mudawe, 2019; Stupiello, 2015).

Apesar de cada ferramenta ter, por norma, a MT no seu formato de ficheiro específico (por exemplo, .sdltm no caso do Trados Studio), é possível, exportar o conteúdo num formato que permita importar para outra ferramenta (formato .tmx – *translation memory exchange*). A ferramenta TAC efetua automaticamente a pesquisa do segmento (trecho a traduzir) em todas as MT associadas ao projeto e apresenta os resultados. Dependendo das configurações definidas, esta ferramenta pode apresentar correspondências parciais com a MT (Karpińska, 2017a).

Na Figura 1 é apresentado o ambiente de tradução em MemoQ, onde se nota a utilização da memória de tradução, a correspondência parcial do texto e a utilização da base de dados terminológica.

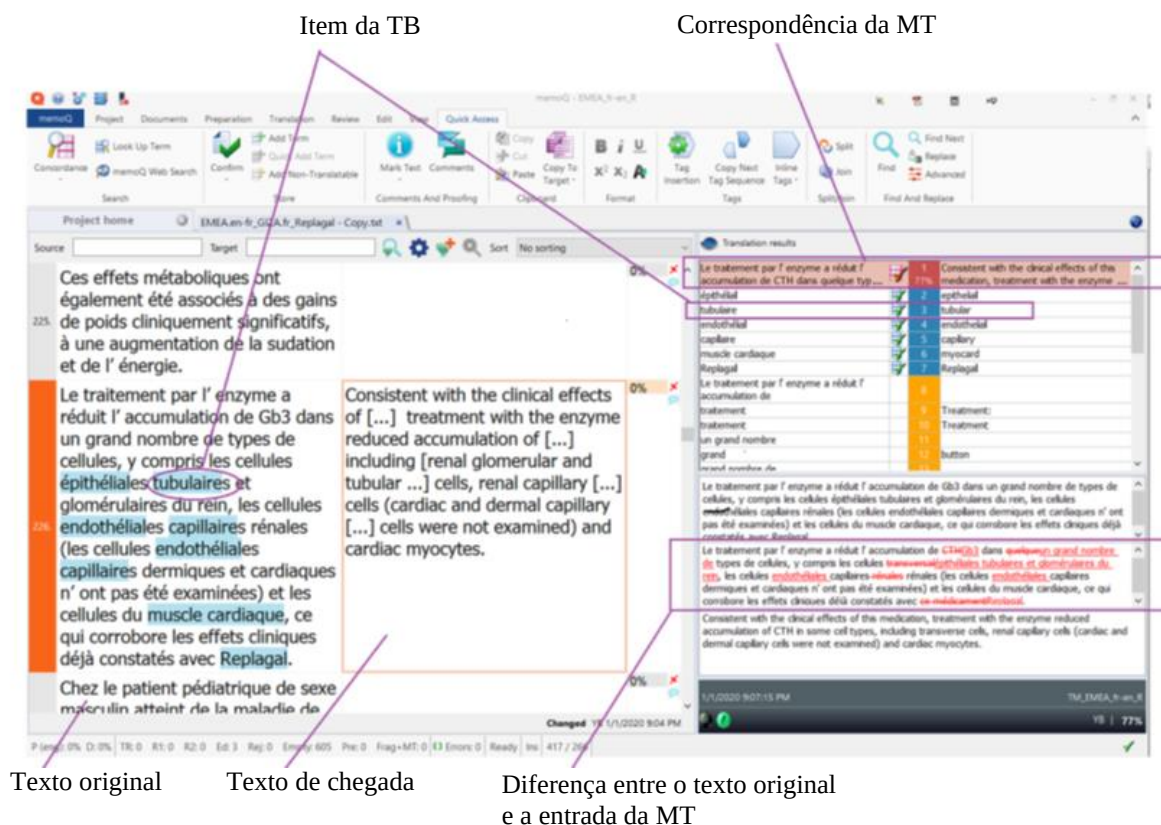


Figura 1 – Ambiente de tradução MemoQ (Balashov, 2020)¹

Talhaferro (2018) refere-se às memórias de tradução como uma forma de padronizar as opções tradutórias. Uma outra forma de padronizar traduções, passa pela utilização de bases de dados terminológicas, como meio de integrar glossários na ferramenta TAC.

A mesma autora indica ainda que estes sistemas auxiliam a que o tradutor consiga manter a consistência do trabalho, sobretudo quando a tradução é dividida por equipas de tradutores que partilham as mesmas bases de dados (memória de tradução e terminológica), mas que a qualidade das traduções contidas nessas bases de dados depende da competência dos tradutores ao utilizar a ferramenta (Talhaferro, 2018).

Cada vez mais as ferramentas TAC permitem que o gestor do projeto crie o projeto de tradução num servidor ou nuvem e atribua diferentes partes do projeto (ou texto) a diferentes tradutores, que, por seu lado, trabalham em equipa, remotamente, no mesmo projeto, permitindo cumprir os prazos mais apertados. Esta estrutura baseada em nuvem permite que tradutores sediados em diferentes países possam trabalhar num mesmo projeto (Balashov, 2020).

¹ Imagem retirada da obra *The Translator's Extended Mind* de Yuri Balashov.

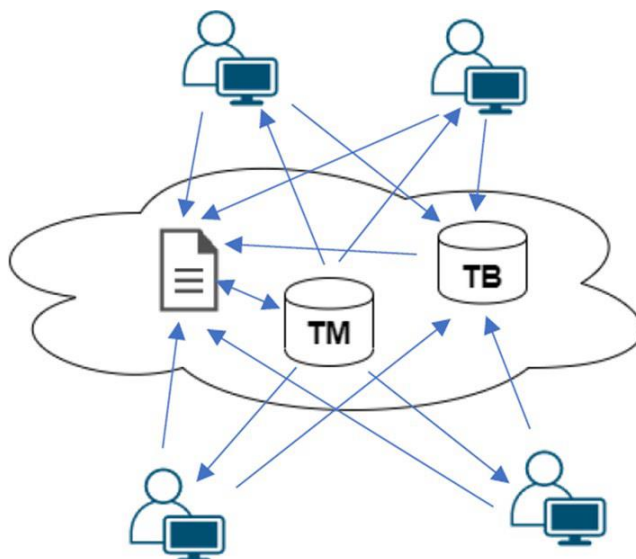


Figura 2 – Ambiente de tradução baseado em nuvem (Balashov, 2020)²

Contudo, nem tudo é positivo no que diz respeito às ferramentas TAC. As ferramentas tecnológicas mais utilizadas no mercado da tradução acabam por ser criadas por empresas individuais e conter *software* proprietário (cujo código fonte é detido por uma empresa e dificilmente divulgado noutro contexto que não para publicitar o produto). Este *software* é vendido por meio de licenças que permitem a sua utilização (licenças de servidor e licenças de utilizador final, consoante a utilização pretendida). Estas ferramentas acompanham e incorporam os desenvolvimentos das ferramentas tecnológicas, incluindo a utilização da nuvem, como referido anteriormente, das plataformas de multimédia e outros ambientes tecnológicos que facilitem a comunicação e fomentem a eficiência na transferência destes conteúdos linguísticos (F. E. M. do Carmo, 2017).

Uma das competências mais desenvolvida nos tradutores devido ao impacto da tecnologia na profissão foi a competência técnica, onde se incluem estas tecnologias de tradução e que será abordada posteriormente neste estudo. Segundo as descobertas realizadas por António Calhanas nos questionários por ele realizados, já em 2016, metade dos inquiridos considerava que o conhecimento técnico, mais precisamente no campo da informática era essencial para exercer esta profissão.

A aptidão tecnológica e o acompanhamento da evolução tecnológica no mercado da tradução são uma mais-valia na medida em que ajudam a garantir a transferência de

² Imagem retirada da obra *The Translator's Extended Mind* de Yuri Balashov.

informação de forma consistente entre o cliente e o prestador de serviços. Para garantir a uniformidade nessa transferência e a conformidade com os requisitos do cliente, surgiram ferramentas de controlo de qualidade (QA – *Quality Assurance*) que permitem analisar o produto final com o propósito de prevenir erros e atingir a melhor qualidade possível (Seljan, 2018).

O mesmo autor indica que as ferramentas de QA se focam sobretudo: i) em verificações a nível de segmentos (detecção de traduções incompletas), ii) verificações de consistência, incluindo verificações de consistência e conformidade terminológica, consistência do original e da tradução, bem como erros de URL, iii) verificações de pontuação e de erros ortográficos; iv) verificações de datas, números e moeda, v) controlo de terminologia e vi) verificações de *tag* (Seljan, 2018).

Relativamente a tipos de ferramentas de QA, podemos ver o artigo de Viktoriya Petrova sobre processos e ferramentas de controlo de qualidade de tradução em relação a ferramentas TAC, onde refere e compara as ferramentas mais utilizadas na indústria: QA Distiller, Xbench, Verifika, Error Spy e Ltb (Petrova, 2019).

2.2.2. Tradução Automática

A tradução automática (TA) pode ser considerada a designação de qualquer sistema ou método cujo objetivo seja criar uma versão do texto de origem numa outra língua através da aplicação de métodos automatizados. Embora este seja um termo genérico, permite distinguir esta tecnologia das ferramentas de apoio à tradução e representa formas de produzir na íntegra textos noutras línguas e módulos que apresentam a sugestão de tradução (F. E. M. do Carmo, 2017).

Lara Talhaferro define a tradução automática (TA) como “tradução por máquina auxiliada por humano”, em que a máquina faz a pré-tradução do texto a partir de uma base de dados linguísticos e o tradutor faz a pós-edição do mesmo, assegurando a correção e qualidade do texto final. A autora refere ainda que se nota uma resistência por parte dos tradutores em relação às tecnologias de TA devido à pouca qualidade do resultado das mesmas (Talhaferro, 2018, pág. 25).

Embora a TA tenha sido introduzida nos anos 50 do século XX, com a criação dos computadores, esta só começou a ter impacto no mercado da tradução por volta dos anos 90 com o disseminar da Internet, dos computadores e o advento da tecnologia da

informação (Céspedes, 2020; O'Brien, 2012). É neste campo que a globalização e a tecnologia mais evoluíram, permitindo aos investigadores e criadores de *software* redefinir os métodos da TA estatística e neural e comercializar novos programas e dispositivos (Folaron, 2019).

Importa, antes de mais, indicar que a TA é o ramo da linguística computacional que analisa a utilização de ferramentas tecnológicas para verter um texto de uma língua para outra. Neste sentido, pode dizer-se que para abordar a tecnologia da TA, é possível fazê-lo a partir de três ramos distintos: a linguística, a matemática e a informática (Peng, 2018).

É neste tipo de tradução que mais se nota o impacto da tecnologia, sendo que o utilizador da ferramenta pode enviar uma frase ou texto para o sistema de TA e recebe quase instantaneamente (dependendo do tamanho do texto original) o texto na língua selecionada. Caso o objetivo de utilização desse texto exija um produto final de elevada qualidade, o texto é enviado a um tradutor que fará a pós-edição do mesmo. Por pós-edição entende-se a verificação da qualidade da tradução realizada pela máquina e correção dos erros encontrados (O'Brien, 2012). Para mais detalhe sobre a tarefa de pós-edição, pode consultar-se a tese de Doutoramento em Ciências da Linguagem do Dr. Félix Emanuel Martins do Carmo, intitulada *Post-Editing: A theoretical and practical challenge for translation studies and machine learning*.

Segundo Vivien Macketanz et al., pode-se dividir a tradução automática em três paradigmas principais, que serão abordados em seguida: *Rule-Based MT systems* (RBMT), *Classical Phrase-Based Statistical MT systems* (SMT) e *Neural MT systems* (NMT) (Macketanz et al., 2017).

A RBMT baseia-se no trabalho de Noam Chomsky, de 1965, sobre a gramática generativa e transformacional, e no de outros gramáticos generativos e aplicando diversas regras gramaticais e sintáticas a processos linguísticos de análise frásica, transferência (análise frásica na língua de chegada) e criação frásica na língua de chegada. Já Macketanz et al. (2017), definem a RBMT como um método de regras linguísticas que podem captar as diferenças estruturais e semânticas. Por seu lado, Nurain Mudawe (2019) acrescenta ainda que na RBMT o texto é criado por meio da análise de correspondência de linguística, semântica, estrutura gramatical e itens morfológicos que existem em ambas as línguas. Este tipo de TA tem um resultado de qualidade previsível e consistente, no entanto, falha no que diz respeito à fluidez da língua, às exceções às regras e possui um elevado custo de desenvolvimento e de personalização. Atualmente ainda há empresas,

como a Systran, que investem no desenvolvimento deste tipo de TA (F. E. M. do Carmo, 2017; Macketanz et al., 2017; Nurain Mudawe, 2019; Zayyanu et al., 2017).

A SMT apareceu nos anos 90 do século XX devido à disponibilidade de obter um *corpus* com textos reais e ao processamento utilizando ferramentas de linguística computacional. No entanto, dado que as ferramentas foram criadas de forma a efetuar todas as análises possíveis até para frases simples, sem qualquer indicação relativamente à análise preferencial, a comunidade de linguística computacional focou-se nos modelos estatísticos com parâmetros derivados de uma análise de corpora monolíngue e multilíngue. Este tipo de TA segue diferentes mecanismos baseados na descodificação de textos bilingues, tais como palavra-a-palavra, transferência sintática, tradução baseada em exemplos e baseada em estatística. Havendo disponibilidade de um grande volume de dados (cerca de dois milhões de palavras nessa área) e poder computacional suficiente, é possível treinar estes modelos estatísticos por forma a traduzir frases novas. Segundo Carl & Braun, este é o modelo utilizado como base para o Google Translate e diversos outros protótipos de pesquisa. Ainda assim, a qualidade do resultado não é previsível e, chega mesmo a ser baixa ao utilizar a TA noutras áreas técnicas. Em contrapartida, este tipo de TA tem boa fluidez da língua e adapta-se melhor às exceções (Carl & Braun, 2017; Nurain Mudawe, 2019; Zayyanu et al., 2017).

Macketanz et al. (2017) definem a NMT como a tecnologia mais moderna, com um desempenho idêntico ao da RBMT, mas com melhor utilização dos tempos verbais. Este tipo de TA utiliza modelos de rede neural para implementar a aprendizagem num modelo de TA estatístico, ou seja, é idêntica à SMT no que diz respeito ao requisito de utilização de enormes corpora de textos, mas utiliza uma abordagem computacional diferente. Só em 2016 é que este tipo de TA teve bom feedback de utilização por parte de empresas como a Google e a Systran. Embora seja uma TA com bom feedback, este tipo de TA tem sido utilizado sobretudo como componente em sistemas SMT para reavaliar a qualidade das hipóteses de tradução (F. E. M. do Carmo, 2017; Macketanz et al., 2017; Nurain Mudawe, 2019).

Segundo Balashov (2020), a qualidade do resultado da TA tem vindo a aumentar, no entanto, tal não colocou em causa o papel do tradutor, esta tecnologia apenas obrigou a reanalisar a relação entre a tradução humana e máquina, permitindo que os primeiros se foquem onde é mais necessário (Balashov, 2020; Zayyanu et al., 2017).

Assim, pode dizer-se que, apesar da melhoria na qualidade dos resultados, de permitir uma maior rapidez do processo, de ser mais barata, de traduzir textos contendo várias línguas originais e de permitir manter uma maior confidencialidade dos dados, a TA traz também a desvantagem de exigir uma maior adaptação dos profissionais à utilização de ferramentas tecnológicas (Zayyanu et al., 2017).

Segundo Gambier (2019), é possível que, no futuro, a intervenção do tradutor passe quase na íntegra por realizar a pós-edição de TA, permitindo disponibilizar traduções de elevada qualidade mesmo em conteúdos mais sensíveis como a publicidade, os textos literários e a documentação jurídica.

Interessa ainda refletir mais sobre possíveis benefícios na utilização das ferramentas de TA. Para os clientes e utilizadores finais, a TA pode significar a obtenção do produto pretendido num período de tempo bastante mais reduzido, uma maior uniformização em termos de qualidade e a redução dos custos inerentes. Estas vantagens devem-se sobretudo à utilização de um *corpus* de texto que permite a reutilização de traduções anteriores que não precisam de ser retraduzidas e à utilização da aprendizagem máquina, ou seja, da possibilidade de alimentar e corrigir os motores/sistemas de TA. Convém ainda referir que a utilização da TA pode ter vantagens também para os profissionais nesta área na medida em que permite aumentar a sua capacidade de trabalho no mesmo período de tempo. Esta vantagem é superior no caso dos tradutores iniciantes que ainda não têm a mesma rapidez e conhecimento da terminologia e das estratégias de tradução nas diferentes áreas técnicas. Outra vantagem geral é a possibilidade da tradução de um maior número de conteúdos no mesmo período de tempo, ou seja, a possibilidade de, por exemplo, obter o texto traduzido em várias línguas a tempo do lançamento de um produto a nível mundial (O'Brien, 2012).

No que diz respeito aos desafios, a utilização crescente da TA cria, em muitos profissionais da área, um desconforto relativamente ao seu futuro por sentirem a sua profissão ameaçada pela existência desta tecnologia. Enquanto um tradutor precisa de vários anos e investimento para adquirir as competências necessárias à sua função, um sistema de TA pode ser alimentado e treinado em poucas horas. Assim, alguns tradutores podem considerar o seu papel como diminuído a um papel de meros corretores dos erros causados pela máquina. Este sentimento pode ser aumentado pela falta de equilíbrio entre os valores pagos pela execução desta função, uma vez que a tarefa de pós-edição é paga a um valor inferior ao valor pago para a tradução em si, e a produtividade esperada,

sobretudo quando a TA apresenta erros em situações que não são pagas. A dificuldade na definição e aplicação dos controlos de qualidade apropriados e a divergência nas expectativas ou a existência de expectativas pouco realistas relativamente à qualidade do produto final são dois desafios que também importa considerar quando se fala em utilização de TA (O'Brien, 2012).

Neste contexto, denota-se uma fusão entre a linguística e a informática, criando poderosas ferramentas que ligam os estudos linguísticos e os estudos de tradução às tecnologias de informação. Esta ligação torna inevitável que os tradutores desenvolvam as competências técnicas, supramencionadas e que serão abordadas posteriormente, na área da informática e sejam mais versáteis na utilização das tecnologias (Nitzke et al., 2019).

Estas competências indicadas por Nitzke podem ser encontradas já no modelo de competências identificadas pela rede Europeia de Mestrados em Tradução - *European Masters in Translation* (EMT) - que se baseia também nas competências referidas na norma ISO 17100. De momento, em Portugal, há apenas três mestrados que integram esta rede, o da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e o do Instituto Politécnico do Porto. Na estrutura do mestrado em tradução, a União Europeia refere as seguintes cinco áreas de competências a adquirir por parte do tradutor atual: Linguística e Cultura, Tradução, Tecnologia, Pessoal e Interpessoal, Prestação de Serviços (European Commission, 2017).

A norma ISO 17100, que descreve os requisitos relativos ao serviço de tradução, permite que o tradutor comprove que tem estas competências se tiver um curso superior em tradução ou noutra área e pelo menos dois anos de experiência comprovada em tradução ou simplesmente cinco anos de experiência a tempo inteiro comprovada na área da tradução (Instituto Português da Qualidade, 2016).

Serão analisadas, em seguida, com mais pormenor as cinco competências essenciais para os tradutores atuais, descritas no EMT, e verificado em que medida a tecnologia teve um papel preponderante na alteração destas competências.

2.3. Principais competências do tradutor

De acordo com a tradução oficial portuguesa da norma ISO 17100, a competência linguística e textual passa por compreender bem as línguas de partida (original) e de chegada (da tradução), conhecer aprofundadamente as convenções intertextuais e saber aplicá-las à produção da tradução (Instituto Português da Qualidade, 2016). Já o EMT define estas competências como o domínio aprofundado de duas línguas, pelo menos nível C1 do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (European Commission, 2017).

No entanto, nos dias que correm, as competências linguísticas estão também ligadas às competências técnicas, dado que a era digital originou a linguística digital (Nitzke et al., 2019). Neste sentido, a utilização das tecnologias computacionais na sua plenitude é especialmente eficaz no auxílio do domínio dos modelos lexicais e gramaticais, bem como na acessibilidade de informações linguísticas ou técnicas (Dmitrichenkova et al., 2017).

As competências tradutórias dizem respeito às questões mais práticas da tradução, como a compreensão do texto de partida e reprodução correta do significado do mesmo na língua de chegada, utilizando a informação relativa aos padrões comportamentais, à terminologia atualizada, aos sistemas de valores e às especificidades que caracterizam as culturas (Instituto Português da Qualidade, 2016).

Nestas competências enquadram-se também a adaptação do texto traduzido ao nível técnico do grupo-alvo em que será utilizado e a criação de um texto traduzido mais fluído e, por vezes, mais claro do que o próprio original (Minacori & Veisblat, 2010).

Esta capacidade é também descrita na norma ISO 17100, onde se refere que a tradução deve estar em conformidade com o acordado entre o cliente e prestador de serviço de tradução e com as restantes especificações do projeto, mas também na descrição da competência na área em que refere o uso do estilo e da terminologia adequados (Instituto Português da Qualidade, 2016).

Também podem ser introduzidas nestas competências a pós-edição (European Commission, 2017) bem como a transcrição (que diz respeito à recreação de conteúdos de marketing no idioma de chegada) (Risku et al., 2017). Embora estas competências possam ter mais especificidades próprias, contêm ainda especificidades atribuídas à tradução, tornando a sua distinção difícil (Morón & Calvo, 2018).

Para adquirir esta competência em pós-edição, os tradutores devem compreender o funcionamento dos motores de TA e as suas limitações, conforme referido anteriormente. O mesmo autor refere ainda a necessidade de os tradutores perceberem em que medida podem confiar no resultado da TA e até mesmo no resultado das memórias de tradução, o que liga diretamente esta competência às competências linguísticas e técnicas (Nitzke et al., 2019).

O acesso a dicionários eletrónicos ou outros textos técnicos é, graças à tecnologia, mais simples e rápido. Assim, pode dizer-se que a tecnologia permite um acesso mais abrangente a informações específicas que permitem encontrar a equivalência entre línguas para atingir o objetivo comunicativo, mas também as explicações necessárias sempre que haja divergências culturais entre os falantes dessas línguas, ou seja, o paradigma do livro transforma-se no paradigma digital e eletrónico (Dmitrichenkova et al., 2017; Gambier, 2019).

É na área das competências técnicas que a tecnologia tem mais impacto. Com a maior facilidade e diversidade de ferramentas digitais disponíveis, o tradutor atual precisa de ter competências digitais genéricas, como a literacia dos dados e da informação, a capacidade de avaliar de forma crítica a informação, as interações e as ferramentas digitais, bem como a capacidade de utilizar eficazmente o meio digital em pesquisas e comunicações (Nitzke et al., 2019).

Pode-se considerar como competência técnica o conhecimento, a capacidade e as aptidões necessárias para executar as tarefas técnicas através de recursos técnicos como as ferramentas e os sistemas tecnológicos, como as ferramentas TAC, as ferramentas de TA e o *software* de gestão de projeto (European Commission, 2017; Instituto Português da Qualidade, 2016).

É nesta competência que mais alterações se preveem, uma vez que as ferramentas vão sendo melhoradas. No entanto, há poucas respostas relativamente ao impacto futuro da tecnologia na forma de trabalhar destes profissionais (Bundgaard, 2017).

Denota-se que, atualmente, nestas competências técnicas se abrangem todas as competências ligadas às tecnologias.

Para além das competências indicadas, o tradutor deve ainda possuir competências pessoais e interpessoais, isto é, competências sociais e para consigo próprio. Segundo o EMT, nas competências pessoais incluímos 1) o planeamento e gestão do tempo, do stress

e do volume de trabalho, 2) o cumprimento de prazos e instruções, 3) o trabalho em equipa, 4) a utilização dos meios sociais para fins profissionais, 5) a adaptação do meio a esses mesmos fins e 6) a avaliação, atualização e desenvolvimento contínuos das competências e capacidades por meio de estratégias pessoais e de aprendizagem (European Commission, 2017).

O impacto das tecnologias é visível nestas competências interpessoais na medida em que o novo modelo de ferramentas de partilha *online* leva o tradutor a tornar-se membro de uma comunidade colaborativa e virtual internacional, permitindo que as atualizações nos projetos fiquem disponíveis de imediato. Esta disponibilidade beneficia todos os intervenientes, desde os tradutores às agências de tradução, pois disponibilizam ainda funcionalidades de gestão de projeto, revisão e terminologia, entre outras. Não esquecendo também a possibilidade de troca de experiências por meio de listas e fóruns de discussão, bem como blogs e outros meios sociais como o LinkedIn (Gambier, 2019).

O impacto da tecnologia é também visível na utilização de tecnologias colaborativas, como a computação em nuvem e a utilização da inteligência artificial, que podem auxiliar e agilizar a automatização dos processos, tornando o mercado mais eficaz e ágil (Christensen et al., 2017).

As competências de Prestação de Serviços devem ligar-se às competências interpessoais uma vez que incluem o papel social do tradutor e a relação deste com o cliente, abrangendo a capacidade de angariação de clientes. Nestas competências enquadram-se ainda as capacidades de compreender e aplicar as instruções de trabalho, que se resumem, muitas vezes, ao pacote de instruções disponibilizado pelo cliente e que o gestor de projeto partilha com a equipa de tradução (Trinca, 2017).

Segundo o EMT, nestas competências enquadram-se ainda 1) o conhecimento dos requisitos do mercado de trabalho, 2) a clarificação dos requisitos e especificações do projeto, 3) a negociação com o cliente, 4) a estruturação do projeto em si (incluindo divisão por vários tradutores, se necessário), 5) a definição dos procedimentos de qualidade aplicáveis para assegurar o cumprimento de todas as especificações, bem como dos padrões de qualidade e de ética (European Commission, 2017).

Embora esta realidade possa parecer assustadora para muitos profissionais desta área, estes autores estimam que os tradutores continuem a ser necessários, uma vez que é pouco provável que as máquinas substituam todas as tarefas do processo de tradução e que a

automatização de processos não significa necessariamente que o tradutor humano deixe de ser necessário. Esta automatização deixa mais espaço para que os profissionais se foquem mais em complementar as falhas das máquinas, sobretudo no que diz respeito à contextualização e interpretação textual consoante o objetivo final de utilização do texto traduzido (Christensen et al., 2017).

2.4. Principais necessidades no mercado da tradução e da localização

Analisando o mercado linguístico atual, nomeadamente no que diz respeito à tradução, é possível verificar que, com a globalização e a diminuição das barreiras ao negócio internacional, há uma necessidade de disponibilização de produtos numa geografia mais global, o que acarreta necessidades de rapidez e padronização do trabalho. Neste ambiente, segundo Courtney, os tradutores referem que se sentem pressionados a trabalhar de forma cada vez mais ágil, mais rápida ou durante mais horas (Courtney & Phelan, 2019).

Nota-se que a globalização cria, como efeito, uma grande pressão para diminuir o custo do trabalho, o que implica um aumento de uso de tecnologia, conforme referido anteriormente, e uma maior necessidade de adaptação à mesma. Esta pressão na redução de preços ganha maior força ao aliar-se à pressão para a utilização de tecnologia de tradução que permite criar taxas de desconto de correspondência com textos existentes nas MT (do cliente ou do próprio tradutor) (Moorkens, 2017).

Outra das consequências dos avanços tecnológicos, prende-se com a necessidade de os tradutores passarem a executar tarefas diferentes como, por exemplo, a localização de um *software* informático que poderá, pontualmente, requerer domínio de linguagem de programação. O tradutor poderá ainda ter de se adaptar a trabalhar em tempo real através da Internet e em colaboração com outros tradutores (Calhanas, 2016).

Atualmente os clientes estão mais informados sobre o mercado e têm já as suas preferências em termos de terminologia a utilizar nos seus projetos (Gambier, 2019). Como tal, toda a indústria é organizada de forma a cumprir e a aderir a normas e a procedimentos explícitos de controlo de qualidade, mesmo quando o trabalho é subcontratado. Isto significa que as empresas estabelecem regras e critérios específicos que asseguram a fiabilidade, a produtividade e o cumprimento dos requisitos do cliente e das normas existentes (Gambier, 2019).

Estas alterações na indústria, sobretudo devido ao impacto da tecnologia, podem ser, como anteriormente referido, uma fonte de stress para os tradutores. Nota-se também que o crescente interesse nas ferramentas CAT e na TA é um fator preocupante sobretudo para os tradutores mais antigos na indústria (Courtney & Phelan, 2019).

Capítulo 3 – Metodologia

3.1. Objetivos de investigação

Considerando a análise acima realizada relativamente à investigação qualitativa, pode concluir-se que esta é a abordagem mais apropriada para compreender, no contexto natural, o papel da tecnologia na definição e alteração das competências dos tradutores, ou seja, para dar resposta à nossa questão de investigação e ao nosso objetivo principal.

Esta abordagem qualitativa permite ainda dar uma resposta aos restantes objetivos propostos e de forma enquadrada no próprio mercado-alvo deste estudo.

Relembremos a questão de investigação e os objetivos deste estudo:

Questão de investigação:

Qual o impacto das tecnologias na definição das competências essenciais do tradutor *freelancer*?

Objetivo:

- Identificar as principais necessidades no mercado da tradução na perspetiva dos tradutores, gestores de projeto e clientes.

3.2.Desenho de investigação

3.2.1. Abordagem Metodológica

A análise das diferentes abordagens metodológicas utilizadas pelos autores referenciados no presente estudo permitiu comprovar que a escolha da metodologia depende do objetivo do estudo. Conclui-se ainda que vários autores optam por uma metodologia mista, contendo uma fase quantitativa e outra qualitativa ou experimental.

A metodologia quantitativa, na forma de questionários, é utilizada para a recolha de dados relativos a variáveis concretas como, por exemplo, na correlação entre o sucesso de um tradutor e a teoria da competência psicológica abordada no estudo realizado por Atkinson (2012). No entanto, para acrescentar mais detalhes e contexto aos resultados obtidos, o autor realiza também entrevistas a alguns participantes selecionados na fase quantitativa do estudo.

Calhanas (2016) opta também por esta abordagem mista, composta por uma fase de entrevistas seguida de uma fase de questionários. O autor escolhe utilizar os questionários no contacto com os tradutores e as entrevistas no contacto com as empresas. Esta divisão prende-se com o facto de, no caso dos tradutores, o autor pretender apenas confirmar informação e, no caso das empresas, procurar um entendimento mais aprofundado e específico sobre o tema, incluindo opiniões.

Céspedes (2020), por seu lado, escolhe uma abordagem metodológica apenas qualitativa, na forma de *focus groups*, para o seu estudo, uma vez que procura averiguar a forma como as inovações tecnológicas afetam o processo de tradução e a própria formação de tradutores.

Com o objetivo de responder à questão relativa à forma como a tecnologia alterou as competências essenciais do tradutor *freelancer* atual bem como aos objetivos propostos, considerou-se que a metodologia mais adequada seria a qualitativa, dada a semelhança encontrada com o objeto do estudo realizado por Céspedes (2020).

Os *focus groups* permitem considerar os fatores ambientais e contextuais da questão em estudo (Hamilton & Finley, 2020). Os estudos qualitativos ajudam também a compreender a natureza e as interações dos conceitos e temas, permitindo abordar diferentes pontos do assunto em causa através da observação e da interpretação de eventos. Estes estudos são focados numa perspetiva holística e preservando a complexidade do comportamento humano (Black, 1994; Gerring, 2017).

Uma das vantagens dos *focus groups* é a possibilidade de os participantes colocarem questões entre si e é também o que mais distingue este método das entrevistas (Morgan, 1996). Outra vantagem é o facto de esta troca de ideias em grupo permitir que os participantes reavaliem e reconsiderem a sua opinião relativamente a experiências pessoais (Gibbs, 1997).

3.2.2. *Focus Groups*

Para o propósito do presente estudo, consideremos o *focus group* como uma técnica de investigação que permite recolher dados qualitativos, relativamente a um tópico em investigação, com base no conhecimento, nas atitudes e nos pontos de vista dos indivíduos presentes numa interação dinâmica de grupo (Gibbs, 1997; Morgan, 1996).

Um *focus group* requer investimento no planeamento da amostra do público-alvo a seleccionar, uma vez que esta deve ser adequada ao objetivo da investigação, mas também na sua execução devido à dificuldade de adesão do público-alvo selecionado (Gibbs, 1997). De acordo com Morgan (1996), os *focus groups* devem consistir em discussões estruturadas entre seis e dez participantes. Hamilton & Finley (2020), por norma, a constituição adequada para cada grupo é de quatro a seis participantes.

Antes da realização do *focus group*, é necessário estruturar o guião, com base na revisão bibliográfica e procurando dar resposta à questão de investigação, composto por perguntas que incentivem a troca de opiniões dentro do grupo com base na experiência e nas opiniões dos participantes (Wilkinson, 1998). O moderador deverá explicar o objetivo do grupo, manter os participantes à vontade, e fomentar o diálogo dentro do grupo. Ou seja, o moderador deverá ter um papel de facilitador do debate, colocando questões desafiantes e evocativas da experiência, opinião, sentimento e conhecimento dos participantes, com o objetivo de guiar o debate em função dos objetivos da investigação. Neste sentido, pode dizer-se que o papel do moderador é desafiante e que este deve ter excelentes capacidades interpessoais, promovendo a confiança dos participantes e fomentando a dinâmica aberta no grupo (Gibbs, 1997).

3.2.3. Software de análise qualitativa

Após a realização dos *focus groups* procedeu-se à transcrição do conteúdo produzido para posterior análise no Leximancer, uma ferramenta de análise de textos que permite apresentar os resultados visualmente por meio de mapas, quantificando e exibindo a estrutura dos textos analisados (Leximancer Pty Ltd, 2021).

A escolha deste *software* para análise dos textos criados a partir dos *focus groups* prende-se com o facto de ser uma ferramenta bastante utilizada para a análise de textos em metodologias qualitativas (Sotiriadou et al., 2014).

O Leximancer permite realizar uma análise concetual (identificação da recorrência de termos nos textos) e relacional (relação entre conceitos) criando uma visualização das relações e proximidades semânticas entre os temas e conceitos presentes nos textos analisados (Sotiriadou et al., 2014). Os temas e conceitos são definidos pela ferramenta com base no número de ocorrências ou coocorrências de palavras no *corpus* analisado (Angus et al., 2013).

Como parte da análise do texto, o Leximancer cria um *thesaurus* de termos que se ligam a cada conceito, ou seja, a própria ferramenta agrupa palavras relevantes para cada conceito, demonstrado visualmente por meio do mapa conceptual visível na Figura 3 e na Figura 4 e que será analisado no capítulo que se segue (Leximancer Pty Ltd, 2021).

Embora o Leximancer efetue uma análise automática dos textos, o papel do investigador é ainda bastante importante ao liderar a utilização da ferramenta (Lemon & Hayes, 2020). O Leximancer permite que o investigador ajuste o tamanho dos temas, por forma a aprofundar o tema sobre o qual se pretende debruçar, e permite-lhe ainda procurar, adicionar, remover ou juntar conceitos em conformidade com o contexto da investigação que está a ser realizada (Lemon & Hayes, 2020). Para além do mapa conceptual, a ferramenta disponibiliza uma lista com os conceitos, o seu número de ocorrências e a sua relevância, sendo que quanto maior for a ocorrência do conceito, maior será o círculo que o representa no mapa conceptual (Leximancer Pty Ltd, 2021).

A vantagem da utilização das listas criadas pela ferramenta prende-se com a sua fiabilidade, repetibilidade e possibilidade de realce de relações subtis entre conceitos que poderiam não ser detetados de forma manual (Angus et al., 2013).

3.3. Elaboração do Guião

Para os *focus groups* realizados no presente estudo procurou-se seleccionar intervenientes no mercado da tradução, tais como tradutores, gestores de projetos, gestores comerciais, gestores de recursos humanos e clientes, que tenham acompanhado ou acompanhem as adaptações provocadas pelas tecnologias neste mercado, sobretudo no que diz respeito às competências necessárias aos tradutores.

Embora os *focus groups* realizados por Céspedes (2020) fossem compostos por apenas quatro intervenientes, dada a informação supramencionada, referida por Hamilton & Finley (2020), quanto à constituição dos *focus groups*, optou-se por criar três grupos constituídos por seis participantes.

A elaboração do guião utilizado, Tabela 1, foi baseada na revisão bibliográfica realizada para o enquadramento teórico, sobretudo nos autores Alcina (2008), Calhanas (2016), Céspedes (2020), Doherty (2016), Karpińska (2017), Lafeber (2012), O'Brien (2012), Peng (2018) e Verplaetse & Lambrechts (2019), e nas melhores práticas dos *focus groups*.

Tabela 1 – Guião *focus group*³

Questão	Tipo de Questão	Referência
1. Que competências considera que o mercado atual procura ao seleccionar tradutores <i>freelancer</i> ?	Opinião	Calhanas, 2016
2. Tendo em conta a sua experiência profissional, quais considera serem as competências de TI que o tradutor <i>freelancer</i> deve ter atualmente e como são importantes para o mercado de trabalho?	Experiência	Calhanas, 2016
3. Para além da tradução em si, que outras tarefas são pedidas aos tradutores atualmente? Exemplo: formatação, alinhamento, criação de glossários, tradução online, <i>guidelines</i> para publicação	Experiência	Lafeber, 2012
4. Qual considera ser o impacto das inovações tecnológicas no mercado da tradução?	Opinião	Céspedes, 2020

³ Guião *focus group* criado para o presente estudo.

5. Pode dar alguns exemplos sobre como a necessidade de utilização de ferramentas de tradução, como o Trados Studio e MemoQ, ditou a necessidade de alterar as competências necessárias para se ser um tradutor <i>freelancer</i> atualmente?	Experiência	Alcina, 2008
6. O que mudou para o tradutor com a criação das tecnologias colaborativas, como a partilha de memórias de tradução em tempo real e os fóruns ou chats disponíveis em algumas ferramentas TAC?	Opinião	Karpińska, 2017
7. Qual o tipo de tecnologia que considera ser mais importante no seu trabalho?	Experiência	Céspedes, 2020
8. De que forma considera que os avanços nas tecnologias de tradução, como a tradução automática, vai continuar a influenciar o seu trabalho?	Conhecimento Provocativa	Peng, 2018
9. Como é que a tradução automática substituiu ou vai substituir o trabalho do tradutor?	Provocativa Sentimento	O'Brien, 2012
10. O que leva a escolher recorrer a um tradutor ou a um software de TA?	Provocativa	Doherty, 2016
11. Pode indicar dois ou três exemplos das principais ferramentas TAC e/ou de TA que utiliza?	Experiência	Verplaetse & Lambrechts, 2019

Capítulo 4 – Análise e discussão dos resultados

4.1. Análise de resultados

4.1.1. Recolha de dados

Antes de iniciar a análise dos dados recolhidos, interessa verificar as características dos intervenientes em cada um dos três *focus groups*.

Para o primeiro grupo, Tabela 2, foram contactados mais de dez tradutores que começaram o seu percurso profissional durante a maior disseminação da tecnologia, no entanto, apenas seis tiveram disponibilidade para participar. Os intervenientes deste grupo têm todos mais de 40 anos de idade e um percurso profissional que incluiu a adaptação a diferentes tecnologias de tradução. Quatro dos seis intervenientes começaram a traduzir antes de 2003 e outro logo em 2004, ou seja, assistiram aos primeiros impactos da tecnologia no mercado da tradução e passaram pela necessidade de adaptação a estas mesmas tecnologias. O sexto elemento deste grupo, apesar de ter menos anos de experiência como tradutor, trabalhava anteriormente numa das áreas técnicas para a qual traduz e acompanhou as evoluções tecnológicas neste mercado.

No segundo grupo, Tabela 3, participaram seis gestoras de projeto (GP) com pelo menos dez anos de experiência nesta função e cujo percurso profissional tenha incluído a necessidade de auxiliar tradutores na adoção de alguma(s) tecnologia(s) de tradução. Três dos elementos deste grupo possuem formação superior em tradução e os restantes três elementos começaram a trabalhar em gestão de projetos de tradução em meados da década de 90 do século XX, tendo experienciado o impacto real da tecnologia no mercado da tradução.

O terceiro grupo, Tabela 4, era composto por diferentes intervenientes no mercado da tradução, nomeadamente gestores de recursos humanos, gestores comerciais e clientes, com maior conhecimento relativamente às necessidades atuais deste mercado e às principais competências na procura de tradutores. Os dois intervenientes dos recursos humanos foram selecionados para haver uma maior perceção do que se procura aquando do recrutamento de tradutores *freelancer*, os dois intervenientes da área comercial visavam disponibilizar uma maior perceção do que a indústria disponibiliza atualmente e os restantes dois intervenientes permitiram ter uma visão do que os clientes de outras áreas procuram quando abordam o mercado da tradução.

Tabela 2 – Caracterização participantes Focus Group 1: Tradutores

	Participante 1	Participante 2	Participante 3	Participante 4	Participante 5	Participante 6
Idade	52 anos	64 anos	43 anos	48 anos	50 anos	46 anos
Gênero	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino
Função	Tradutora	Tradutora	Tradutor	Tradutor	Tradutora	Tradutor
Experiência	34 anos	8 anos	18 anos	25 anos	23 anos	23 anos
Habilitações	Licenciatura	Licenciatura	PG	Licenciatura incompleta	Licenciatura	Licenciatura

Tabela 3 – Caracterização participantes Focus Group 2: Gestores de Projeto

	Participante 1	Participante 2	Participante 3	Participante 4	Participante 5	Participante 6
Idade	46 anos	38 anos	49 anos	53 anos	39 anos	51 anos
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Função	GP	GP	GP	GP	GP	GP
Experiência	10 anos	13 anos	26 anos	28 anos	15 anos	28 anos
Habilitações	PG	PG	Bacharelato	Bacharelato	Licenciatura	Bacharelato

Tabela 4 – Caracterização participantes Focus Group 3: Clientes

	Participante 1	Participante 2	Participante 3	Participante 4	Participante 5	Participante 6
Idade	29 anos	55 anos	47 anos	48 anos	37 anos	32 anos
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Função	Gestora de Produto	Recursos Humanos	Gestora Financeira	Gestora Comercial	Recursos Humanos	Gestora Comercial
Experiência	8 anos	34 anos	20 anos	20 anos	15 anos	10 anos
Habilitações	PG	Bacharelato	Licenciatura	PG	Licenciatura	Bacharelato

4.1.2. Resultados

A etapa que possibilita a posterior análise do conteúdo criado nos *focus groups* é a gravação do áudio ou áudio e vídeo da conversa e a sua posterior transcrição, sendo depois o produto desta fase analisado seguindo os habituais métodos de análise qualitativa (Wilkinson, 1998).

Na Figura 3, obtida através da análise realizada no Leximancer, é apresentado o mapa dos resultados da análise, onde é possível verificar a existência de sete temas: trabalho, tradutor, ferramentas, tempo, cliente, texto e anos.

A cor de cada tema no mapa indica a sua importância no texto analisado, sendo que as cores mais quentes correspondem aos temas mais significativos do texto, como é o caso do tema trabalho, e as cores mais frias correspondem aos temas menos significativos, como é o caso do tema anos.

O mapa de resultados apresenta também os principais conceitos que ocorrem no texto e permite enquadrá-los no tema que os agrupa (Leximancer Pty Ltd, 2021).

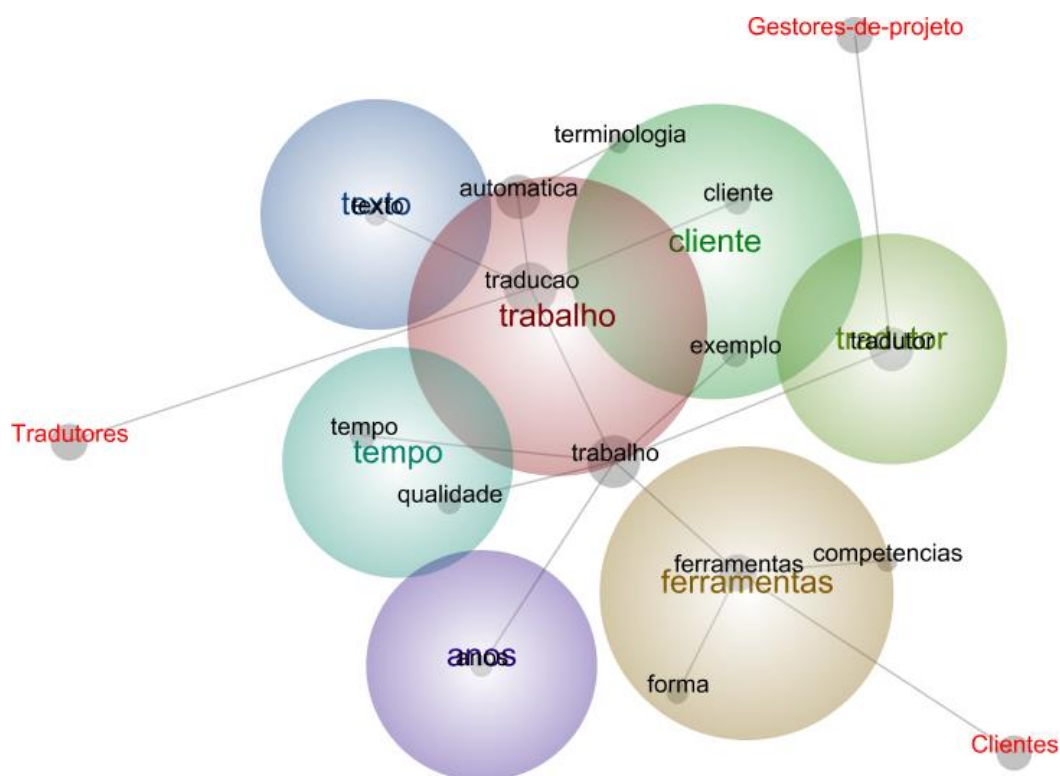


Figura 3 – Mapa de resultados dos Focus Groups⁴

⁴ Resultados gerados pelo Leximancer.

4.1.3. Análise de *tags*

Após a análise realizada com o auxílio da ferramenta Leximancer, é possível verificar a ocorrência e relevância de *tags*, temas e conceitos.

A *tag* Tradutores, com 347 ocorrências, é a mais relevante, sendo que o Leximancer lhe atribuiu uma relevância de 100%. A *tag* Clientes ocorre 259 vezes e tem uma relevância de 75%, sendo a segunda *tag* mais relevante no presente estudo. A *tag* Gestores de projeto tem 209 ocorrências e uma relevância de 60%, o que significa que, das três *tags* identificadas, é a menos relevante.

Pode dizer-se que, segundo a figura 3, na perspectiva dos tradutores, o tema trabalho, o mais próximo da *tag*, está muito interligado ao tema cliente, verificando-se que há uma ligação direta entre cada um dos conceitos do primeiro tema a um dos conceitos do segundo tema. Os temas texto e tempo sobrepõem-se ao tema trabalho na mesma proporção, estando o conceito texto ligado ao conceito tradução e os conceitos tempo e qualidade ao conceito trabalho. A este último liga-se ainda o conceito anos, o único pertencente ao tema com o mesmo nome. O tema anos sobrepõe-se muito levemente ao tema tempo.

Analisando a Figura 3 pela ótica do cliente, verificamos a ligação direta ao tema ferramentas, sendo este o terceiro tema mais relevante. O tema ferramentas é composto pelos conceitos forma, competências e ferramentas, sendo que este último se liga ao conceito trabalho, pertencente ao tema trabalho. Verifica-se que o tema ferramentas é o único tema isolado, ou seja, que não se sobrepõe a nenhum dos outros temas.

Do ponto de vista dos gestores de projeto, de acordo com a Figura 3, o tema predominante é o tradutor e sobrepõe-se ligeiramente ao tema cliente. Embora o tema tradutor se sobreponha um pouco ao tema cliente, no que diz respeito aos conceitos, tradutor liga-se diretamente ao conceito trabalho, do tema trabalho, e não a um conceito do tema a que se sobrepõe.

4.1.4. Ocorrência e relevância de temas e conceitos

Considerando os resultados obtidos, pode verificar-se que o tema mais recorrente é o trabalho, com 488 blocos de texto associados e agrupando o conceito trabalho, com 318 ocorrências e uma relevância de 92%, o conceito tradução, com 303 ocorrências e uma relevância de 87%, e o conceito automática, com 216 ocorrências e uma relevância de 62%.

O segundo tema mais recorrente é o tema tradutor, com 234 blocos de texto associados e contendo apenas o conceito tradutor, com 234 ocorrências e uma relevância de 67%.

O tema ferramentas é o terceiro tema mais recorrente e tem associados apenas 186 blocos de texto, todavia contém três conceitos, o conceito ferramentas, com 186 ocorrências e uma relevância de 57%, o conceito forma, com 47 ocorrências e uma relevância de 14%, e o conceito competências, com 34 ocorrências e uma relevância de apenas 10%.

Os quatros temas menos recorrentes (tempo, cliente, texto e ano) têm menos de 100 blocos de texto associados a cada um, no entanto, estão perto do tema mais relevante, trabalho, permitindo realçar a sua importância e as suas principais interligações no texto analisado. No que diz respeito aos conceitos, estes temas são constituídos por conceitos que têm entre 85 ocorrências (conceito tempo) e 33 ocorrências (conceito terminologia), sendo que a relevância dos conceitos que constituem estes temas se situa abaixo dos 25%, como é possível verificar na Tabela 5.

Tendo por base estes resultados, a ligação entre conceitos e temas visível na Figura 3 e a relevância e ocorrência de conceitos visível na Tabela 5, e as transcrições realizadas, será feita a discussão de resultados focando o ponto de vista de cada *focus group* no que diz respeito aos objetivos propostos e à luz da questão de investigação.

Tabela 5 – Ocorrência e relevância de conceitos⁵

Conceito	Tema	Número de ocorrências	Relevância
Trabalho	trabalho	318	92
Tradução	trabalho	303	87
Tradutor	tradutor	234	67
Automática	trabalho	216	62
Ferramentas	ferramentas	186	54
Tempo	Tempo	85	24
Cliente	Cliente	78	22
Exemplo	Cliente	67	19
Texto	Texto	54	16
Qualidade	Tempo	54	16
Anos	Anos	47	14
Forma	ferramentas	47	14
Competências	ferramentas	34	10
Terminologia	Cliente	33	10

⁵ Tabela com resultados gerados pelo Leximancer criada para o presente estudo.

4.2. Discussão dos resultados dos *Focus Groups*

4.2.1. *Focus Group* 1: Tradutores

Nesta etapa interessa discutir a análise efetuada à luz da questão de investigação e dos objetivos propostos para o presente estudo e enquadrando-a no contexto dos participantes nos *focus groups*.

Como é possível ver nos resultados supramencionados, a *tag tradutores* está mais perto do tema trabalho, do tema texto e do tema tempo, agrupando os conceitos *trabalho*, *tradução*, *automática*, *texto*, *tempo* e *qualidade*. Neste facto denota-se já o impacto da evolução tecnológica pelo facto de o conceito automática, denotado do termo tradução automática, fazer parte do conjunto que cria o tema trabalho.

É possível, neste estudo, abordar o papel da tecnologia e o seu impacto, as principais tecnologias utilizadas, bem como as principais competências procuradas no tradutor *freelancer* uma vez que a metodologia selecionada nos permite ter uma abordagem mais aprofundada ao tema e segundo a opinião dos participantes (Calhanas, 2016).

Pode verificar-se que os tradutores, no contexto do tema trabalho, referem também algum tipo de tecnologia, seja ao mencionarem a necessidade de recorrer a ferramentas para recriação e formatação do texto original em formato editável para utilização numa ferramenta TAC, como refere a Participante 1, ou ao aludirem ao facto de receberem já ficheiros preparados para ferramentas específicas, como refere o Participante 4. Sobre o fluxo de trabalho das ferramentas TAC para tradução especializada veja-se o estudo de Fernández-Parra (2009).

Segundo a Participante 1 desse grupo:

“Eu tenho alguns clientes também que me pedem traduções a partir PDF e depois pedem para fazer a formatação.”

De acordo com o Participante 4:

“Eu normalmente trabalho com o Trados ou com o WordFast, que já vêm com os tags (...) pura e simplesmente, trabalho no ficheiro e devolvo o return package.”

Tal facto realça a necessidade de adaptação constante destes profissionais às tecnologias, seja no tipo de pedidos que recebem (introdução de alterações, pós-edição, criação de glossários, entre outros), seja na utilização de diferentes ferramentas (incluindo

ferramentas TAC usadas em nuvem) ou até mesmo nas competências que consideram essenciais atualmente para exercer a profissão.

Veja-se os exemplos dados pelos participantes e que abordam também o tema cliente, composto pelos conceitos *cliente*, *exemplo* e *terminologia*, ao aludir a exemplos de pedidos realizados por clientes.

De acordo com a Participante 1:

“Agora, isto é um trabalho que me pedem com alguma frequência e que eu não sei muito bem o que é que é. (...) Fazem alterações aos ficheiros, depois fazem aquelas comparações do Word e depois nós temos que alterar o que está... as coisas novas, tirar o que saiu e pôr as coisas novas. Eu não considero isso um trabalho de tradução.”

A Participante 2 acrescenta:

“Hoje em dia já começa a haver muito trabalho que nós recebemos para fazer a pós-edição, ou seja, que vem com tradução automática já feita.”

Esta afirmação é complementada pela Participante 5 ao referir:

“Eu diria que noventa por cento, se calhar, do trabalho que me é proposto é de pós-edição de traduções já feitas com TA.”

E pela Participante 1 ao mencionar que:

“Cada vez mais um tradutor não pode ser só um tradutor, não pode chegar e simplesmente traduzir, saber traduzir, tem que saber mexer numa série de ferramentas.”

O Participante 6 indica mesmo:

“Também pedem competências tecnológicas, aliás, parece ser um critério diferenciador para conseguir trabalho. Parece que é absolutamente necessário conhecer pelo menos o Trados ou o MemoQ.”

Já o Participante 4 considera:

“(...) que, para além de toda a parte técnica, eu acho que importante, e que é isso que cria a fidelização do cliente, é a capacidade de nós nos adaptarmos ao contexto da tradução.”

Tendo por base estas afirmações dos intervenientes neste primeiro grupo, pode dizer-se que, na opinião dos tradutores *freelancer*, a tecnologia tem um papel determinante no que diz respeito à necessidade de desenvolver, como essenciais, competências tecnológicas e informáticas. Estas competências foram referidas pelos intervenientes do

grupo sobretudo em relação com as ferramentas TAC, enquadráveis no tema ferramentas, e com a falta de tempo para aprender o seu funcionamento.

Segundo a Participante 2, a tecnologia cria a necessidade de ter:

“(...) uma enorme capacidade de adaptação, porque trabalhamos com muitas ferramentas diferentes. Por vezes, o que acontece é que não conseguimos explorá-las o suficiente. Porque estamos face às ferramentas sem ter formação, sem ter tempo para perceber como é que aquilo trabalha, provavelmente não as aproveitamos nem ao máximo, talvez nem ao mínimo.”

No estudo realizado por Calhanas (2016) denota-se esta necessidade de formação complementar. O autor expõe que apenas 29% dos participantes licenciados em tradução mencionaram ter tido necessidade de adquirir conhecimentos apenas numa ferramenta TAC e que 26% referiram ter tido de adquirir conhecimento em mais do que uma ferramenta TAC.

Esta necessidade de dominar os recursos tecnológicos (competências tecnológicas e informáticas) foi referida por Stuppiello (2010) que, no seu estudo sobre a forma como a tecnologia influencia o perfil profissional do tradutor, refere que a tradução automática tem delineado um novo perfil para o tradutor atual, o de revisor de TA. Este papel de pós-edição é mais amplamente estudado por Carmo (2017) e em conjunto com outros autores em 2021.

Interessa aqui abordar o facto de a tradução automática, cada vez mais utilizada no mercado da tradução, ainda suscitar desconforto e dúvidas por parte dos tradutores, como é possível inferir pela citação do Participante 3:

“Também se nota que as ferramentas estão cada vez melhores, mas ainda estou naquela fase, em que não sei se... não sei muito bem... também depende da tradução, mas não sei muito bem se ajuda mais do que atrapalha, mas pronto.”

Sobre esta questão, é de interesse referir o estudo de Läubli & Orrego-Carmona (2017) que se debruça sobre *posts* e comentários relativos à qualidade da TA, realizados por tradutores. Segundo os autores, os tradutores despendem bastante tempo a debater as traduções erradas da TA para reforçar a necessidade de recorrer a tradutores humanos (Läubli & Orrego-Carmona, 2017).

É neste contexto, e abordando o tema tempo, constituído pelos conceitos *tempo* e *qualidade*, que podemos enquadrar a opinião da Participante 5 quanto à evolução da qualidade da TA ao longo do tempo:

“a TA não consegue, às vezes, aperceber-se do contexto e adequar a terminologia ao contexto, ou como TA a não capta algumas subtilezas do texto, então eu vou passar a esfregona naquilo que a máquina já fez e vou pôr aquilo tudo bonitinho. Além disso, não consigo evitar uma sensação de que, quando estou a corrigir a TA, cada vez que faço a pós-edição de uma TA, estou a alimentar com a minha competência... estou a alimentar a TA, estou a transferir a minha competência para a TA, que cada vez vai ficar melhor, vai beneficiar deste meu trabalho”

Relativamente à satisfação dos tradutores e ao stress relacionado com o trabalho, salienta-se o estudo efetuado por Courtney & Phelan (2019) em que foi medido o nível de stress e de satisfação de 474 profissionais desta área.

Considerando o acima exposto, pode inferir-se que, embora as competências tradutórias continuem a ter um papel fundamental, as principais competências que o tradutor *freelancer* deve ter atualmente são mais ligadas a competências tecnológicas, como a capacidade de utilizar corretamente várias ferramentas TAC de forma a tornar-se mais ágil e, conseqüentemente, competitivo, o que lhes permite oferecer tarifas mais apelativas aos seus clientes. Esta asserção pode ser verificada pela opinião do Participante 6, ao referir que:

“No fundo, passou de competências mais linguísticas e manuais, e com mais tempo, para competências mais digitais, de pesquisa e de verificação de utilização de terminologia e de consistência.”

A mesma ilação pode ser retirada do estudo de Han (2020), cujo objetivo é realçar a necessidade de adaptação devido ao impacto da tecnologia (TA e TAC) no mercado da tradução. A autora refere, como exemplos de TA, alguns motores referidos neste *focus group*, tais como o Google Translate, o Systran e o DeepL. O mesmo acontece com os exemplos de ferramentas TAC, tais como o Trados Studio, o MemoQ e o MemSource.

4.2.2. Focus Group 2: Gestores de Projeto

Olhando agora para o posicionamento da **tag gestores de projeto**, no mapa de resultados, pode verificar-se que esta está mais próxima dos temas cliente e tradutor, que agrupam os conceitos *terminologia, exemplo, cliente e tradutor*.

A proximidade destes temas revela que o foco destes profissionais no mercado da tradução se encontra dividido entre as necessidades dos clientes e as dos tradutores.

No que diz respeito ao impacto da tecnologia na definição do papel e das competências necessárias ao tradutor atual, a participante 6 indica:

“tenho vários exemplos de tradutores que eram excelentes tradutores, os que considerávamos os melhores para determinados projetos, e, com a evolução da tecnologia e a necessidade das ferramentas, foram deixando de trabalhar connosco. Por serem pessoas mais velhas já não tiveram capacidade ou já não tiveram vontade de ingressar neste mundo tecnológico e acabaram mesmo por deixar de traduzir.”

Os prazos cada vez mais curtos são um dos motivos que levam a esta necessidade de semiautomação do trabalho do tradutor, assunto que pode ser aprofundado no estudo sobre tradução e tecnologia de Stupiello (2015). A autora indica que, para ser competitivo no mercado atual, o tradutor tem de dominar cada vez mais os recursos tecnológicos disponíveis (Stupiello, 2015).

Esta afirmação é comprovada no estudo realizado quando a Participante 6 refere que:

“No mercado da tradução procuramos pessoas versadas em tradução, portanto, que tenham esses conhecimentos, mas que tenham, a nível da utilização do computador, conhecimentos das várias ferramentas que existem hoje em dia e que ajudam na tradução e sem as quais a tradução já não pode ser feita.”

A participante 5 acrescenta que:

“O que nós procuramos num tradutor freelancer é que ele tenha diferentes tipos de competências, entre elas, por exemplo, a capacidade de trabalhar com diferentes ferramentas de tradução.”

Na opinião da Participante 1:

“hoje em dia, acho que é indispensável que os tradutores tenham experiência com as ferramentas, mesmo que não dominem todas ou uma parte delas pelo menos terem algum conhecimento.”

A Participante 2 indica:

“eu também só trabalho com textos técnicos e só posso trabalhar com tradutores que tenham tido formação em pós-edição.”

E a Participante 4 relembra que:

“é importante os tradutores desenvolverem essa competência para aceitarem trabalhos com pós-edição.”

A opinião das participantes neste grupo vai ao encontro da opinião de Nitzke et al. (2019), no seu estudo sobre a aquisição de competências digitais através da formação mista, sobre a necessidade de os tradutores adquirirem competências de utilização de diferentes ferramentas e de se adaptarem e responderem rapidamente às mudanças ditadas pelos novos desenvolvimentos tecnológicos nesta área.

Relativamente à tradução automática, sobretudo as vantagens e desvantagens, é de interesse salientar o estudo de Talhaferro (2018) que se debruça sobre as memórias de tradução e a tecnologia da tradução automática sob o ponto de vista do seu efeito na formação de tradutores.

No que diz respeito às necessidades dos clientes e de adaptação a diferentes tecnologias, a Participante 4 indica:

“Num mercado em que os clientes cada vez estão mais despertos para a pós-edição, porque isso notava-se visivelmente na empresa em que trabalhava. (...) cada cliente tem o seu requisito, tanto pode pedir um trabalho simples, como pode pedir um trabalho em Catalyst, em Passolo, etc.”

A Participante 2 acrescenta que o cliente com o qual trabalha por vezes informa:

“daqui por uma semana vamos passar a enviar também projetos através de outra plataforma”

Neste contexto, a Participante 1 refere:

“nós também temos que aprender com o cliente e depois de transmitir as informações aos tradutores.”

Para além desta aprendizagem que é depois passada aos tradutores, a Participante 1 indica também que:

“quando o cliente envia feedback sobre as traduções com alterações à terminologia que utilizámos e que eles preferem que seja usada de outra forma, vamos pedir também a alguns tradutores que vão atualizar as memórias de tradução desse projeto e também os glossários para ficar tudo o mais atual possível com o que o cliente indicou”

Este é um exemplo de que a tecnologia utilizada no mercado da tradução (TAC e/ou TA) é importante para auxiliar os profissionais a corresponder às necessidades do cliente (Läubli & Orrego-Carmona, 2017), seja através da verificação do cumprimento das instruções ou da utilização da terminologia por ele selecionada.

Quanto ao impacto da tecnologia neste mercado, a Participante 1 assinala:

“um impacto positivo para a indústria, para a parte dos clientes ao receberem os trabalhos mais rapidamente e se calhar com menos custos”

No entanto, a tecnologia também tem impactos negativos.

Para a Participante 5, há uma maior pressão por parte do cliente não só para a redução de custos, mas também para a redução dos prazos alocados para os projetos de tradução:

“Os clientes têm noção de que há mais tecnologia e então acham que a tradução se faz assim num piscar de olhos. (...) Essa pressão dos prazos, muitos clientes não têm noção do esforço que é traduzir um projeto e de tudo que ele implica.”

A redução de custos e de prazos graças à utilização da tecnologia é também referida no estudo de Seljan (2018) sobre o controlo que qualidade da terminologia em sistemas de gestão de qualidade. O mesmo autor refere ainda que o processo de tradução e terminologia centralizados permitem uma maior garantia de qualidade, a redução de custos, o encurtamento de prazos e uma maior satisfação por parte do cliente (Seljan, 2018).

Stupiello (2010) menciona também que esta redução de preços, pedida pelos clientes, se baseia na utilização das memórias de tradução. A autora acrescenta ainda, como necessidades do cliente, a preocupação com a detenção da propriedade, o acesso exclusivo aos dados armazenados nas bases de dados durante a tradução contratada e a necessidade de manter a proteção do sigilo comercial (Stupiello, 2010).

As principais tecnologias de tradução referidas neste grupo coincidem sobretudo com as referidas por Han (2020) e supramencionadas na discussão relativa aos resultados do *Focus Group* 1. No entanto, neste *focus group* foram também referidas as ferramentas TAC Transit NXT, Across e XTM

4.2.3. Focus Group 3: Clientes

Numa terceira abordagem do mapa conceptual, verifica-se que a tag **cliente** está mais perto do tema ferramentas, composto pelos conceitos *forma*, *ferramentas* e *competências*. Há ainda uma proximidade com o tema anos, constituído pelo conceito *anos*, sendo que esta contiguidade se nota sobretudo pela ligação dos conceitos *ferramentas* e *anos* ao conceito *trabalho*.

Dentro do tema ferramentas, importa referir o conceito *forma*.

Segundo a Participante 1, este conceito está relacionado com a recorrência dos pedidos e com o tipo de contratação feita com estes profissionais:

“é um bocado dependente do nível do pedido, pode ser um pedido único, pontual, como pode ser um pedido mais estratégico que será necessário de forma mais recorrente. Portanto, se for um pedido pontual procuro uma pessoa que faça rápido e cobre pouco, se for uma coisa mais recorrente pode exigir uma contratação mais a longo prazo, pode ser um contrato... a contratação é toda feita de forma diferente”

A Participante 3 acrescenta a ligação da forma como a contratação é feita com a utilização de ferramentas:

“qualquer ferramenta que ajude no apoio da tradução é um dos fatores, se não o fator mais importante agora, quando se procura recursos”

Para a Participante 5, este conceito está também ligado ao tipo de ficheiros recebidos e ao modo de desenvolvimento das próprias competências dos tradutores:

“Os textos que os tradutores recebem vêm de diferentes formas, podem ser textos em PDF, podem ser textos em Word, podem ser documentos em Excel (...). Para além da capacidade de utilização de CAT tools, considero importante a capacidade de utilização das restantes plataformas (...). Isso tudo são competências adicionais que se está a exigir, cada vez mais, que sejam de forma automática”

As diferentes abordagens a este conceito *forma*, podem ser sustentadas no Quadro de Competências do EMT, sobretudo porque se foca em definir as competências básicas que os tradutores atuais devem ter, considerando as alterações tecnológicas e o seu impacto na forma como os serviços de tradução são realizados (European Commission, 2017).

De acordo com o mapa conceptual, este conceito está diretamente ligado ao conceito *ferramentas* e este, por sua vez, ao conceito *competências*.

Ao identificar os requisitos que procura num tradutor atualmente, a Participante 2 faz referência à importância de saberem utilizar as ferramentas:

“a partir de uma determinada altura, também começou a ser necessário, a ser solicitado, que trabalhassem com ferramentas de tradução, isso seria uma mais-valia antigamente, não fosse o mais necessário, mas seria uma mais-valia que trabalhassem com o Trados ou o MemoQ”

A Participante 1 confirma essa importância ao salientar que:

“pode pesar muito na escolha se o tradutor dominar certas ferramentas.”

A Participante 3 acrescenta que:

“saber mexer em ferramentas, podem não ser mesmo de TA pura, mas qualquer ferramenta que ajude no apoio da tradução é um dos fatores, se não o fator mais importante agora, quando se procura recursos”

E que:

“um freelancer que use alguma ferramenta que dê apoio na sua tradução é mais económico (...) E continua a dar grandes garantias de qualidade, pois as ferramentas são cada vez mais fiáveis e de confiança e o próprio cliente tem cada vez mais sensibilidade e cada vez mais conhecimento das ferramentas que existem. Cada vez mais nos chegam clientes que, eles próprios, já têm as suas próprias ferramentas ou que têm formatos já muito específicos em que nos enviam os documentos.”

Pode afirmar-se que a utilização das ferramentas trouxe benefícios significativos para a indústria, seja na criação e alimentação de memórias, seja na criação das ferramentas de localização (Atkinson, 2012). O mesmo autor justifica a exigência de utilização de ferramentas dando como exemplo um anúncio de vaga para tradutores para a União Europeia em que é pedido aos candidatos que sejam capazes de trabalhar com ferramentas CAT. Atkinson relaciona o sucesso profissional tecnológico com a frequência de utilização de ferramentas e indica que estas são utilizadas sobretudo na indústria da localização e que esta é a área da tradução com maior volume de conteúdos a traduzir.

Este requisito de utilização de diversas ferramentas tecnológicas tornou-se, como supramencionado, uma competência expectável dos tradutores *freelancer* atuais.

Este facto é ilustrado pela Participante 5 ao referir que as competências tecnológicas:

“que não é só conhecer as CAT tools, portanto, as ferramentas de tradução, mas outras competências também em termos de computadores que se exigem.”

Esta opinião realça novamente a supramencionada fusão existente entre a linguística e a informática, a que Nitzke et al. (2019) se referem como linguística digital. Tal denota que a tecnologia é uma força motriz que modela o futuro desta indústria da tradução em termos mundiais (Nurain Mudawe, 2019).

A mesma participante acaba por fazer um apanhado do que considera as competências mais procuradas nos tradutores atualmente:

“Portanto, formação na área, ter feito uma licenciatura, um bacharelato em Línguas ou mesmo na área da tradução, que também já há cursos, e as tecnologias (...).

O mercado da tradução é um mercado que está em constante evolução, portanto há de vir sempre outras coisas, novas CAT tools, novos pedidos... (...) E, portanto, aqui também se exige uma competência, uma certa flexibilidade e adaptabilidade do próprio tradutor (...)

... também a comunicação é uma das competências que se exige dos tradutores. (...) Refiro-me um bocadinho às competências interpessoais, no sentido em que tem que haver um compromisso da parte dos tradutores em cumprirem prazos e serem sérios no compromisso. Embora sejam freelancers, assumiram um contrato, um compromisso com as entidades”

Analisando esta opinião, é possível denotar todas as competências referidas modelo de competências do EMT e ainda a necessidade de flexibilidade e adaptabilidade ao crescente impacto que a tecnologia tem na forma como os serviços de tradução são prestados (European Commission, 2017).

Esta mudança do mercado da tradução, enquadrável no tema e conceito anos, é também referida pela Participante 3:

“Ainda há no mercado pessoas que estão a trabalhar como trabalhavam há vinte ou trinta anos e o mercado já não se adequa a isso.

Se calhar há trinta anos quem ia para tradutor eram pessoas de letras puras, de letras, de escrita, de leitura e um tradutor agora tem que ter uma componente de informática, de TI, de raciocínio lógico que os seus colegas de há vinte ou trinta anos não tinham que ter.”

Esta mudança no paradigma da tradução e dos seus profissionais é também mencionada pela Participante 5:

“Tivemos vinte anos para passar da caneta e papel para o computador e agora estamos a passar em menos tempo e, volto a dizer, o Covid acelerou também esta necessidade de nos adaptarmos ao digital, de crescermos e evoluirmos e desenvolvermos novas competências até no mercado de trabalho...”

E reforçada novamente pela Participante 3 ao dizer:

“Eu acho que nos últimos vinte ou trinta anos a função do freelancer tradutor mudou-se radicalmente. Passou de ser uma entidade de letras, números e palavras, isolado e a trabalhar no mundo, ao seu próprio ritmo (...), a algo que tem que ser feito com diversas ferramentas, sempre com um computador, com acesso à Internet, com acoplamento de várias plataformas. É muito mais um trabalho em equipa quer com os revisores, quer com o próprio cliente.”

Pode dizer-se que o tradutor *freelancer* atual deve, como referido anteriormente, ser flexível e manter-se a par das novas ofertas tecnológicas para conseguir adaptar-se às novas exigências do mercado (Nurain Mudawe, 2019).

Na realização dos *focus groups* verificou-se que a tecnologia teve efetivamente um papel preponderante na redefinição do mercado da tradução, levando mesmo a uma necessidade de repensar a forma de trabalhar e as competências necessárias para este novo tipo de trabalho.

Na perspetiva dos tradutores, o principal impacto encontra-se na quantidade de ferramentas que existem e que este devem dominar por forma a continuarem competitivos no mercado de trabalho. Estas ferramentas incluem não só as ferramentas de tradução, mas também as diferentes plataformas que precisam de utilizar para realizar o seu trabalho, sejam elas de pesquisa ou até mesmo para receberem ou entregarem trabalhos ou recibos. Esta visão contrasta com a visão dos tradutores *freelancer* no estudo de Atkinson (2012) em que os tradutores se referiam ao uso das ferramentas como um problema. Ainda assim, nestes *focus groups*, a utilização das ferramentas foi também referida como um problema apenas por representar um pagamento mais baixo devido à utilização das memórias de tradução.

Para os gestores de projeto, a maior mudança prende-se com os prazos. Os clientes pedem prazos cada vez mais curtos e com o mesmo grau de qualidade. Estes profissionais têm de encontrar uma solução que vá ao encontro destes requisitos, pelo que buscam formas de automatizar e reaproveitar trabalho, ancorando-se assim na tecnologia. Segundo Balashov (2020), muitas ferramentas TAC já permitem que o gestor de projeto defina o projeto em nuvem ou servidor por forma a que vários tradutores possam trabalhar ao mesmo tempo, indo ao encontro das necessidades dos clientes quanto aos prazos mais curtos. Esta alteração leva-os a procurar tradutores que possuam competências

tecnológicas e também de relacionamento pessoal e interpessoal, na medida em que, como indica o mesmo autor, a cooperação linguística requer o conhecimento de cada um e deixa espaço para a consulta, a negociação e a troca de ideia para a melhor tradução dos termos e frases (Balashov, 2020).

Segundo o ponto de vista dos clientes, há um grande contraste no mercado antes e após a disseminação tecnológica. Há a noção da importância das competências que os tradutores já possuíam, linguísticas e tradutórias, e uma ênfase cada vez maior nas competências tecnológicas, saber utilizar as tecnologias ao seu dispor para rentabilizar o seu trabalho. Os clientes procuram cada vez mais uma equipa que tire proveito das ferramentas, permitindo ter uma maior rentabilidade de cada um dos seus projetos. Já Doherty (2016) referia que, com o advento das MT e da TA, há uma maior necessidade de que os tradutores possuam competências tecnológicas. Moorkens (2017) refere mesmo que é imperativo que os tradutores continuem a desenvolver novas competências para se manterem relevantes numa indústria cada vez mais tecnológica.

Capítulo 5 – Conclusões

5.1. Principais conclusões

Este estudo foi elaborado tendo com o objetivo de investigar qual o impacto da tecnologia na definição das competências dos tradutores *freelancer*.

Relativamente à tradução e ao processo tradutório, a investigação permitiu concluir que a tecnologia continua a provocar diversas alterações no mercado da tradução. Assistiu-se, como mencionado por Gambier (2019), à redefinição do termo tradução consoante a área técnica, à proliferação do uso das ferramentas TAC e TA, mas também ao aparecimento da tradução colaborativa por meio do uso de computação em nuvem.

Como indicado por Talhaferro (2018), apesar da utilização da tecnologia, o tradutor continua a ser determinante na adequação do texto ao objetivo pretendido. O estudo permitiu confirmar a pertinência do Quadro de Competências do EMT, que enumera as competências e conhecimentos que os tradutores devem adquirir na sua formação, sendo que há uma maior relevância para a aquisição de competências tecnológicas, conforme indicado nos estudos de Nitzke et al. (2019) e de Calhanas (2016).

Utilizando uma abordagem metodológica qualitativa, na forma de *focus group*, foi possível apurar quais as principais necessidades no mercado do ponto de vista dos tradutores, dos gestores de projetos e dos clientes e relacionar essas mesmas necessidades com o impacto tecnológico nas competências essenciais do tradutor.

Aplicando esta abordagem, conclui-se que o principal impacto da tecnologia nos tradutores *freelancers* se prende com a necessidade de adaptação às constantes inovações tecnológicas, como indicado pelo Participante 3 do *focus group* dos tradutores ao referir:

“acabamos por ter que estar sempre um bocadinho em formação constante”.

Pode dizer-se que as necessidades do mercado atual vão-se alterando constantemente e que tradutor *freelancer* tem de se adaptar e procurar formação que lhe permita estar a par das novas tendências em termos de ferramentas e métodos de trabalho (Nurain Mudawe, 2019). Na opinião dos gestores de projeto, o impacto da tecnologia espelha-se na necessidade de redução de prazos, possível com o uso das ferramentas tecnológicas disponíveis no mercado. Os clientes, por seu lado, procuram uma equipa que consiga tirar partido das tecnologias para disponibilizar uma tradução uniforme, de qualidade, com prazos e preços reduzidos.

5.2. Contributos para a comunidade científica e empresarial

5.2.1. Implicações ao nível académico (Contributo Teórico)

Este estudo permite ligar a alteração do foco das competências linguísticas para as competências técnicas, à crescente evolução tecnológica deste mercado.

O presente estudo confirma a conclusão de Lafeber (2012) de que, para além das competências linguísticas, os tradutores necessitam de ter competências analíticas, de pesquisa, tecnológicas, interpessoais e de organização. Confirma-se ainda a conclusão de Calhanas (2016), de que as empresas continuam a considerar fulcral a competência tecnológica, e que os clientes atuais estão bem informados e que têm já preferências terminológicas e de formato que as suas traduções devem respeitar (Gambier, 2019). Valida-se também o facto de que o apoio e parte da formação dada aos tradutores, no que diz respeito à utilização de ferramentas digitais, é dada pelos gestores de projeto no dia-a-dia (Céspedes, 2020). O estudo permite ainda inferir a necessidade de aprofundar a formação existente para os novos tradutores e a sua adequação ao contexto real do mercado em causa.

Espera-se que este estudo contribua para a compreensão da necessidade de reavaliar a colaboração entre as áreas da tecnologia e da linguística na formação dos novos profissionais e, para o progresso dos estudos sobre as tecnologias da tradução e o seu impacto nestas competências necessárias para os tradutores.

5.2.2. Implicações ao nível empresarial (Contributo Prático)

O estudo contribui para a criação do perfil do tradutor *freelancer* ideal, clarificando as competências essenciais, e para a necessidade de disponibilizar formação sobre ferramentas específicas ou proprietárias aquando da sua integração nas equipas.

Esta investigação pode ainda guiar os profissionais mais experientes a compreenderem a necessidade de colmatar eventuais lacunas no seu currículo e a procurarem desenvolver algumas competências tecnológicas, tais como a utilização de ferramentas colaborativas e de pesquisa e a aprofundar o conhecimento das ferramentas CAT. Pretende-se assim ajudar estes profissionais a tornarem-se mais competitivos e enquadrados com as necessidades do mercado.

5.3. Limitações do estudo

A metodologia selecionada permite ter em conta o contexto e ambiente de interação entre os participantes do grupo, no entanto tem algumas limitações. Para a realização dos *focus groups* houve alguma dificuldade em recrutar participantes em número suficiente, o que se confirma a afirmação de Wilkinson (1998) sobre a dificuldade de recrutamento de profissionais com sobrecarga de trabalho.

Esta metodologia pode desencorajar participantes menos confiantes de expressar a sua opinião (Gibbs, 1997), pelo que foi necessário assegurar que todos os elementos tinham oportunidade de o fazer. Gibbs (1997) refere a dificuldade em obter opiniões e experiências diferentes se o grupo selecionado for homogêneo em determinadas características. Na realização dos *focus groups* de tradutores e de gestores de projeto comprovou-se uma quase homogeneidade de opinião dado que a maioria dos participantes são especialistas na mesma área ou têm idades bastante aproximadas, pelo que se considera importante que próximos estudos se foquem em obter uma amostra mais heterogênea.

5.4. Propostas de investigação futura

Embora o presente estudo permita confirmar que o mercado, cada vez mais tecnológico, procura sobretudo profissionais com competências tecnológicas, considera-se que seria benéfico realizar futuros estudos sobre as competências específicas consoante a área técnica de especialização do tradutor e sobre a influência da tecnologia em áreas específicas da tradução como, por exemplo, a localização ou a transcrição.

Concluiu-se que existe uma necessidade de adaptação constante dos tradutores à tecnologia, pelo que seria relevante focar futuros estudos na investigação ou criação de plataformas de interajuda ou formação que possa auxiliar os profissionais na sua adaptação tecnológica.

Referências Bibliográficas

- Alcina, A. (2008). *Translation Technologies: Scope, Tools and Resources*. <http://tecnolettra.uji.es>
- Angus, D., Rintel, S., & Wiles, J. (2013). Making sense of big text: A visual-first approach for analysing text data using Leximancer and Discursis. *International Journal of Social Research Methodology*, 16(3), 261–267. <https://doi.org/10.1080/13645579.2013.774186>
- Atkinson, D. P. (2012). *Freelance Translator Success and Psychological Skill: A Study of Translator Competence with Perspectives from Work Psychology*.
- Baker, M. (2018). *In other words. Third edition*.
- Balashov, Y. (2020). The Translator's Extended Mind. *Minds and Machines*, 30(3), 349–383. <https://doi.org/10.1007/s11023-020-09536-5>
- Black, N. (1994). *Why we need qualitative research*.
- Bundgaard, K. (2017). Translator Attitudes towards Translator-Computer Interaction-Findings from a Workplace Study. In *Hermes-Journal of Language and Communication in Business*.
- Calhanas, A. B. M. C. R. (2016). *A Informática para a Tradução: As Competências Tecnológicas do Tradutor no Contexto do Mercado Português*.
- Carl, M., & Braun, S. (2017). *Translation, interpreting and new technologies MEMAD-Methods for Managing Audiovisual Content View project QUALITAS Ensuring Interpreter Quality through Testing and Certification, 2011-13 View project Translation, interpreting and new technologies*. <http://en.wikibooks.org/wiki/CAT-Tools>
- Carmo, F. E. M. do. (2017). *Post-editing: A Theoretical And Practical Challenge For Translation Studies And Machine Learning*.
- Carmo, F., Shterionov, D., Moorkens, J., Wagner, J., Hossari, M., Paquin, E., Schmidtke, D., Groves, D., & Way, A. (2021). A review of the state-of-the-art in automatic post-editing. *Machine Translation*, 35(2), 101–143. <https://doi.org/10.1007/s10590-020-09252-y>
- Céspedes, B. R. de. (2020). *Mind the gap Language Service Providers views on the technological training of professional translators*. <https://www.researchgate.net/publication/338719148>
- Christensen, T. P., Flanagan, M., & Schjoldager, A. (2017). Mapping Translation Technology Research in Translation Studies. *Hermes – Journal of Language and Communication in Business* No 56.
- Courtney, J., & Phelan, M. (2019). Translators' experiences of occupational stress and job satisfaction. *Translation and Interpreting*, 11(1), 100–113. <https://doi.org/10.12807/ti.111201.2019.a06>
- Dmitrichenkova, S. v., Chazova, V. A., & Malykh, E. A. (2017). Foreign Language Training of IT-students with the Programme “translator in the Directions and Specialties of Engineering Faculty.” *Procedia Computer Science*, 103, 577–580. <https://doi.org/10.1016/j.procs.2017.01.067>
- Doherty, S. (2016). The Impact of Translation Technologies on the Process and Product of Translation. In *International Journal of Communication* (Vol. 10). <http://ijoc.org>.
- European Commission. (2017). *Competence Framework 2017 Personal and Interpersonal Language and Culture Service Provision*. http://relaunch.ecompetences.eu/wp-content/uploads/2013/11/EQF_broch_2008_en.pdf

- Fernández-Parra, M. (2009). *The Workflow of Computer-Assisted Translation Tools in Specialised Translation*.
- Folaron, D. (2019). Digital World Communication and Translation. *Slovo.Ru: Baltic Accent*, 10(3), 9–27. <https://doi.org/10.5922/2225-5346-2019-3-1>
- Gambier, Y. (2019). Impact of technology on Translation and Translation Studies1. *Russian Journal of Linguistics*, 23(2), 344–361. <https://doi.org/10.22363/2312-9182-2019-23-2-344-361>
- Gerring, J. (2017). *Qualitative Methods*. <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-092415>
- Gibbs, A. (1997). Focus Groups. Social Research Update. *Social Research Update*, 19.
- Hamilton, A. B., & Finley, E. P. (2020). Reprint of: Qualitative methods in implementation research: An introduction. *Psychiatry Research*, 283. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.112629>
- Han, B. (2020). Translation, from Pen-and-Paper to Computer-Assisted Tools (CAT Tools) and Machine Translation (MT). *Proceedings*, 63(1), 56. <https://doi.org/10.3390/proceedings2020063056>
- Hutchins, W. J., & Somers, H. L. (1992). *An introduction to machine translation*.
- Instituto Português da Qualidade. (2016). *Norma Portuguesa ISO 17100*. www.ipq.pt
- Karpińska, P. (2017). Computer Aided Translation – possibilities, limitations and changes in the field of professional translation. *Journal of Education Culture and Society*, 8(2), 133–142. <https://doi.org/10.15503/jecs20172.133.142>
- Lafeber, A. (2012). Translation Skills and Knowledge-Preliminary Findings of a Survey of Translators and Revisers Working at Inter-governmental Organizations. In *Meta LVII* (Vol. 1).
- Läubli, S., & Orrego-Carmona, D. (2017). *When Google Translate is better than Some Human Colleagues, those People are no longer Colleagues*.
- Lee-Jahnke, H., & Cormier, M. C. (1999). Translation terminology. *Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins*.
- Lemon, L. L., & Hayes, J. (2020). Enhancing Trustworthiness of Qualitative Findings: Using Leximancer for Qualitative Data Analysis Triangulation. In *The Qualitative Report* (Vol. 25, Issue 3). www.leximancer.com
- Leximancer Pty Ltd. (2021). *Leximancer User Guide*.
- Macketanz, V., Avramidis, E., Burchardt, A., Helcl, J., & Srivastava, A. (2017). Machine translation: Phrase-based, rule-based and neural approaches with linguistic evaluation. *Cybernetics and Information Technologies*, 17(2), 28–43. <https://doi.org/10.1515/cait-2017-0014>
- Minacori, P., & Veisblat, L. (2010). Translation and technical communication: Chicken or egg? *Meta*, 55(4), 752–768. <https://doi.org/10.7202/045689ar>
- Moorkens, J. (2017). Under pressure: translation in times of austerity. *Perspectives: Studies in Translatology*, 25(3), 464–477. <https://doi.org/10.1080/0907676X.2017.1285331>
- Morgan, D. L. (1996). Focus Groups. In *Annu. Rev. Sociol* (Vol. 22). www.annualreviews.org
- Morón, M., & Calvo, E. (2018). Introducing transcreation skills in translator training contexts: A situated project-based approach. In *The Journal of Specialised Translation Issue* (Vol. 29).
- Nitzke, J., Tardel, A., & Hansen-Schirra, S. (2019). Training the modern translator—the acquisition of digital competencies through blended learning. *Interpreter and Translator Trainer*, 13(3), 292–306. <https://doi.org/10.1080/1750399X.2019.1656410>

- Nurain Mudawe, O. M. (2019). Ramping the Future of Translation Studies through Technology-based Translation. *International Journal of Comparative Literature and Translation Studies*, 7(3), 74. <https://doi.org/10.7575/aiac.ijclts.v.7n.3p.74>
- O'Brien, S. (2012). *Translation as Human--Computer Interaction*. http://mmi.tudelft.nl/ecce2010/?page_id=13
- Peng, H. (2018). The Impact of Machine Translation and Computer-aided Translation on Translators. *IOP Conference Series: Materials Science and Engineering*, 322(5). <https://doi.org/10.1088/1757-899X/322/5/052024>
- Petrova, V. (2019). *Translation Quality Assessment Tools and Processes in Relation to CAT Tools*. 89–97. https://doi.org/10.26615/issn.2683-0078.2019_011
- Risku, H., Pichler, T., & Wieser, V. (2017). Transcreation as a translation service: Process requirements and client expectations. *Across Languages and Cultures*, 18(1), 53–77. <https://doi.org/10.1556/084.2017.18.1.3>
- Sager, J. (1994). *Language engineering and Translation consequences of Automation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Seljan, S. (2018). *Quality Assurance (QA) of Terminology in a Translation Quality Management System (QMS) in the Business Environment*.
- Sin-wai, C. (2015). *The Routledge Encyclopedia Of Translation Technology*.
- Sotiriadou, P., Brouwers, J., & Le, T. A. (2014). Choosing a qualitative data analysis tool: A comparison of NVivo and Leximancer. *Annals of Leisure Research*, 17(2), 218–234. <https://doi.org/10.1080/11745398.2014.902292>
- Stupiello, É. N. de A. (2010). *Traduzir na Contemporaneidade: Efeitos da Adoção de Sistemas de Memórias sobre a Concepção Ética da Prática Tradutória*.
- Stupiello, É. N. de A. (2015). *Tradução & tecnologias*.
- Talhaferro, L. C. S. (2018). *Lara Cristina Santos Talhaferro Sistemas de memórias de tradução e tecnologias de tradução automática : possíveis efeitos na produção de tradutores em formação São José do Rio Preto 2018 Lara Cristina Santos Talhaferro Sistemas de memórias de tradução e t.*
- Trinca, M. (2017). *A aquisição de competências como tradutor estagiário na empresa TIPS*.
- Verplaetse, H., & Lambrechts, A. (2019). Surveying the use of CAT tools, terminology management systems and corpora among professional translators: General state of the art and adoption of corpus support by translator profile 1. *Parallèles-Numéro*, 31(2), 2019. <https://doi.org/10.17462/para.2019.02.01>
- Wilkinson, S. (1998). Focus group methodology: A review. *International Journal of Social Research Methodology*, 1(3), 181–203. <https://doi.org/10.1080/13645579.1998.10846874>
- Zayyanu, Z. M., Zayyanu, Z. M., & Takalafiya, A. M. (2017). Translation and Modern Technologies: An Appraisal of Some Machine Translation UDUS SOKOTO Translation and Modern Technologies: An Appraisal of Some Machine Translation. In *Degel Journal of Faculty of Faculty of Arts and Islamic Studies* (Vol. 15).

Apêndices

Apêndice A

Focus Group 1: Tradutores

Moderador: Que competências considera que o mercado atual procura ao selecionar tradutores *freelancer*?

Participante 6: Acho que procuram especialização das pessoas, querem pessoas que tenham conhecimentos bastante aprofundados na sua área de tradução e não procuram tanto tradutores genéricos ou tradutores que saibam inglês ou sejam bons em inglês, mas que tenham também competências técnicas específicas para a área em que traduzem. Também pedem competências tecnológicas, aliás, parece ser um critério diferenciador para conseguir trabalho. Parece que é absolutamente necessário conhecer pelo menos o Trados ou o MemoQ ou alguma coisa assim. Parece-me que quanto maior o número de programas que uma pessoa consiga utilizar, melhor é para quem tenta contratar.

Participante 2: Bom, para além das competências em termos das línguas e competências técnicas de tradução, eu penso que hoje em dia é muito importante, de facto, conseguir trabalhar com ferramentas informáticas ou ferramentas de apoio à tradução. O Google para fazer pesquisas, dicionários online e ferramentas como o X-Bench ou o MemoQ, ou outro tipo de ferramentas. Também, mais recentemente, claramente com ferramentas de tradução automática, sobretudo na área da pós-edição. Hoje em dia já começa a haver muito trabalho que nós recebemos para fazer a pós-edição, ou seja, que vem com tradução automática já feita.

Participante 1: Sim, basicamente é isso. Cada vez mais um tradutor não pode ser só um tradutor, não pode chegar e simplesmente traduzir, saber traduzir, tem que saber mexer numa série de ferramentas. Depois há imensas ferramentas, os clientes cada vez mais pedem ferramentas novas e é uma das competências que nós temos que ter. Além disso, é termos vontade e aprendermos a mexer em todo o tipo de ferramentas.

Participante 5: Eu concordo com o que os meus colegas disseram. Só acrescentaria, em relação ao que a Participante 2 disse, que eu não sinto que cada vez mais, nos seja proposto fazer a pós-edição de textos que já foram tratados com tradução automática, eu acho que isso, no meu caso, já está mais do que estabelecido e definido. Eu diria que noventa por cento, se calhar, do trabalho que me é proposto é de pós-edição de traduções

já feitas com TA. De resto, concordo. É essa capacidade de adaptação às ferramentas que vão surgindo e às ferramentas que são próprias dos clientes. Além das outras competências todas que são imprescindíveis.

Participante 4: Eu acho que, da minha parte, para além de toda a parte técnica, eu acho que importante, e que é isso que cria a fidelização do cliente, é a capacidade de nós nos adaptarmos ao contexto da tradução, porque nota-se muito isso nas revisões, principalmente, que uma pessoa faz... Há pessoas que, pura e simplesmente, traduzem tudo da mesma maneira, independentemente de ser um texto médico, técnico, de marketing... E, hoje em dia, cada vez mais é necessário isso, essa adaptação, essa necessidade de, por vezes, até alterar o original para nos adaptarmos à nossa língua materna. Porque há as dificuldades das expressões, dos provérbios, por exemplo, e tudo isso... E isso faz muita diferença hoje em dia, acho eu, pelo menos para o tradutor, porque traduzir qualquer um consegue. No fundo o problema depois é manter o cliente. E eu acho que hoje em dia também se procura muito isso, essa qualidade. Pelo menos pelas empresas que querem alguma qualidade, porque depois também há quem aceite tudo e mais alguma coisa.

Participante 3: Agora há pouco a acrescentar, não é. Mas sim, depois há aqui esta questão da pós-edição que agora é cada vez mais comum, acho que foi a Participante 5 que falou disso. Eu ainda não senti tanto, mas no último ano, talvez, tem aparecido mais trabalho nessa área. Pronto... Também se nota que as ferramentas estão cada vez melhores, mas ainda estou naquela fase, em que não sei se... não sei muito bem... também depende da tradução, mas não sei muito bem se ajuda mais do que atrapalha, mas pronto. Mas é como a Participante 5 disse, também já há clientes que mandam uma tradução feita assim de forma automática, que pronto... e depois temos que tratar de compor a coisa. Mas acho também que... eu acho que há uma coisa que por acaso... foi uma coisa muito... nestes últimos dias... acho que os clientes também gostam muito da nossa disponibilidade, mas depois acaba por... porque eu tive, tive aqui uma tradução que o cliente, pronto... aquilo houve várias pequenas questões e não sei quê e aquilo estava sempre para cá e para lá, mas pronto, mesmo no fim até valorizou isso. Mas pronto, isto depois vai é entrar em relação com... com a gestão de tempo porque, por um lado, somos *freelancers* e acabamos por, inerentemente, ter mais disponibilidade, se calhar, mas, por outro lado, também não podemos estar vinte e quatro horas disponíveis. Mas também tenho reparado que também é uma coisa que valorizam muito, com o que isto tem de bom

e de mau. Mas até quanto mais rápida for a nossa resposta, melhor. Também acaba por fidelizar a clientela o estarmos disponíveis para responder às dúvidas que possam existir. Resta salientar a questão das ferramentas de tradução, depois também ir apanhando ou ir acumulando experiência também para fazer a distinção nas pesquisas das fontes fidedignas daquelas que não o são. À partida também é a tal coisa, como acho que o Participante 4 disse, traduzir toda a gente traduz, mas depois, sobretudo com a experiência é que vem aquela capacidade de fazer a distinção do contexto. Como todos sabem, há palavras e expressões que se podem traduzir de milhentas maneiras em contextos diferentes. Ao início isso, se calhar, às vezes é um bocadinho mais complicado de apanhar. Já acabei por fazer revisões de estagiários, para a empresa para a qual eu trabalho, e nota-se muito isso, nota-se que há uma grande dificuldade, às vezes, em apanharem o contexto da coisa e em fazerem essa distinção. Acho que isso, depois também, naturalmente, vem com os anos de experiência. Mas pronto... A salientar a questão das ferramentas. Acho que, neste momento, é fundamental. Quase que até o cliente mais pequeno já fala nos Trados e nos MemoQ e outros. Depois há alguns que têm algumas ferramentas próprias, que são assim o inferno, mas isso é outro... já é outra questão. Mas aí entra a parte da adaptação. Acho que acabamos por ter que estar sempre um bocadinho em formação constante, nesse sentido. E acho que é isso, mais ou menos, mas basicamente reforçar o que já foi dito.

Moderador: Tendo em conta a sua experiência profissional, quais considera serem as competências de TI que o tradutor *freelancer* deve ter atualmente e como são importantes para o mercado de trabalho? Podem ser só dois ou três exemplos dessas competências mais tecnológicas.

Participante 3: Assim, de repente, pronto é as CAT tools, saber trabalhar com o MemoQ ou com o Trados, ou o que seja, saber construir uma memória em condições, saber construir um glossário, saber trabalhar com as ferramentas de controlo de qualidade... assim de repente é aquilo que me vem à cabeça.

Participante 5: Eu não tenho nada a acrescentar àquilo que disse agora o Participante 3. No meu caso em particular, tudo o que fuja a esta utilização das ferramentas da tradução, do controlo de qualidade, tudo isso, normalmente, tenho que fazer um SOS ao informático de serviço, porque considero que tenha alguma proficiência na utilização dessas ferramentas, mas tudo o que implica já uma técnica informática mais avançada, com toda a franqueza, está para... e também não sei até que ponto é exigido, no mercado

atual, ao tradutor que seja um técnico informático assim de excelência. Normalmente há a quem recorrer para esse apoio. Não tenho sentido essa exigência. No meu caso não tenho sentido essa exigência. É a proficiência normal que se exige para trabalhar com essas ferramentas básicas que são o "pão nosso de cada dia" e nada mais.

Participante 6: Eu acho que é preciso ter um conhecimento aprofundado da tecnologia em causa, ou seja, saber bem utilizar as ferramentas para conseguir trabalhar em volume e em qualidade e para obter a coerência do texto. Portanto, ao nível de tecnologias de informação, como o Participante 3 disse, uma pessoa precisa de estar sempre ligada, estar disponível, ter os programas gerais e saber utilizar muito bem o computador em geral. Como digo, os programas especificamente parecem que procuram muito conseguir o maior número possível de palavras por hora, por dia, conseguir aproveitar ao máximo as funcionalidades em termos de coerência para não haver erros e lapsos ou discrepâncias entre termos traduzidos num lado e noutro. Parece-me que procuram quase um trabalho menos criativo por parte do tradutor e um trabalho mais funcional, mecânico e tecnocrata.

Participante 3: Não sei se posso dizer uma coisa que agora me lembrei, não sei se se engloba nisto, que é, além da própria ferramenta de tradução é, não sei se vocês normalmente lidam com essa parte, ter de preparar os ficheiros e depois ter que os reconstituir.

Participante 5: Não, no meu caso não.

Participante 2: Às vezes.

Participante 3: Quando às vezes enviam um PDF tem que se fazer o reconhecimento, etc., etc., voltar a fazer a reconstrução do ficheiro. Isso às vezes, desculpem o termo, mas é um valente pincel. E é aí que já entram quase competências de edição e de, sei lá, programas de paginação.

Participante 1: Eu tenho alguns clientes também que me pedem traduções a partir PDF e depois pedem para fazer a formatação. Pronto, é preciso... quer dizer não é obrigatório, mas é uma mais-valia ter esses conhecimentos, porque há clientes que ainda são à antiga, digamos assim, e que ainda querem... Ainda precisam de coisas assim. Mas acontece-me mais com coisas de currículos e coisas assim. É o que mais me aparece a mim. No meu caso é mais currículos, depois lá tem um ou outro que me pede assim, algumas vezes, alguma formação específica. Assim é uma mais-valia ter esse tipo de conhecimentos, porque depois é preciso transformar aquilo tudo num ficheiro Word e depois é preciso

pôr aquilo tudo no Trados ou no MemoQ, ou no que for. Depois é preciso pôr tudo outra vez de volta ao que estava.

Participante 3: Pois agora estava-me a lembrar disso porque acaba por ser um trabalho que nem sempre é pedido, mas também pode ser uma mais-valia. Aparece o cliente, envia-nos um PDF ou coisa assim, às vezes alguns, até enviam um ficheiro em Indesign, depois acaba por ser um bocadinho mais fácil de construir. Mas é um bocadinho essa coisa que é, eventualmente até poderíamos extrair o texto e depois entregamos um Word e, às vezes, até ficam a olhar para aquilo um bocadinho como "mas não foi... Não era isto que eu queria." Porque é aquela coisa, estão à espera que saia logo o ficheiro igualzinho. E pelo que eu vejo a Participante 1 há de saber isto muito melhor do que eu. Depois é a tal coisa, mesmo que a pessoa faça a exportação, às vezes, mesmo no Word, pronto, obviamente por causa da métrica no português e no inglês, sobretudo no inglês, (trabalho com o inglês e o Espanhol) o espanhol é como o outro, mas o inglês ainda é pior, mas é a tal coisa, vai parar uma coluna não sei onde vai a imagem que depois pronto...

Participante 1: Nesses casos, até mais vale começar do zero. Começar do zero, fazer tudo de novo e começar dali.

Participante 3: Mas pronto. Acho que isso quem, desculpa interromper, mas quem souber também trabalhar com esse tipo de ferramentas certamente é uma mais-valia do que... olha, do que eu que o meu conhecimento nessa área é muito básico, e até pode ser um valor acrescentado e até um extra que pode fazer a um cliente. Aquela coisa do "pronto veio o ficheiro assim" e depois, das duas, uma, ou "posso entregar um Word com o texto, e depois vocês fazem o que têm que fazer" ou então "posso sim fazer a entrega já no ficheiro PDF todo bonitinho", ou outro, o que seja. Mas isso, lá está, é uma competência que vai... apesar de ir além das funções, acaba... até certo grau, acaba por ser complementar, acho eu. Eu falo disso também, pois então, se tive de fazer um PDF, e etc., são muito básicos. Mas acho que quem souber trabalhar essa parte gráfica acho que tem uma mais-valia.

Participante 1: É exatamente essa a minha opinião também.

Participante 2: Para além daquilo que já foi dito, eu acho que, sobretudo, é preciso uma enorme capacidade de adaptação, porque trabalhamos com muitas ferramentas diferentes. Por vezes, o que acontece é que não conseguimos explorá-las o suficiente. Porque estamos face às ferramentas sem ter formação, sem ter tempo para perceber como é que aquilo

trabalha, provavelmente não as aproveitamos nem ao máximo, talvez nem ao mínimo. Acabamos por fazer o básico, mas muitas vezes nem sequer percebemos o que é que a ferramenta nos pode ajudar mais porque não há tempo. Passamos de umas às outras sem... Essa capacidade de adaptação, eu penso que é muito importante porque se houver só uma ferramenta, ao fim de algum tempo já toda a gente sabe trabalhar com aquilo e percebe o que é que lá está. Sendo assim, é mais complicado e sobretudo porque não vai parar, cada vez vai haver mais. Até as próprias ferramentas que se conhecem, cada vez que há uma nova versão aparecem coisas novas. Em relação àquilo que estavam a falar sobre a parte da edição e da formatação, eu penso que é uma mais-valia, mas, por outro lado, penso também que é preciso ter algum cuidado porque todas essas formatações, ou algumas delas, por vezes, em termos de tempo, são muito exigentes. Se os clientes se habituem a que o trabalho seja feito sem pagar o adicional por isso, pode não ser necessariamente uma coisa boa... E uma coisa é uma formatação rápida, outra coisa é estar o dia inteiro à volta de um documento para ficar aquilo tudo direitinho.

Participante 1: Eu, por exemplo, que eu às vezes faço alguns trabalhos desses, eu cobro sempre uma parte de formatação. Quando me fazem o pedido, eu digo é X com formatação e Y sem formatação. Nunca faço isso por zero.

Participante 3: Eu quando falei isso também... pronto, a não ser que seja uma coisa simples e rápida, como a Participante 2 disse, há ficheiros que aquilo é um pesadelo andar ali a acertar as coisas, por isso uma pessoa não pode passar ali um dia inteiro. Por isso é que acaba também por ser uma mais-valia para nós, porque serão serviços que podemos, à partida, cobrar à parte. Agora, se os clientes querem pagar ou não, isso já é outra coisa.

Participante 1: Também já me aconteceu dizerem que querem sem formatação, eu mando o ficheiro em Word assim, sem nada, e dois dias depois também estão a pedir-me para fazer a formatação. Também me acontece.

Participante 4: Eu como não faço formatação, sou mais ali da onda da Participante 5 e da Participante 2, que é ir às funções básicas no fundo. Porque lá está, a Participante 2 tem razão quando diz que nós não temos tempo para aprofundar a ferramenta, porque normalmente, quando nós as começamos a utilizar é porque já nos pediram para o fazer e, então, já estamos, dentro do prazo, a ter que aprender para cumprir o prazo da tradução. Por isso realmente sim, acho que nós vamos muito pelas funções básicas. Também acho, sinceramente, que as ferramentas são relativamente intuitivas e não, não causam grande confusão, desde que nós não passemos, como é óbvio, das funções básicas. Mas, às vezes

também sinto que há situações em que nós estamos a perder, às tantas, oportunidades de trabalho, que nós estamos a ter trabalho a mais porque há funções que nós desconhecemos e que depois, mais tarde, até vimos a saber. E dizemos "Eh pah... andei este tempo todo a fazer isso desnecessariamente", mas lá está, isso faz parte da prática e da utilização, e de ter tempo para as explorar. Mas a nível de TI, acho que não exige assim grande coisa. Lá está porque eu não faço formatação, é só trabalhar no ficheiro que recebo. Acaba por não ser uma coisa muito complicada para mim. Estou a falar na formatação, nas colunas, na disposição gráfica. Eu normalmente trabalho com o Trados ou com o WordFast, que já vêm com os *tags*, que são super-irritantes, mas é já automaticamente, ou seja, aqui já faz esse trabalho todo. Eu, pura e simplesmente, trabalho no ficheiro e devolvo o *return package* ou o que seja. Não tenho, não tenho muito essa experiência, nem me pedem muito para fazer a formatação do ficheiro final, de maneira que não é uma coisa que eu considere que seja preciso algum conhecimento específico. Agora, como o Participante 3 falou e a Participante 1, é claro que se nós tivermos que formatar um ficheiro final, aí sim, ter que estar a receber do PDF para passar para outro formato qualquer, já exige algum conhecimento. A mim não me pedem isso. Pronto, sou muito sincero, é coisa que nem sei.... Teria, realmente, que fazer um SOS, como a Participante 5, e pedir a alguém que rapidamente me explicasse.

Moderador: Para além da tradução em si, que outras tarefas são pedidas aos tradutores atualmente? Exemplo: a formatação, o alinhamento de textos, a criação de glossários, tradução online, *guidelines* para publicação.

Participante 4: Lá está, no meu caso, vamos bater no que eu tinha dito. Não faço muito mais para além, tirando a parte dos glossários, que sim é uma coisa que normalmente pedem, mas tirando isso, não há assim muito mais que me seja exigido.

Participante 5: E a Conversão dos PDF também.

Participante 6: Os glossários, sem dúvida que são algo que é pedido. Apesar de que, parece-me que o mais importante para quem contrata, para empresas que contratem, é ter o texto e poder integrá-lo na base de dados interna e no glossário... em vez de ser um glossário especificamente, ter ali o texto, porque parece-me que as máquinas, os programas informáticos conseguem mais ou menos fazer essa parte do trabalho do glossário por causa da segmentação. Pedem também, sem dúvida, formatação, que continua a ser uma coisa que retira muito tempo, é uma chatice e se puderem puxar essa parte para o tradutor, quer dizer que eles não têm que fazer do outro lado e, portanto...

Apesar de estar a usar o programa... porque se fosse no Word é fácil porque uma pessoa acaba por fazer a formatação mais ou menos ao mesmo tempo que faz a formatação, ou pelo menos pode optar por fazer isso. Enquanto fazendo o trabalho utilizando as ferramentas, têm que primeiro fazer a tradução e só depois, com o produto final é que faz/afina a formatação que seja necessária. Houve um ou dois projetos em que foi pedido tradução *online*, em que há uma pessoa que faz uma parte, outra que faz outra parte e depois há um revisor que revê e tenta homogeneizar as duas partes. Como é evidente, é uma solução um bocado complicada porque parte do processo de tradução é decidir, pelo menos a nível de terminologia técnica, qual é que é o termo que vai-se utilizar. E essa escolha por um termo, normalmente, é parte de um todo, ou seja, quando uma pessoa escolhe usar um termo leva em consideração os outros termos que aparecem no texto e a decisão de não usar um termo que seja muito parecido, muito semelhante para outra palavra. Essa decisão que é tomada, que é uma decisão racional e pensada, depois pode ser, e quase sempre é, uma decisão diferente daquela que foi tomada por outra pessoa, o que não seria um problema se não estivessem os dois no mesmo texto. Porque se estão os dois no mesmo texto e temos um critério ou vários critérios para terminologia utilizada de um lado e depois vários critérios usados do outro lado. Quem revê o trabalho tem que tentar homogeneizar isto, ou seja, escolher um ou outro, porque ao escolher um termo que parece melhor ao revisor numa parte e depois ao aplicar noutra parte pode criar outros conflitos com outra terminologia que foi utilizada. Portanto acaba por ser um trabalho muito complicado de fazer porque eventualmente entra numa parte mais criativa, menos objetiva, digamos, nessa parte da tradução e, assim, não corre tão bem. Agora, utilização de plataformas *online*, existe. Há quem apenas queira o trabalho feito *online*. Às vezes os clientes querem proteger a informação ou não querem que a informação seja conhecida, portanto tudo fazem para que os tradutores não tenham uma cópia local do trabalho que está a ser realizado. Por isso uma pessoa é forçada a trabalhar *online* e é um trabalho controlado, com *login* e *logout*, tudo controladíssimo, os momentos de trabalho, as horas de trabalho e uma pessoa, muitas vezes, acaba por não controlar o trabalho e não poder trabalhar ao seu ritmo, tem de ser ao ritmo específico da empresa que tem X tempo alocado para esse trabalho ou para qualquer tarefa ou função. Isso existe.

Participante 1: A mim, o que pedem muitas vezes, que eu não considero isso tradução, considero um pincel, que é quando fazem as comparações.... Fazem alterações aos ficheiros, depois fazem aquelas comparações do Word e depois nós temos que alterar o

que está... as coisas novas, tirar o que saiu e pôr as coisas novas. Eu não considero isso um trabalho de tradução. Considero não sei o quê, pronto, é um pincel, é uma seca. Não considero porque, no fundo, nós acabamos por ter que andar às voltas no ficheiro, a apanhar coisinhas que estão ali, coisinhas que estão aqui, não é tradução nenhuma. Seria uma tradução se eles pusessem aquilo, por exemplo, ou no Trados ou noutra coisa qualquer, passassem a memória e a gente fizesse a tradução das coisas que faltam ou tirávamos as coisas estão mais. Agora, isto é um trabalho que me pedem com alguma frequência e que eu não sei muito bem o que é que é. Não consigo perceber se é uma tradução, se é uma revisão, se é uma pós-edição não... sei lá, aquelas coisas que eles chamam os LSO ou não sei o quê. Não percebo muito bem o que é que aquilo é, mas é uma coisa que me pedem com alguma frequência e que me chateia.

Participante 5: É verdade, dá mais trabalho e demora mais tempo do que traduzir não sei quantos parágrafos de texto corrido e, normalmente, depois de várias experiências, normalmente, tenho sempre assim uma indisponibilidade para fazer isso.

Participante 1: É como eu. Depois, de vez em quando, decido dizer que sim e fico arrependidíssima porque já disse que não sei quantas vezes a coisas destas que, pronto, está bem, então vou dizer que sim agora. Eish, que pincel!

Participante 5: É verdade. É mais difícil dizer que não quando são coisas que fui eu que traduzi e agora o cliente introduziu não sei quantas alterações. Mas só mesmo se estiver muito bem disposta ou se não puder, de todo, já dizer que não, porque é um trabalho ingrato e inglório, consome tempo, consome a paciência e não sou fã também. Felizmente também não me pedem assim muito. A mim, para além de traduzir e rever (também me pedem pouco, felizmente, nos últimos anos), também não me são solicitadas outras tarefas assim que me ocorram.

Participante 1: Eu, é as formatações, às vezes, nomeadamente quando é mais currículos e coisas assim, às vezes coisas de tribunal, também já pediram para fazer só formatação e basicamente é isso.

Participante 5: A mim quando me pedem... Por exemplo, há documentos, aquelas apostilhas e coisas assim, normalmente, o cliente fornece um modelo e eu trabalho no modelo. Quando são, às vezes há outras coisas... Eu vou ser franca, eu até gosto e tenho saudades de fazer esses trabalhos. Às vezes sentenças e outras coisas que têm uma determinada formatação e me pedem para seguir, porque é a tradução um bocadinho à

moda antiga, independentemente de fazer esse trabalhinho de pôr umas colunas ou umas coisinhas, mas sempre é melhor do que estar no MemoQ a olhar para aqueles segmentos e, francamente, se pudesse voltar atrás e voltar a essas traduções, mesmo com a formatação, não me importava nada.

Participante 1: Ah! E há outra coisa que nos pedem às vezes que é a transcrição, a gente tem que ouvir coisas e escrever. Mais coisas de tribunal, também já me aconteceu de filmes ou de séries, ter que fazer isso.

Participante 5: Nunca me aconteceu fazer isso.

Participante 3: Eu transcrição faço, faço alguma até. Transcrição, com e sem tradução. Às vezes acontece ser só de português e outras vezes querem para outras línguas.

Participante 1: Querem para outras línguas. Sim, eu já fiz das duas também, mas já fiz as duas coisas.

Participante 5: E às vezes também pedem retroversão, que eu nunca faço, como é óbvio e acho que não devemos fazer, mas ainda há quem peça de vez em quando.

Participante 1: Mas não, também não faço.

Participante 4: É evidente que eu também sim, já pediram para, tal como estava a dizer a Participante 1, provavelmente até foi para o mesmo cliente, para encontrar aquelas alteraçõezinhas que eles fazem. Neste momento, isso é muito raro acontecer e nem considero que seja um pedido habitual. Por isso é que nem sequer falei nisso, mas sim. Também já fiz transcrição. Ou seja, todas essas coisas. Agora eu baseei-me principalmente, no trabalho mais regular.

Participante 1: Sim, mais corriqueiro, é.

Participante 4: Por isso, como não é um trabalho que eu normalmente faça, é que eu nem sequer inclui. Já todos nós passamos um bocadinho por isso, ter que fazer ou uma cena qualquer de tribunal ou de currículos, ou realmente fazer comparação de alterações. Também já fiz, só que, confesso, muito pouco e, tirando algumas gestoras que faziam o choradinho para uma pessoa aceitar, por norma nem sequer aceito, porque realmente é um trabalho que não compensa o tempo que se perde com o trabalho que dá. Por norma não compensa quando chega a altura de receber o pagamento e daí que eu faça muito pouco.

Participante 2: Ainda menos.

Participante 1: Tal e qual.

Moderador: Estão-se a esquecer daqueles formulários para avaliações das traduções e justificações, também é alguma coisa que de vez em quando aparece, não é?

Participante 1: Sim.

Participante 4: Mas, lá está, também era só uma pessoa que me pedia isso. Nunca mais me pediram isso.

Participante 1: Exatamente, agora já não fazemos disso.

Moderador: Qual considera ser o impacto das inovações tecnológicas no mercado da tradução? Ou seja, como se percebe, a tecnologia vai mudando bastante, não é. Qual é o verdadeiro impacto que vocês sentiram na nossa experiência profissional e continuam a sentir?

Participante 5: A rapidez e a celeridade. Os prazos são cada vez... no meu caso, são cada vez mais curtos. Pedem-me trabalhos com prazos que eu acho inacreditáveis. Eu, apesar de ser *freelancer*, ao contrário do Participante 3, eu não tenho toda a disponibilidade. Pelo contrário, porque sou *freelancer* em tradução, mas tenho um emprego das nove às cinco. Tenho pouquíssimo tempo para traduzir e sempre consegui, há vinte e tal anos que sou tradutora *freelancer*, e sempre consegui encaixar na minha vida profissional porque faziam choradinhos ou davam umas horas ao fim de semana. E agora pedem prazos assim mesmo... Eu desconfio que, ainda que não tivesse um emprego, não conseguiria aceitar. Exatamente porque já estou a ficar mais avançada na idade e já não tenho a mesma energia e capacidade. Mas sinto que cada vez, como digo, os prazos são muito mais curtos. Porque também essas ferramentas, pelo menos na teoria, assim o implicam, porque o que eu sinto é que acham que como há essas ferramentas digitais todas, como já tem a TA, agora isto é muito mais rápido. Não é, no meu caso não é. E fazer a pós-edição de um texto que já foi objeto de TA, francamente não sou fã, não sou apreciadora, acho mesmo detestável e apenas estou conformada com a realidade. Vou-me habituando, mas, para mim não é mais rápido porque não sou capaz de confiar na TA. A TA, se calhar, evita que eu digite ali umas coisas, portanto só me poupa os dedos, não me poupa o raciocínio nem a leitura, nem a pesquisa... Se, porventura, estiver correto, poupa-me ter de digitar aquelas palavras que já lá estão. Mas eu diria que, essencialmente, o impacto é na escalabilidade de todo o processo.

Participante 3: Acho que é a celeridade e consistência. Mesmo que façamos um erro, pelo menos é consistente e depois também se for preciso mudá-lo, já sabemos que está tudo igual. Acho que é a questão dos glossários e das memórias que acabam por facilitar também nesse aspeto. Uma pessoa se fizer uma tradução grande, ao segundo ou terceiro dia já não se lembra propriamente do que é que fez no primeiro. Quer dizer, não se lembra... há certas palavras, ou certas expressões que uma pessoa já não... Se tivesse que estar a fazer uma nota mental, eu pelo menos falo por mim....

Participante 5: Ou manual.

Participante 3: Mas pronto, isso acaba por as ferramentas... as ferramentas acabam por facilitar também esse aspeto de se conseguir ter, acho eu, um resultado muito mais competente e um bocadinho mais rápido.

Participante 1: Mas estamos a falar de tradução automática?

Participante 3: Não, eu estou a falar da tradução normal, porque, por exemplo, estamos a trabalhar no MemoQ (eu falo mais no MemoQ porque é o que eu uso), mas calculo que o Trados seja (já não trabalho com ele há muitos anos) ...

Participante 1: É a mesma coisa.

Participante 3: Mas deve de ser mais ou menos o mesmo. Acho que a interface até está muito parecida e tudo. Pronto, uma pessoa está a fazer uma tradução, pode sempre... pode ir construindo o seu glossário e ele acaba por ser sempre uma garantia de consistência. E é uma coisa que realmente as ferramentas acabam por permitir, de uma forma mais fácil e célere do que, por exemplo, fazer anotações à mão ou fazer um ficheiro com o nosso glossário fora da ferramenta. Acho que acabávamos por ter mais... dava mais aso a erros, portanto, tudo ali concentrado, acho que facilita e acelera. Também tenho verificado que ultimamente parece que o pessoal está todo... porque parece que querem tudo para ontem. E, às vezes, são coisas que nós sabemos que demoraram meses e meses, sei lá, andam a produzir uma maquineta qualquer durante dois anos e depois a tradução tem que ser em três dias, é assim um bocado estranho, mas pronto, acho que já todos passaram por isso, ou por uma coisa do género.

Participante 1: Eu acho que cada vez mais os prazos estão mais curtos, cada vez mais. É sempre tudo para ontem. E depois é "Ah, são só duzentas palavras". Só que esquecem-se que são duzentas palavras que nós temos que buscar não sei aonde, pôr não sei aonde, escrever não sei aonde. E são assim trinta voltas e demoramos não sei quanto tempo para

fazer trezentas palavras quando antigamente aquilo vinha num ficheiro, a gente traduzia e mandava, e está a andar.

Participante 3: Às vezes há trabalhos que demoram mais tempo a abrir e a fechar e não sei quê do que a traduzir.

Moderador: Nesse aspeto a tecnologia não teve só um impacto positivo, é isto que estão a dizer, também tem ali um impacto negativo de certa forma.

Participante 3: Acho que a questão da tecnologia, sobretudo para quem não está dentro da área, acho que acaba por criar uma falsa ideia. Daí também um bocado esta coisa toda da tradução automática. Isso não sei se tem a ver ou não, mas se calhar também acaba por influenciar a questão dos prazos, porque, se calhar acham que como se agora... eu às vezes falo com pessoas conhecidas, eu digo que uso o programa de tradução e então, a partir do momento em que a pessoa diz que usa um programa de tradução, acham que é uma coisa tipo Google Translate. Ou seja, não é aquela coisa de "não, nós importamos o ficheiro, só temos o original e temos que estar a escrever, a dar aos dedos a escrever." Então acho que se calhar acaba por também se criar uma ideia generalizada de dependência da tecnologia ou até aquela coisa de "pronto, isto agora metem aquilo para lá num programa qualquer, depois dão uma olhadela e está feito" e não sei até que ponto é que isso também, na psique do cliente, vai jogar naquele sentido de "pronto, se fosse há vinte anos se calhar dava-lhe uma semana, mas agora como é só meter aquilo lá nos computadores e não sei quê, isso praí num dia ou dois está feito. Não é a questão da tecnologia em si, mas é quase uma ideia generalizada da tecnologia, que não sei até que ponto é que influencia também esses aspetos indiretamente. Um cliente não está a trabalhar com a ferramenta, mas parece que dá aquela ideia de que agora é só despejar assim umas coisas e é dar ali uma olhadela e tal, aquilo fica tudo feito e está a andar. Não sei se por isso também acabe por haver até essa questão dos prazos cada vez mais curtos ou então, não sei, é simplesmente o ritmo do mercado, não faço ideia. Talvez dê essa falsa também sensação de uma rapidez ou uma eficiência ... mais uma rapidez maior do que aquela que nós conseguimos.

Participante 2: Eu penso que há aqui duas questões que são diferentes no meu ponto de vista, eu acho que as ferramentas CAT trouxeram... enfim, a minha experiência em tradução não é muito longa, portanto não fiz muita tradução fora das ferramentas e eu gosto de trabalhar com as ferramentas de tradução. Acho que, como o Participante 3 disse, sobretudo em trabalhos grandes, são grandes auxiliares em termos de consistência, vão criando memórias. Se as traduções forem feitas para o mesmo cliente, se as memórias

estiverem devidamente atualizadas, também se consegue uma consistência com trabalhos anteriores, eventualmente até feitos por outros tradutores, e eu penso que isso aí é uma grande vantagem. Os glossários, tudo isso, é uma vantagem. Eu penso que facilita o trabalho e permite que o trabalho tenha melhor qualidade. As ferramentas de QA, tudo isso. Depois há a questão da tradução automática, que eu acho que é uma questão completamente diferente. Se, por um lado, talvez no futuro venha a ser... eu acho que as ferramentas de tradução automática estão claramente a evoluir. Desde que comecei a trabalhar com elas até agora, nota-se a evolução, mas têm diversos problemas, um é a qualidade. Até agora, pelo menos, aquelas com que eu tenho trabalhado são todas brasileiras, portanto não há ferramenta de tradução automática portuguesa, portanto o texto que vem é brasileiro logo à partida. Depois a qualidade varia imensamente de cliente para cliente, já percebi que há determinados clientes que, como a memória já lá está, vêm traduções fantásticas, fabulosas, que a gente olha para aquilo e acha que aquilo não foi feito por uma máquina e há outras em que é uma desgraça pegada do princípio ao fim. Sendo que nós somos pagos igual pela boa ou pela má e o trabalho que dá não tem nada a ver uma coisa com a outra. E quando nós aceitamos o trabalho não sabemos que vem, não sabemos se vem uma tradução automática espetacular daquelas que é só mexer umas vírgulas e pouco mais ou se temos que fazer aquilo tudo do princípio ao fim como se fosse novo. Esse é um problema. E depois há, como o Participante 3 referiu, o problema dos prazos. Já com as CAT havia algum problema com os prazos, e com as traduções automáticas pior, porque revisões de sete mil palavras para serem feitas num dia... aquilo não se consegue ler bem por alminha nenhuma. Depois podem dizer que são sete mil palavras, mas ponderadas são três mil, mas nós temos que ler as sete mil.

Participante 5: Pois, sem dúvida.

Participante 2: Ponderadas ou não ponderadas o tempo que dá a ler é igual.

Participante 5: Sem dúvida, sem dúvida.

Participante 2: E depois a tradução automática tem um outro problema que é o raramente ser consistente. Portanto, se a nossa consistência por vezes falha porque a memória já não é o que era, então a da ferramenta de tradução automática... aquilo é inconsistente do princípio ao fim. Eu penso que esta questão das traduções automáticas é de facto complicada. Eu não me importo de trabalhar com a tradução automática quando ela vem bem feita, quando ela vem mal feita aquilo é um desespero. Esqueci-me de dizer uma coisa. Há outra questão que eu acho que é também um impacto da evolução

tecnológica e que tem, sobretudo, a ver com o facto de, neste momento, haver muitíssima tradução feita online em todas as partes do mundo e eu acho que está a pôr uma enorme pressão nos preços que nos pagam. Porque, obviamente, também põe uma enorme pressão nos preços que as empresas conseguem cobrar. E, obviamente, a qualidade das traduções é o que é, mas nem todos os clientes estão dispostos a pagar qualidade. Eu sinto que há pressão nos preços e eu penso que tem muito a ver com isso. Hoje em dia qualquer pessoa com um computador, em qualquer parte do mundo, faz uma tradução e há alguns anos não era assim. E eu acho que isso, em termos de preço nota-se.

Moderador: Nesse aspeto, estás a considerar que a maior concorrência, em termos de tradutores disponíveis, é também o impacto desta inovação tecnológica.

Participante 4: O grande impacto para mim, como é óbvio, foi a rapidez do trabalho, quando já veio o ficheiro pronto e, obviamente, a facilidade das memórias. Depois, como é óbvio, tem sempre um lado negativo que é a tradução automática, que eu considero o grande cancrozinho, no momento, do nosso trabalho, porque é um falso amigo. É um falso amigo porque, como também já foi dito, os clientes acham que aquilo que nos está a ajudar e, a maior parte das vezes, prejudica e mais vale fazer um novo. Eu às vezes preferia fazer de novo do que estar ali a tentar encontrar um sentido na tradução automática. E também é verdade que sim, vem tudo em brasileiro e, às vezes, é uma guerra porque as contagens e os pagamentos, as tais palavras ponderadas, estão a contar com aquilo tudo muito direitinho e isso raramente ou nunca acontece. Mas, basicamente, eu, para mim, até vejo pelo lado positivo a rapidez. Eu, hoje em dia, consigo fazer muito mais, um volume muito maior do que quando eu comecei a trabalhar. A consistência é claramente maior. Eu antigamente tinha que andar a procurar no ficheiro, às vezes tentar encontrar uma palavra que me lembrava, pôr lá o *find*, para ver se encontrava o contexto. Hoje em dia não, as memórias facilitam-nos a vida nesse aspeto, uma pessoa corre a memória e já consegue encontrar o que procura facilmente. Por isso, eu até acho que, no geral, veio ajudar. Pronto, como é óbvio, sempre com um ponto ou outro negativo. Mas, para mim, o impacto foi positivo.

Participante 6: Também acho que tem impacto no nível de volume de trabalho. Quer dizer, o mercado está-se a transformar, está claramente diferente, como já tinha dito, agora somo todos mais revisores do que tradutores. O trabalho de tradução criativa está um bocado a desaparecer, fora romances e livros que, suponho eu, terá ainda que ser traduzido à forma antiga, agora textos gerais, textos técnicos de áreas de prestação de serviços, de

áreas industriais e similares... Suponho que a qualidade será melhorada desta forma. Não há tanto espaço para erros e para lapsos porque já existe uma terminologia definida e que as pessoas têm que seguir. Mas o próprio trabalho do tradutor, agora os tradutores como tal, já não é o que era. Como já foi dito, o tradutor agora é um revisor, muitas vezes um revisor de tradução automática. Eu até acho que a tradução como tal, e como ela existe neste momento, está cada vez... Apesar de o mercado ter alargado, há cada vez menos necessidade para tradutores generalistas, só mesmo para pessoas que sejam muito especializadas numa área específica. Por isso, transformou-se o tipo de trabalho e por isso até a posição e a função do tradutor e também o número de tradutores que são necessários, porque com a tradução automática consegue-se traduzir muito mais, a rever leva muito menos tempo, pelo menos se a tradução automática for boa, e há muito mais pressão para cumprir prazos muito mais apertados, como já foi referido. Portanto, o que eu vejo é que é mais uma profissão que está a ser assim, de certo modo, ultrapassada ou transformada ao ponto de ser quase irreconhecível comparado com o que era, por exemplo, quando comparado com há vinte anos atrás. E isso tudo por causa da evolução tecnológica.

Moderador: Pode dar alguns exemplos sobre como a necessidade de utilização de ferramentas de tradução, como o Trados Studio e MemoQ, e até também ferramentas de tradução automática, ditou a necessidade de alterar as competências necessárias para se ser um tradutor *freelancer* atualmente?

Participante 4: As competências, no fundo, a única coisa que nos obrigou, que foi o que nós já falamos anteriormente, é o termos de aprender a trabalhar com as ferramentas. Porque, depois, a nível prático, a competência da tradução estava lá, fosse com ferramenta ou sem ferramenta, a ferramenta facilita. A única coisa, a meu ver e no meu lado pessoal, que me veio a obrigar, foi a aprender a trabalhar com a máquina, com a ferramenta, enquanto eu antes só tinha que saber usar o Word, neste momento, tive que aprender a usar o Trados, o MemoQ, o WordFast, o X-Bench, todas essas ferramentas que apareceram entretanto. Sim, foi a única coisa que eu senti necessidade foi de aprender a trabalhar com elas, de resto, pronto, tirando as competências normais da tradução, e que com a prática supostamente vão melhorando, não vejo grande necessidade, neste momento, de muito mais competências do que quando eu comecei, sem ser, claramente, o aprender a usar as ferramentas. De resto, acho que continua tudo muito parecido.

Participante 6: Antigamente era tudo mais analógico e menos digital, de facto. Uma pessoa utilizava os livros quando era preciso alguma coisa, eu ainda tenho os meus

glossários e dicionários em inglês e livros de áreas específicas, livros bons, genéricos sobre, no meu caso, direito contratual porque têm imensa terminologia. Agora dificilmente recorro aos livros, faço uma pesquisa online ou verifico, no meio da tradução, o texto que é proposto ou sugerido pela ferramenta de tradução, que eventualmente incorpora dezenas e dezenas de traduções e outros recursos que tenham obtido, como documentos originais de uma língua e de outra língua. Portanto, agora em vez de pesquisar em livros, pesquisamos na Internet ou no próprio programa. Eliminou quase a caneta e o papel. Antigamente escrevia. Por muitas vezes até passava uma boa parte do texto e escrevia manualmente até para ajudar-me a pensar sobre o texto. Era um exercício prático e isso agora simplesmente não existe. Uma pessoa tem que datilografar e depois tem que saber fazer as pesquisas, ver se consegue encontrar um termo e ver se é utilizado da mesma forma homogênea no texto todo. Isso é uma coisa na tradução que as ferramentas ajudaram bastante, uma pessoa pode traduzir, por exemplo, um contrato, que pode ser traduzido por *contract* ou *agreement* e uma pessoa, eventualmente, num texto mais longo, ou até mais curto, dependendo, podia utilizar de forma indiferenciada as duas coisas que querem dizer praticamente a mesma coisa. Agora com a tecnologia descobrimos essa incoerência e utilizamos só um termo, portanto o texto torna-se mais homogêneo e isso é útil. No fundo, passou de competências mais linguísticas e manuais, e com mais tempo, para competências mais digitais, de pesquisa e de verificação de utilização de terminologia e de consistência. Também acelerou e retirou um bocadinho o exercício de escrever para ajudar a pensar.

Participante 1: Eu acho que já dissemos aqui tudo, mas sim, eu estou de acordo com o que disseram, no sentido em que nos ajudou a sermos... a conseguirmos fazer mais palavras, mas, por outro lado, também fez com que os preços baixassem, porque agora há mais gente, entre aspas. Eu lembro-me que quando eu comecei a trabalhar em tradução, há trinta e cinco anos atrás quase, eu ganhava mais do que ganho agora.

Moderador: Então o que é que mudou naquilo que tens de ser ou fazer, ou seja, que competência é que tu tiveste que mudar para fazer frente a isso?

Participante 1: Eu não tive que mudar nada, as coisas é que foram mudando por si. Foi-me começado a pedir o Trados, eu usei o Trados para DOS. A primeira ferramenta de tradução que eu alguma vez tive foi o Trados para DOS. A partir daí tem sido sempre um avançar e é isso. Portanto, as inovações tecnológicas vieram ajudar no sentido em que, como se disse nós não temos que fazer os glossários à mão, não temos que ir

escrevendo aqui as palavras agora "não sei quê, usar não sei quê" portanto, podemos ir à concordância das ferramentas e ver as memórias de tradução, quer dizer, há frases que já lá estão mais ou menos e outras que já estão completamente, que nós traduzimos, e portanto isso ajuda-nos a ser mais rápidos, mas também tem o contra de, portanto, como somos mais rápidos, como temos mais... os preços não são tão altos. Porque antigamente nós tínhamos muito mais trabalho do que temos hoje em dia.

Participante 5: Nada mais do que os outros colegas já disseram. É mesmo só isso, a capacidade de utilizar as máquinas e mantendo uma mente fresca e capaz desta adaptação, nada mais.

Participante 3: Eu acho que não tenho assim muito a acrescentar ao que já foi dito. Aprendizagem contínua, quer nas ferramentas, quer no que vem de novo.

Moderador: O que mudou para o tradutor com a criação das tecnologias colaborativas, como a partilha de memórias de tradução em tempo real e os fóruns ou chats disponíveis em algumas ferramentas TAC?

Participante 3: É mais fácil e rápido de encontrar o que precisamos do que pesquisar na Internet e permite uniformizar o trabalho com outros tradutores durante a execução da tradução.

Participante 6: O trabalho do tradutor é, muitas vezes, um trabalho um bocado, não sei, independente dos outros. Tenho trabalhado quase sempre em isolamento, mas parece que agora há mais *networking*, digamos, há mais uma ligação de trocar impressões e ideias com outros tradutores. Mas nem tanto dentro das ferramentas, para mim o que foi útil e que trouxe uma mais-valia foi a Internet, tipo o Translators Café e esse tipo de páginas onde uma pessoa podia levantar dúvidas. Se fossem boas dúvidas as pessoas respondiam, se fossem dúvidas óbvias as pessoas respondiam de uma forma menos simpática, às vezes. Mas surgiam ali algumas discussões interessantes sobre terminologia, buscar referências e tirar dúvidas de vocabulário. Dentro das ferramentas, talvez numa fase de transição. As pessoas, em geral, estão ainda habituadas a trabalhar de forma independente. Foi sempre assim, nas traduções uma pessoa recebe o texto, faz o texto e devolve. Agora esta ideia de ter de falar com outra pessoa, que até pode saber mais do que nós, nem sempre há uma boa cumplicidade entre os tradutores. Como digo, talvez seja o hábito de alguns anos já de estar a trabalhar de forma independente, não se dá facilmente a ideia de tirar dúvidas com outras pessoas, perguntar e aceitar a opinião dos

outros quando não concordamos. A tradução também é um trabalho criativo, é algo que criamos e ter colegas, pares, a dizer que não concordam ou que devia utilizar-se outro termo, às vezes, não é fácil aceitar. Agora com as ferramentas, se se consegue um trabalho efetivo de colaboração, que não é fácil, então nisso são muito úteis. Porque aí existe uma colaboração e em conjunto conseguimos fazer algo um bocadinho melhor do que qualquer um de nós sozinho poderia ter feito, porque existe uma discussão mais em tempo real sobre a situação e não é pensar depois da tradução no que se podia ter feito, é mesmo em tempo real e, como tal, ainda vai a tempo de conseguir um bom trabalho.

Participante 1: Eu também trabalho mais independente, mas efetivamente as competências interpessoais mudaram um bocadinho com essas ferramentas e a possibilidade de debater questões com os outros tradutores dentro do mesmo projeto.

Participante 6: Isto implica, como já se disse antes, ter a capacidade de adaptação porque quando uma pessoa se habitua a uma coisa, depois estar a ir para outra... No meu caso, depois de dezassete ou dezoito anos a trabalhar de uma certa maneira, evolui, mas evolui utilizando ferramentas como o Word, que não é uma ferramenta direcionada para a tradução propriamente dita. Trabalhei, de uma forma genérica, sempre da mesma forma e ao aparecerem coisas novas não é fácil a adaptação. Se tivesse sido quinze anos antes talvez, mas agora não.

Participante 5: A rapidez e a celeridade, eu lembro-me de receber trabalhos por fax, de levantar originais em papel. Agora é tudo num instantinho, recebo o trabalho, por *e-mail*, com a língua de origem para eu dar o meu prazo para começar a trabalhar e depois a própria tradução em si. Os fóruns e memórias ajudam como ferramenta de pesquisa.

Participante 4: Quando eu comecei a trabalhar, ainda era receber muita coisinha em papel e traduzir diretamente no Word... Portanto, acelerou na receção de pedidos e a própria tradução ao pesquisar nas memórias.

Participante 2: não é mau. Pelo menos não era na máquina de escrever, não é... Eu como comecei a trabalhar já com as ferramentas, não vejo mudança, permite homogeneizar terminologia. Já usei a comunicação no MemoQ em trabalhos divididos por vários tradutores para uniformizar termos e trocar impressões sobre o trabalho com outros tradutores.

Moderador: Qual o tipo de tecnologia que considera ser mais importante no seu trabalho? Pode não ser uma tecnologia, pode não ser uma CAT tool ou uma tecnologia de TA, mas qual é a tecnologia que é mais importante para o teu trabalho?

Participante 6: O que eu acho que poderia ajudar bastante é ter um bom sistema de reconhecimento de voz, ou seja, um sistema em que uma pessoa pode ditar e o computador... depois há ali uma autoescrita... o computador transforma, consegue reconhecer, através das palavras que estamos a dizer e passá-las com qualidade e com velocidade. Isso poderia, acho eu, aumentar significativamente o número de palavras, que parece ser o critério mais importante hoje em dia, é como eu digo, é conseguir trabalhar rapidamente e bem. De facto, se uma pessoa consegue falar e se temos do outro lado um programa que consegue reconhecer a nossa voz, acabamos por estar a ditar e consegue-se fazer muito mais por hora, vá com um copinho de água ao lado para ajudar, mas uma pessoa consegue fazer muito mais por hora. Isso seria algo útil. O resto do tempo, não sei dizer. É como digo, uma pessoa depois de tantos anos a trabalhar só com o Word e estar com dois textos, ter um ecrã onde consiga ter 27 polegadas, texto original ao lado do texto de tradução e duas janelas de pesquisa ao lado, para mim ainda é o ideal, depois ainda é preciso mais um para ter a página do programa ligado. De resto, eu ainda tenho que aprender muito quanto às ferramentas propriamente ditas, ainda não as conheço nem as suas capacidades na plenitude, depois disso é que poderia dizer se há alguma coisa mais. A parte do *find and replace* já ia fazendo com o Word, com o *Quality Assurance* que é para ver se está tudo em conformidade e se o texto original e o texto final estão com a mesma pontuação e se não há espaços a mais e tal. São coisas que passavam normalmente num texto normal apenas feitos em Word. De resto, acho que há ainda muitos botões ainda para ver e aprender e que poderia melhorar, provavelmente, a minha produtividade pelo menos em número de palavras. Teria de explorar mais e formação seria útil. Ter de comprar o programa e depois pagar para aprender a usá-lo não me parece justo.

Participante 3: Para mim é ter Internet no telefone, mas é porque, enfim, lá está... não quer dizer que antes... além da mecânica do trabalho, ferramentas, obviamente, ter Internet. Quer dizer, uma pessoa agora já pensa como é que seria ter que fazer traduções há cinquenta anos, quando não havia Internet. O pessoal tinha que ir para as bibliotecas, lamber páginas em papel, quando agora temos... mesmo assim, às vezes é preciso passar aqui umas páginas no Google ou no que seja para encontrar aquilo que se quer. Mas, pronto, quer dizer... isso aí é uma base de dados que acho que é inestimável. Depois são

as ferramentas e a parte do telemóvel, até por uma questão de vida pessoal, obviamente antes também podiam pegar no telefone e falar connosco, mas nem que seja aquela coisa, às vezes uma pessoa não tem trabalho, e eu dava comigo há uns anos, às vezes quase de uma forma um bocado estúpida, a ficar em casa à espera. Uma pessoa quase que ficava um bocadinho naquela de, pronto, está no horário de trabalho e, pronto anda aqui um bocadinho e tal, e pode ser que digam alguma coisa ou não sei quê. Então quando se trabalha com clientes mais regulares... Mas eu, por mim, acho que acaba por ser uma mais-valia, porque também se pode estar sempre em contato com os clientes a qualquer hora. E, se por um lado facilita o trabalho, por outro lado também facilita um bocadinho a pessoa estar afastada com mais algum descanso psicológico. Parece um bocado um paradoxo porque ao mesmo tempo estamos permanentemente ligados. Por outro lado, há aquela coisa de "Eh pah, se aparecer alguma coisa sei logo, posso responder logo", até havendo uma dúvida, também, se trata logo disso e acho que, nesse aspeto, no fundo acaba também por estar englobado na categoria Internet. Mas acho que acaba por ser também, como eu digo, um paradoxo que ao mesmo tempo que nos prende ao trabalho também nos dá liberdade. Pelo menos é um bocadinho o que eu acho. Não sei se engloba na categoria, mas foi ...

Moderador: tendo em conta que é uma tecnologia, sim, engloba-se perfeitamente...

Participante 3: Pois. Quer dizer, se formos a ver, já temos smartphones há algum tempo, mas também não é assim uma coisa assim tão recente, pelo menos certas facilidades e funcionalidades que temos lá, não é.

Participante 2: Computador e Internet, que é aquelas coisas básicas.

Participante 5: É a internet como ferramenta de pesquisa. Retomando o que disse há pouco o Participante 6, já no outro dia estava a comentar, com tristeza (eu sou um bocadinho assim saudosista nessas coisas), mas não me lembro de ter feito uma pesquisa na minha coleção de dicionários, dicionários técnicos. No dicionário... Não me lembro de abrir um dicionário em papel. Não sei, terá sido há oito anos ou nove anos, dez anos ou mais, não sei, não me lembro.

Participante 3: Eu por acaso, volta e meia, acho que é a forma... Para certas coisas ainda vou folheá-los porque acho que ainda é aquilo que às vezes tem lá umas sugestões de significados que acabam por salvar um bocadinho a tradução. Às vezes é mais fácil ir ao dicionário em papel do que andar a pesquisar as coisas na Internet.

Participante 5: Não, já não é a minha experiência.

Participante 3: Obviamente é muito raro, mas às vezes safa-me mais depressa e melhor.

Participante 5: A questão é que eu não me lembro de ter tido nenhuma necessidade que não tivesse conseguido satisfazer na Internet, salvo seja.

Participante 3: Eu também tenho uma ou outra, claro que é muito pontual, mas volta e meia lá aparece qualquer coisa, e "deixa lá ir ver o que é que o dicionário diz" e muitas vezes até ajuda. Mas não vou dizer que é uma tecnologia obsoleta, mas obviamente que se for fazer uma percentagem é zero virgula zero, zero, zero... as vezes que lá vou, não é.

Participante 4: É a Internet, claramente. Tudo passa pela internet. O resto... Eu acho que neste momento, a única coisa que me impediria de executar o meu trabalho era faltar-me a Internet. O resto a gente dá a volta realmente, as consultas hoje em dia, uma pessoa usa muito mais os dicionários online que os dicionários em papel, mas se faltasse a Internet também se poderia voltar ao papel. Agora a necessidade de estarmos permanentemente online, o receber, o enviar trabalho... eu acho que, hoje em dia, para mim, o mais importante é ter Internet. Se eu não tivesse Internet, dificilmente conseguiria fazer o meu trabalho. Se eu tiver internet, tudo o resto se pode arranjar ali uma solução.

Participante 1: As comunicações, os computadores e a Internet, obviamente, mas sim.

Moderador: De que forma considera que os avanços nas tecnologias de tradução, como a tradução automática, vai continuar a influenciar o seu trabalho? De que forma é que estes avanços vão continuar a influenciar o vosso trabalho?

Participante 5: Eu acho que vão continuar a influenciar cada vez mais e cada vez de uma maneira um bocadinho mais grave para o profissional, para o produtor. E eu diria, não querendo ser assim muito alarmista, mas até para a profissão em si. Eu concordo com a Participante 2, quando disse que a TA está a evoluir, eu até acho que está a evoluir de uma forma assustadora. Os primeiros trabalhos que eu fiz com TA eram verdadeiramente pavorosos. Hoje, ao contrário do que a Participante 2 e creio que um dos outros colegas disse, continua a aparecer assim umas coisas em português do Brasil, *registrar* e outras do género, mas já são coisas pontuais, já não me aparecem TA inteiras em brasileiro, nem nada que se pareça, e estão a ficar com uma qualidade que me assusta, porque na verdade não me facilita o trabalho. Eu recuso-me a confiar no que está na TA e faço sempre a minha verificação e aquilo é, como eu digo, impede que, está lá uma palavra que até está certa, então não tenho que cansar os dedos a pô-la. Mas o que eu acho, e agora

especificamente em relação à tua pergunta como é que influencia o trabalho do tradutor, o que eu acho, e como é que vai continuar a influenciar? Eu quando estou a fazer uma pós-edição do texto que já passou pela tradução já foi objeto de tradução automática, eu sinto que a TA é, em geral, um pouco um desprimor (perdoem-me a palavra se for assim um bocadinho bruta) ... um desprimor para o tradutor. Porque eu sinto que estou, mesmo quando a TA é boa, eu importo-me na mesma de trabalhar com TA, mesmo quando ela é boa, porque eu sinto que estou a ser a mulher da limpeza da tradução, estou a passar a esfregona naquilo que a TA já fez e como a TA não consegue, às vezes, aperceber-se do contexto e adequar a terminologia ao contexto, ou como TA a não capta algumas subtilezas do texto, então eu vou passar a esfregona naquilo que a máquina já fez e vou pôr aquilo tudo bonitinho. Além disso, não consigo evitar uma sensação de que, quando estou a corrigir a TA, cada vez que faço a pós-edição de uma TA, estou a alimentar com a minha competência... estou a alimentar a TA, estou a transferir a minha competência para a TA, que cada vez vai ficar melhor, vai beneficiar deste meu trabalho, de todos os trabalhos de pós-edição que eu faço e vai engordar e engrossar e melhorar com a minha pós-edição e dos outros tradutores que fazem a mesma coisa, até ficar tão boa que vai deixar de precisar de nós. Eu não consigo evitar essa sensação. Portanto, eu sinto que a TA, em concreto, as tecnologias e em concreto a TA estão a influenciar a nossa vida e o nosso trabalho, estão a afetar o valor dos nossos trabalhos. Eu vou dizer a verdade, eu procuro ignorar a TA ao mais que posso. Eu procuro traduzir o texto quase como se não tivesse lá a TA. Eu nem sei bem o que são as palavras ponderadas, nem como é que se chega às palavras ponderadas. Os *fuzzies*, não sei bem o que são e também nesta altura do campeonato, já tenho medo de perguntar. Eu procuro ignorar ao máximo e fazer o meu trabalho da melhor maneira, da melhor maneira à moda antiga, ignorando a TA. Ou pelo menos fazendo meu trabalho e depois então, quando muito, indo confirmar o que é que está lá na TA. Acho que isto é uma situação que não vai durar muito tempo assim. Não sinto muito motivada sequer pela sua profissão neste momento e, obviamente a culpa não é só da TA, mas também é um bocadinho.... Acho que também é um bocadinho e acho que, estar a fazer este trabalho cada vez a receber menos, quando francamente eu não sinto que o meu trabalho diminua por causa da tradução automática, não. Não sinto isso.

Moderador: então só para relembrar a pergunta é de que forma é que consideram que os avanços da tecnologia, tal como a tradução automática vão continuar a influenciar o vosso trabalho.

Participante 1: Tu sabes que eu odeio tradução automática. É assim, eu chego a pedir aos clientes paguem-me a tradução automática, mas eu faço sem ser tradução automática.

Participante 5: Exato. Está tudo dito.

Participante 1: Pronto... porque é horrível, porque as bases de dados que há... Toda a gente acha de português e português do Brasil é a mesma coisa, não é. Portanto, a maioria das bases de dados que existem são uma mescla complicadíssima entre um e outro e, portanto, eu perco mais tempo a traduzir uma coisa que está com tradução automática do que uma coisa que eu traduzo de raiz.

Moderador: Achas que isso vai continuar a influenciar da mesma forma?

Participante 1: Então não? Quer dizer... Cada vez mais os clientes vão pedir tradução automática. Portanto, eu espero que, quando for só tradução automática, eu já esteja tão velhinha que já não trabalhe, porque senão vou deixar de trabalhar na mesma. Porque eu não consigo aceitar.

Participante 5: Tal e qual.

Participante 2: Vai tornar o trabalho mais complicado, em termos de prazos, e mais mal pago. E não vai melhorar. Acho que, neste momento, o que eu posso dizer é que essas ferramentas e que, obviamente, estamos sempre a falar da tradução automática porque já se percebeu que as ferramentas de CAT facilitam e a tradução automática dificulta. Eu acho que vai piorar, portanto, eu acho que vamos ter mais pressão de tempo, vamos ter menos dinheiro porque as traduções vão ser mais mal pagas.

Moderador: É essa tendência que tens visto então com os avanços da tecnologia.

Participante 2: E é para piorar, para piorar no sentido em que cada vez vai haver mais tradução automática.

Participante 5: e melhor.

Participante 3: Acho que já foi tudo dito. Acho que esta questão da tradução automática é uma inevitabilidade. Infelizmente é assim, acho eu. A não ser que isto dê uma volta muito, muito grande, mas não me parece. Depois é como a Participante 2 acabou de dizer agora, basicamente vai-se traduzir em menos tempo e menos dinheiro. Vai ser aquela coisa do "pronto, já está tudo feito, obviamente demoras menos tempo do que..." isto na cabeça de quem a pede... Já está tudo feito, é só dar uma vista de olhos. Uma coisa que demorava uma semana vai demorar um dia ou dois, não é? Pronto, a pessoa acha que está

tudo feito. Depois, como, obviamente não estás uma semana de volta daquilo, estás um ou dois dias, não vão pagar a mesma coisa.

Participante 5: Mas esperam a mesma qualidade. Mas esperam a mesma qualidade de quando demoravas uma semana.

Participante 3: Sim e depois é a tal coisa, eu, felizmente, tenho feito pouco. É isso e outra coisa que eu por acaso esqueci-me de dizer há bocado, mas agora por falarem nas memórias também... um trabalho adicional que já me pediram, felizmente poucas vezes ao longo dos anos, foi adaptar um texto de português no Brasil, para o português de Portugal e, às vezes, sem darem o original em inglês, por exemplo. Então, é um bocadinho estranho, porque, como sabem há montes de expressões e de palavras que são completamente diferentes. Se uma pessoa não visse novelas brasileiras, não sabia o que era um bom de um trem. Mas pronto, são palavras comuns, essas são fáceis, mas há outras que.... Enfim. Mas voltando a isto, acho que basicamente já foi tudo dito. Acho que, nesse aspeto, se as ferramentas de tradução ajudam a acelerar o trabalho de uma forma positiva, a tradução automática, inevitavelmente vai fazer com que o trabalho tenha de ser acelerado e vamos acabar por ganhar menos, porque não é para todos... Para todos os efeitos, na cabeça do cliente, não é uma tradução, por isso dá menos trabalho, pagam menos. E, nesse aspeto, é como a Participante 1 disse, se isto chegar àquele ponto em que realmente... também como a Participante 5 disse, como estamos a alimentar a máquina, estamos a autodestruir-nos um bocadinho. Mas pronto! Acho que é isso. Perdemos em tempo e em dinheiro.

Participante 4: No fundo, já foi tudo dito. Basicamente é influenciar negativamente porque vai-nos prejudicar no pagamento, porque é verdade que os clientes se apoiam muito na tradução automática e acham que aquilo já está todo feito, para pagarem menos. Vai-nos influenciar porque vai-nos obrigar a ter um trabalho extra, como também já foi dito, que é uma das desvantagens da tradução automática. Pelo lado positivo, foi a descrição da Participante 5 que nós somos mulheres da limpeza. Nunca me tinha considerado como tal, mas adorei, adorei e acho que sim, que é a imagem certa.

Moderador: Como é que a tradução automática substituiu ou vai substituir o trabalho do tradutor?

Participante 5: Eu acho que sim, eu acho que vai. E como disse o Participante 3, a não ser que haja aqui uma grande volta, que também não me cheira, acho que vai porque a

evolução que eu noto na qualidade das TA, e que me deixa furiosa, aponta para isso. Aponta para que a seguir à pós-edição, se calhar, vai-nos ser pedido que façamos apenas uma revisão. Vai-se considerar a TA como o trabalho de um tradutor. Eventualmente, vão precisar ainda de revisão e, sabe Deus no futuro, com o avançar da tecnologia e da qualidade das memórias, onde é que chegaremos. E sempre com essa sensação de que, obviamente, a máquina não inventou nada e vai beneficiando do nosso trabalho e das nossas competências. Eu acredito que sim, não sei se será no meu tempo de vida útil, ou vida física mesmo. Mas acredito que, ainda por cima, com esta velocidade exponencial em que as coisas avançam... eu lembro-me de, não sei, mas tenho a sensação de que foi há relativamente poucos anos, mas quando comecei a trabalhar com TA, de serem memórias horríveis, mas agora não são. Eu trabalho quase exclusivamente para agências e instituições da União Europeia e as bases de dados que têm, já são, como dizia há pouco, assustadoramente boas. E praticamente só faço pós-edição de trabalhos para essas entidades. Não vou dizer que já alguma vez me apareceu uma TA que pudesse ter sido enviada para o cliente assim, sem intervenção humana, mas noto uma enorme evolução na qualidade. Como digo, agora há casos em que é uma ou outra palavrinha em português do Brasil, mas é mesmo uma ou outra e são aquelas subtilezas, aqueles falsos amigos, aquelas coisas a que a TA ainda não chega. Mas se for assim um texto que nem tenha muito disso, já começam a aparecer assim textos bastante escorregiosos e qualquer dia, se calhar, é mesmo só fazer uma... o nosso trabalho vai ser considerado apenas como revisão e considerar-se-á que a tradução automática será o trabalho de um tradutor.

Participante 6: Acho que já foi dito, mas se eles conseguirem um motor de tradução automática com mais qualidade, mais capacidade, o próprio trabalho do tradutor vai praticamente desaparecer. Se as pessoas conseguirem digitalizar, por exemplo, com OCR, mesmo textos com traços em papel, por exemplo. Se a pessoa tem um bom OCR, digitaliza, traduz automaticamente... O Google Translate faz cerca de cinco mil caracteres num segundo, que dá cerca de seiscentas palavras ou setecentas palavras e consegue traduzir num segundo. Se aquilo for traduzido com qualidade, ou mais qualidade, a conseguir entender frases idiomáticas, o trabalho do tradutor vai quase desaparecer. Pode ainda haver o trabalho de revisor, mas vai chegar ao ponto em que, se a tradução original for tão boa e for bem configurada e tratada pela inteligência artificial, não é preciso o tradutor porque aquilo é feito em segundos *online*, pondo de lado os programas de tradução automática ou recursos de tradução especializados para cada área,

estava a falar dos genéricos que já conseguem fazer, em algumas combinações linguísticas, um trabalho muito decente. Já tive oportunidade de ver. Não acredito que daqui a dez anos sejam muito necessários tradutores. A profissão do tradutor vai ser transformada, vai tornar-se, como disse a Participante 5, num revisor. Claro que tem de ter os conhecimentos técnicos, mas poderá chegar ao ponto, se a qualidade for suficiente. Por exemplo, na minha área, um contrato em português que foi traduzido do inglês e tem que ser lido porque há ali algumas falhas na linguagem, há ali alguma coisa que não se entende, no fundo, qualquer advogado português consegue ler aquilo e ver aquilo e não precisa de ter conhecimentos especiais como tradutor. Se a qualidade do original for suficientemente boa, pode haver algumas coisas que não se consigam compreender, mas o resto será sempre uma questão de reformular frases e pô-las num português com melhor qualidade, nem precisa de saber inglês. Só precisa de saber português e da área técnica para fazer a adaptação ao contexto, só precisando de devolver e pedir que seja verificado por um tradutor se houver algum parágrafo ininteligível. Um trabalho enorme que antigamente dava para cinco ou seis tradutores, dez tradutores para ser feito rapidamente ou demorado dois meses, agora com a tradução automática passaria a ser preciso apenas um tradutor que talvez seja chamado para ver o que se passa nalguns parágrafos que não se entendem bem. É esse o caminho que eu vejo as coisas a andar, talvez esteja errado, mas é o que me parece que está a acontecer.

Moderador: Como é que a tradução automática substituiu ou vai substituir o trabalho do tradutor?

Participante 4: Eu acho que, apesar de já fazer uma grande parte e aí os Participantes 5 e 6 têm razão, nós às vezes somos mais revisores do que propriamente tradutores. Eu acho que substituir plenamente não vai conseguir, vai ser sempre necessário o lado humano na tradução, até por um dos aspetos que falei no início, que é a questão do tradutor que quando está no início traduz tudo da mesma maneira, e não é isso que se quer. Nós temos que ter a capacidade de adaptar o nosso trabalho ao contexto para o qual ele está direcionado e a tradução automática, por muito melhor que seja, eu acredito que sim, que está a melhorar e ainda vai melhorar mais, mas que não vai conseguir dar esse toque humano, esse toque pessoal, que às vezes se vê nos pormenores, mas que está lá. A questão é que provavelmente isto vai seleccionar muito mais os tradutores, vai haver muito menos trabalho. Os que realmente se conseguirem destacar vão-se manter, mas os que estão ali a trabalhar muito ali no limite da tradução automática, que ainda se vê hoje,

infelizmente ainda se vê isso, quase a tradução literal, esses aí sim vão desaparecer. Agora vai reduzir, é verdade, desaparecer e substituir por completo, acho que pelo menos ainda não. Eu espero, pelo menos que para já que ainda não porque eu quero continuar aqui ainda mais uns tempos.

Participante 2: Grandemente de acordo com o que foi dito, portanto eu acho que sobretudo para certo tipo de traduções e, por exemplo, no caso das agências claramente, até porque a linguagem das agências tende a ser constante, sempre igual, portanto aquilo não muda muito. Eu penso que nessas traduções, de facto, há uma enorme probabilidade de o trabalho do tradutor passar a ser um trabalho de revisão, para aqueles clientes que querem alguma qualidade, porque vai haver outros que, para eles, aquilo que vier da tradução automática vai estar excelente e para a frente é que é caminho. Que penso que depois há outras áreas da tradução, que não é claramente a minha área, mas que é sobretudo a tradução literária que essa aí já é mais complicado ser feita com a tradução automática.

Participante 5: Concordo.

Participante 2: Aí penso que os tradutores ainda vão ter um papel a desempenhar. Agora tudo o que sejam traduções técnicas, manuais de gestão, que a linguagem é muito padronizada, como diz a Participante 5, com o nosso trabalho a tradução automática vai ficar tão boa que vamos ficar sem trabalho. Ainda nos pedem que a gente avalie

Participante 5: Exato, a avaliar.

Participante 3: Acho que já foi tudo dito quase. Depois aqui também entra uma questão geracional. Se calhar quem começa agora, que sai da faculdade agora, já começa a trabalhar com este tipo de coisas, acha isto a coisa mais natural do mundo e acham que é espetacular. Eu, neste momento, aquilo que eu apanho que tem que ser assim, no fundo acaba por poupar dedos, mas a pessoa tem sempre, no mínimo, fora os erros crassos evidentes, a pessoa tem sempre que ir confirmar a terminologia, etc. Ainda agora falaram de certas instituições, por exemplo, tudo o que tenha a ver com a União Europeia, dá sempre, na maior parte das vezes, por exemplo, poupa-nos trabalho de ir pelo menos digitar alguns nomes de instituições e coisas assim, mas, neste momento, acho que poupa um bocado de trabalho de teclado, mas acabamos sempre por ter que dar ali uma volta mais ou menos grandita e ter o trabalho de ir fazer pesquisas na mesma. Agora, nota-se que realmente a TA já melhorou muito em relação à meia dúzia de anos. Nem é preciso

recuar assim muito e realmente se for uma tradução mais técnica, mais crua, uma lista de qualquer coisa ou umas instruções muito diretas, a TA já faz um trabalho relativamente decente. Depois há aqueles pares de línguas em que ou as línguas são mais aproximadas ou em que há uma maior base dados e já se nota que faz um trabalho melhor. Por exemplo, eu trabalho com o espanhol e com o inglês, no inglês, em certo tipo de traduções, há alguns segmentos ou frases em que uma pessoa vai lá mudar uma coisinha e há outras que se calhar já nem muda quase. Mas, por exemplo, no espanhol acaba por ser bem pior até e, às vezes, há simplesmente pedaços de frases que não estão sequer traduzidos. Isso depois leva a um outro problema que é, às vezes, uma pessoa também se pode deixar cair naquela tentação de achar que está mais ou menos e depois, a partir de certa hora, uma pessoa já está um bocadinho cansada e, se calhar, os níveis de atenção baixam um bocadinho e a pessoa também acaba por se desleixar um bocadinho mais e depois apanham-se assim umas coisas um bocado... assim uns sustos um bocado estranhos de palavras que não estão traduzidas. Além de coisas mal traduzidas, mas já aconteceu, nos trabalhos que tive de fazer neste domínio, partes que pura e simplesmente não estavam traduzidas. Uma frase com vinte palavras há duas ou três que desaparecem e temos que estar com atenção.... Acaba por ser um trabalho que, por um lado poupa, mas, por outro lado, temos que estar com a mesma atenção.

Moderador: Portanto, só substitui na parte em que acelera porque não é preciso digitar tudo, mas continua a ser necessário o tradutor.

Participante 1: Eu acho que é assim, há tradução automática e tração automática, há motores... quer dizer, eu sei que há tecnologias e há bases de dados e há essas coisas todas, o que significa que as agências, por exemplo, têm uma base de dados própria que eles vão criando, e que deve ser uma coisa enormíssima. Eu sei que há empresas como a IBM que estão a desenvolver esse tipo de coisas e, portanto, quando é um cliente, por exemplo, uma Dell, as agências, que fazem as suas próprias bases de dados e que depois traduzem automaticamente, é maravilhoso. Mas, pelo menos hoje em dia, noventa por cento dos clientes, ou mais, não é isso que tem. O que eles fazem é ir ao Google ou a outro motor e põe lá aquilo e mandam aquilo traduzido daquela forma. Portanto, tal como eu já tinha dito, a questão aqui é, o português, eu não sei como é nas outras línguas, mas o português e o português do Brasil são duas línguas diferentes e todas essas bases de dados públicas, digamos assim, têm a mistura das duas línguas. E, portanto, eu acho que não ajuda em nada, pelo contrário, atrasa muito mais do que ajuda. Porque estes trabalhos, que não vêm

de agências, que não vêm da Dell, que não vêm desse gênero de clientes que têm suas próprias bases de dados, acabam por fazer-nos perder muito mais tempo, porque vêm os usuários e vêm os bondes e vêm os não sei o quantos e a gente tem que estar a trocar aquilo tudo e é uma chatice, porque alteras tudo de uma vez, mas depois não altera. Perde-se imenso tempo e eu não acho que a tradução automática ajude, só vem... neste momento vem piorar, a menos que venha, como diz a Participante 5, das agências europeias. Também já tive trabalhos assim, mas são muito, muito poucos e, portanto, a maioria dos clientes que têm trabalhos disto ou daquilo não. Projetos soltos, que não são de uma coisa específica, não têm e não têm essas tecnologias ainda, porque isso ainda é caríssimo, não é essas bases de dados.

Moderador: O leva a escolher recorrer a um tradutor ou a um software de tradução automática?

Participante 1: No caso de se usar o Google Translate, por exemplo, é o preço, porque o preço é muito mais barato, é mais barato. No caso das agências europeias, por exemplo, é manter uma qualidade que eles já têm e que já conseguem... pronto... as máquinas deles já conseguem fazer uma tradução automática como deve de ser, que fica com a qualidade que eles querem, com a terminologia que eles querem. Os outros clientes é só para ser mais barato. Para ser mais rápido.

Participante 5: Deixa-me só fazer-te um parêntesis, posso? Em relação às agências, eu já vi uma reclamação de um cliente... de uma agência em relação a uma tradução e a resposta do tradutor foi "mas esta é a terminologia que está na vossa memória e que você já utilizaram, não sei quando, quando num ou noutro texto semelhante" e o cliente respondeu "Mas se nós quiséssemos a tradução que já foi feita, tínhamos feito, nós pedimos a tradução deste texto", ou seja, não aceitou que o tradutor se justificasse com a concordância ou com a coerência terminológica textos anteriores dessa agência e também da memória da TA. Eu acho que é um fator económico, sem dúvida. Acredito que haja essa questão da coerência tecnológica, mas eu acho que é o dinheiro fala mais alto.

Participante 4: Eu acho que basicamente é o fator económico que leva a escolher, às vezes, não só o software como até um tradutor mais fraco ou uma agência mais duvidosa. Acho que tudo roda à volta do fator económico. E hoje em dia as empresas, nota-se que, cada vez mais recorrem ao que for mais barato, inclusive o mercado brasileiro. Às vezes o que nos acontece é, e daí o que o Participante 3 tinha dito há bocado, que alguns dos pedidos que fazem é exatamente para adaptar do português do Brasil para o português

Europeu. Porque é muito mais barato para eles mandarem fazer no Brasil e depois pedirem a um tradutor português europeu para adaptar ou até nem pedem. Só pedem se alguém reclamar da qualidade, mas uma pessoa vê, no dia a dia, que há muitas traduções que, claramente, foi feito por um tradutor brasileiro, e eles usam o facto de lá se falar português e como diz português não importa. Ou seja, lá está, é o fator económico, seja um mercado mais barato, seja um software, desde que seja mais barato é o que o que as empresas vão escolher. Depois lá há uma rara exceção que quer qualidade e então aí sim, não está a olhar para isso. Mas basicamente o que eles procuram é o preço mais barato.

Participante 2: Basicamente acho que é o preço. Em alguns clientes pode ser a questão da consistência das traduções e também pode ser a questão da rapidez, porque, sobretudo no caso das agências que têm as tais bases de dados e, portanto, conseguem fazer umas traduções com alguma qualidade. Eu quando falava em tradução automática, nunca passou pela cabeça que fosse com Google Translate que alguém trabalhasse. Não sabia que havia clientes que faziam traduções com Google Translate, mas pronto, pensei que fossem um bocadinho mais sofisticadas. Agora um cliente que pede uma tradução com o Google Translate, merece tudo o que lhe possa acontecer.

Participante 3: Basicamente é o que já disseram, é tempo e dinheiro. A questão do Brasil depois tem é outro problema porque, para muitos clientes estrangeiros, fora de Portugal, depois eles olham é para o mercado brasileiro que são não sei quantas vezes mais do que o nosso, e acham que o português do Brasil e de Portugal é mais ou menos a mesma coisa que o inglês dos Estados Unidos e o de Inglaterra que, se calhar... quer dizer, não sei, também estou a dizer isto e não fiz o estudo comparativo para saber se nós temos mais diferenças ou não, mas, à partida, teremos mais diferenças entre os nossos portugueses do que entre os ingleses. Há muitas empresas que, como têm um mercado alvo de cinquenta milhões de brasileiros enquanto em Portugal tem um mercado de praí duzentas mil pessoas ou cem mil pessoas para determinados produtos, então, pedem só a tradução para o português do Brasil. As duas grandes opções para recorrer a tradução automática é tempo e dinheiro. Menos dinheiro e menos tempo.

Participante 6: Concordo com o que disseram já, os critérios são tempo e preço. Pode haver uma situação de o cliente considerar que não pode confiar algum trabalho às máquinas e que tem de ser feito por alguém que saiba da área, como ser preciso o trabalho feito para o dia seguinte. Aconteceu-me um cliente que precisava de um contrato bastante complicado sobre empréstimos de acionistas dentro de uma empresa, não muito grande,

cinco ou seis páginas, e eu tinha outra coisa a fazer quando ele me disse que precisava da tradução, dois dias depois perguntou se o trabalho estava feito e quando lhe disse que não ele cancelou dizendo que a reunião era nesse dia de manhã. A pessoa que me tinha pedido o trabalho presumiu que eu faria o trabalho de imediato, que eu ia largar tudo, fazer o trabalho e entregar-lhe. E dois dias para um trabalho de cinco páginas, de facto aquilo seria, em texto corrido, trabalho provavelmente para três horas, uma manhã ou uma tarde, pois poderia ser mais por causa da dificuldade e complexidade do texto. Mas não se importou de pagar porque era um assunto importante e queria alguém que sabia da coisa, mas não estando pronto em dois dias... é que nem deu prazo, presumiu que era imediato, mas quando alguém dá um trabalho e não diz o prazo, eu assumo que não é urgente, pois normalmente tudo é urgentíssimo, ou é para amanhã ou para daqui a três dias ou daqui a seis dias ou daqui a oito dias, mas isso é a minha má percepção, porque parece-me que é normal hoje em dia o cliente querer as coisas o mais rápido possível, no imediato. Por vezes, dependendo da dificuldade do trabalho e da importância do trabalho está preparado para pagar alguma coisa, senão não, é tradução automática e ver rapidamente. Portanto para tradutores se for algo mais complexo e com mais tempo e o software se for uma coisa mais urgente e que o cliente não esteja disposto a pagar tanto. Hoje em dia as pessoas querem as coisas todas para o dia seguinte, já ter que esperar vinte e quatro horas já é uma coisa terrível para as pessoas. Antigamente ninguém pedia que o trabalho estivesse pronto no próximo dia, era dali a alguns dias e se fosse muito urgente dizia e pagavam a chamada taxa de urgência, que agora não existe. Pode é haver uma penalização pela demora, agora taxa de urgência não se pode cobrar. Se puder ser barato e rápido e bom, obviamente o tradutor automático e se for gratuito então... Uma carta ou assim, fazem online e alguém que saiba um bocadinho de inglês afina ou não a linguagem, porque de certeza que do outro lado entendem e se não entenderem vão ver o que estava no original ou põe no Google Translate também, mas encontra alguma forma de entender. Por isso preço e tempo são os dois critérios. E se puder ser gratuito, melhor ainda. Como digo, o trabalho do tradutor não é valorizado agora porque está na ponta dos dedos, a poucos minutos.

Moderador: Pode indicar dois ou três exemplos das principais ferramentas TAC e/ou de TA que utiliza?

Participante 1: Uso o Studio basicamente e o MemoQ também. Mas basicamente é o segundo.

Moderador: Em relação à TA, tens alguma noção de qual é o tipo das ferramentas usadas?

Participante 1: Quando eu estou mais aflita de tempo, e que preciso de uma ajuda extra, normalmente utilizo o Linguee.

Participante 3: É o DeepL.

Participante 1: É isso mesmo. É o que eu uso. De vez em quando ponho lá uma frase e normalmente esse é o mais certinho. Parece que há uma diferença, que não há muito português do Brasil, é tudo mais europeu e, portanto, esse sim dá uma ajuda real, mas é frase a frase, não dá para traduzir um texto todo, porque aí perde-se o tempo todo. E depois uso muito o X-Bench também, que é uma ferramenta que ajuda muito a encontrar erros.

Participante 4: Eu TA não uso. Não uso nenhuma ferramenta de tradução automática e as CAT tools é o normal, o Studio, o WordFast, o Memsource, o MemoQ, passa um bocado por essas ferramentas.

Participante 2: Utilizo sobretudo o MemoQ, mas também o Trados, o Memsource, o Transit e tradução automática também não utilizo. e o X-Bench, foi a tua boa recomendação.

Participante 5: A única CAT tool que eu utilizo é o MemoQ e a TA é do cliente, quando alguém a põe lá no MemoQ.

Participante 3: Eu agora praticamente só uso mesmo o MemoQ. Já usei o Trados, já usei umas quantas, até já usei uma coisa que era o notepad++. Mas nos últimos anos praticamente só tenho usado mesmo o MemoQ, o X-Bench e tradução automática, quer dizer, não costumo usar, mas o que já reparei foi que, realmente, a DeepL do Linguee normalmente dá melhores resultados do que uma coisa tipo o Google Translate. Não sei se é por aquilo também ter lá muita legislação comunitária, mas realmente tem uns resultados um bocadinho melhores. Mas já de há muitos anos para cá, que quase só uso o MemoQ.

Participante 1: Eu também uso outros.

Participante 6: O que eu uso é o MemoQ, que me disseram que era fácil de aprender e, portanto, foi esse que utilizei. Tirando isso utilizo as ferramentas ditas generalistas, o Word, o Chrome e o Firefox e essas coisas para pesquisar termos, mas ferramentas CAT

específicas só mesmo MemoQ. Tradução automática, às vezes utilizo em situações muito urgentes... também reparei que algumas ferramentas automáticas ditas profissionais acabam por fazer um trabalho pior do que o Google Translate que é gratuito. Por isso, existem aí, também deve ser por ser o início e entrada nesta área, mas há aí uma ou duas ferramentas ditas profissionais que fazem um trabalho de facto fraquito e que o Google Translate grátis, disponível para todos, conseguem fazer bastante melhor. Por isso às vezes utilizo quando há um termo e está a faltar-me a palavra, que antigamente ia ver ao Thesaurus e ao glossário e agora, coloco no Google Translate a palavra. O outro problema de recorrência a ferramentas é que ficamos um bocadinho dependentes delas e quando começamos a usar sempre as ferramentas já não temos aquele trabalho criativo que costumávamos ter e, em vez de puxar-mos um bocadinho pelos neurónios e encontrar uma solução, se não encontramos o termo quase no imediato e com a pressa e urgência de conseguir X número de palavras por hora e ter o trabalho conseguido até ao fim do dia ou até ao dia seguinte, recorremos imediatamente, em vez de pararmos e pensarmos um bocado, às ferramentas, sejam quais forem as ferramentas, que é também mau, acho eu. Também nos tira alguma parte da nossa capacidade criativa e da nossa capacidade para conseguir um bom trabalho. Faz-se isso alguns anos e depois nem se consegue pensar direito. Às vezes também faço pesquisas no Linguee, que já foi referido. Ao início o Linguee era muito mau porque apresentava todos os resultados sem critérios, mas parece-me que há uns três ou quatro anos atrás melhoraram bastante. Dantes estava tudo misturado, o bom, o mau e o péssimo e só quem soubesse conseguia procurar e entender pelo contexto, não era bom. Noto nesse a melhoria da tradução automática. O Google Translate também consegue agora traduzir algumas máximas, frases feitas coloquiais, já conseguem trocar entre o inglês e o português, mostrando a expressão idiomática equivalente.

Apêndice B

Focus Group 2: Gestores de Projeto

Moderador: Que competências considera que o mercado atual procura ao selecionar tradutores *freelancer*?

Participante 6: No mercado da tradução procuramos pessoas versadas em tradução, portanto, que tenham esses conhecimentos, mas que tenham, a nível da utilização do computador, conhecimentos das várias ferramentas que existem hoje em dia e que ajudam na tradução e sem as quais a tradução já não pode ser feita. Isto é, traduzir hoje já não é apenas transcrever o texto, é muito mais do que isso e para tal existem ferramentas e tem que existir conhecimento das mesmas. Eu acho que, se calhar, até mais facilmente se torna tradutor uma pessoa que lide muito bem com este tipo de ferramentas e faça muito bom uso delas do que o inverso, uma pessoa que seja ótima tradutora, mas que não tenha ou não consiga habituar-se e adequar-se às ferramentas que existem.

Moderador: Portanto o que dizias era que são competências não só linguísticas e tradutórias, mas, hoje em dia, também competências mais na área da tecnologia para utilização das ferramentas. Consideraste que eram mais pertinentes essas do porque hoje em dia quase não há tradução sem ferramentas. É isto?

Participante 6: É. Aliás, eu até tenho vários exemplos de tradutores que eram excelentes tradutores, os que considerávamos os melhores para determinados projetos, e, com a evolução da tecnologia e a necessidade das ferramentas, foram deixando de trabalhar connosco. Por serem pessoas mais velhas já não tiveram capacidade ou já não tiveram vontade de ingressar neste mundo tecnológico e acabaram mesmo por deixar de traduzir.

Participante 5: Eu não estou diretamente relacionada com a seleção de tradutores, mas já fiz parte desse processo. Neste momento não faço. O que nós procuramos num tradutor *freelancer* é que ele tenha diferentes tipos de competências, entre elas, por exemplo, a capacidade de trabalhar com diferentes ferramentas de tradução, capacidades linguísticas, também competências ao nível do idioma de partida e do idioma de chegada, para além de... nós, lidamos muito contexto técnico, portanto também competências a esse nível, ao nível das competências técnicas e procuramos pessoas também que sejam socialmente responsáveis, cumpridores de prazos e de instruções, de tudo o que envolva a adjudicação

do projeto. Assim de repente não me ocorre mais nada, mas com certeza que terei muito mais para dizer.

Participante 1: Na minha opinião, em primeiro lugar, tem de ser uma pessoa nativa da língua para a qual vai traduzir, isso é quase obrigatório, depois uma pessoa que tenha, de preferência, já conhecimento de ferramentas, mesmo que não tenha licenças próprias das ferramentas, pelo menos que já tenha tido contacto com traduções em ferramentas de tradução, porque antigamente não havia nada disto. Quando eu estudei tradução não havia nada de ferramentas, entretanto, com o trabalho aprendi uma série delas e, hoje em dia, acho que é indispensável que os tradutores tenham experiência com as ferramentas, mesmo que não dominem todas ou uma parte delas pelo menos terem algum conhecimento. Depois também, como disse a Participante 5, que sejam pessoas cumpridoras dos prazos, porque também dependemos delas para depois conseguir cumprir os prazos para os clientes, e com que sejam pessoas também que consigam trabalhar bem em equipa. Que consigam não só aceitar o feedback dos gestores do projeto, como também as correções que sejam feitas às suas traduções, não assumirem que isso é uma crítica ao seu trabalho, como algumas pessoas ficam um bocadinho ofendidas que se façam correções nas suas traduções, porque acham sempre que está tudo perfeito. Portanto, também tem que ser uma pessoa um bocadinho flexível e nós, às vezes, também temos que ser um bocadinho psicólogos e saber lidar com várias personalidades. Portanto, esses são os principais critérios de escolha.

Participante 2: No meu caso, eu também só trabalho com textos técnicos e só posso trabalhar com tradutores que tenham tido formação em pós-edição. Portanto, esse é um dos critérios. Depois eu trabalho também com tradutores dentro de uma lista já de tradutores que foram selecionados para o único projeto que tenho. O que é importante para mim, é que realmente tenham tido formação também na ferramenta que lhes é exigida. No caso da empresa onde trabalho, tenho essa nessa tarefa facilitada porque não sou eu que tenho que estar a formar pessoas para trabalharem com esta ferramenta. Neste caso é o XTM, disponibilizamos formações gravadas aos tradutores. O que me pode acontecer é ter que, eventualmente, ajudá-los a solucionar algumas questões que, por falta de experiência, de coisas que lhes vão acontecendo. Portanto, é fundamental, para mim, que tenham experiência em pós-edição, tradução automática, conhecimentos técnicos da área e que tenham um bom preço. São esses esses os meus critérios.

Participante 4: É assim eu revejo-me nas respostas de todas as pessoas estão aqui presentes, sobretudo na confiança do tradutor, no conhecimento das ferramentas, no saber aceitar uma crítica, conforme a Participante 1 indicou, o automatismo para a pós-edição, que não é uma tarefa fácil, portanto, o domínio das ferramentas de tradução e é basicamente isso. Porque muita coisa foi mudando ao longo dos anos, inicialmente traduzia-se sem acesso a ferramentas nenhuma, não havia ferramentas nenhuma, só existia, portanto, o fax, nem existia Internet nem nada. Portanto, eu sou desse tempo, eu comecei nesse tempo, no mundo da tradução, e, portanto, tal como eu me adaptei às ferramentas também os tradutores assim o fizeram. E, portanto, é uma evolução ao longo dos tempos, acompanhada por uma grande parte de tradutores e gestores, consoante também a visão estratégica de cada empresa, por exemplo, na empresa não estou agora não aceitam a pós-edição. A pós-edição está completamente posta de lado. É basicamente aquilo que já todas disseram, é ser nativo da língua, de preferência ser licenciado em tradução, se não for licenciado em tradução ser, por exemplo, licenciado em engenharia química e traduzir textos, portanto, relacionados com química, mas que conheça muito bem os idiomas, tenha certificados, portanto, para as respetivas combinações linguísticas. Que domine as ferramentas e basicamente é isso, porque já foi dito aqui basicamente tudo.

Participante 3: O tradutor tem de ter competências técnicas, linguísticas, disponibilidade. Basicamente, acho que é isso.

Moderador: Tendo em conta a sua experiência profissional, quais considera serem as competências de TI que o tradutor *freelancer* deve ter atualmente e como são importantes para o mercado de trabalho?

Participante 4: Num mercado em que os clientes cada vez estão mais despertos para a pós-edição, porque isso notava-se visivelmente na empresa em que trabalhava, é importante os tradutores desenvolverem essa competência para aceitarem trabalhos com pós-edição, porque nós sabemos, muitas vezes, o trabalho de pós-edição pode ser assim algo que é um tiro no pé, porque a pós-edição pode ser muito boa ou não, também depende do perfil, não é. E de maneira que o investimento tem que ser grande e eu acho que é uma mais-valia para um tradutor conseguir pegar no texto que é o resultado da pós-edição e conseguir dar a volta e pôr como se fosse um novo original, mas que corresponde à tradução. Quanto às competências mais técnicas, ser capaz de ser versátil a nível das várias ferramentas de tradução que existem no mercado de tradução é uma mais-valia para um tradutor *freelancer*, porque sabemos que cada cliente tem o seu requisito, tanto

pode pedir um trabalho simples, como pode pedir um trabalho em Catalyst, em Passolo, etc., por aí fora. Eu acho que os tradutores também têm que se atualizar consoante o mercado também vai evoluindo porque um tradutor estagnado está condenado à morte, digo eu, à morte entre aspas

Participante 5: Eu concordo com o que a Participante 4 disse, acho que o tradutor tem de saber usar ou tem de ter conhecimentos sobre pós-edição de tradução automática. Parece-me que, cada vez mais, estão as pedidas, que o mercado está a avançar bastante nesse sentido, portanto convém que o tradutor saiba trabalhar com a tradução automática, com a pós-edição em diferentes ferramentas, porque, hoje em dia, há ferramentas quase para todos os gostos e feitios. Portanto, o tradutor tem de ser capaz de, mesmo que não tenha formação naquela ferramenta, tem, na minha opinião, de ter a flexibilidade para "ok, eu não conheço esta ferramenta, mas vou passar a conhecer, vou procurar, vou saber como é que se faz", portanto, investir um carinho nele próprio para conseguir usar a tecnologia que tem ao seu dispor. Para além das ferramentas de tradução, acho muito importante que saiba usar outras ferramentas que não são de tradução, mas que sirvam de apoio à tradução, por exemplo, as ferramentas de verificação, que existem no mercado, de garantia de qualidade, o X-Bench, o Verifika, mesmo os próprios perfis que algumas CAT tools têm de gerar relatórios para a garantia de qualidade. E, a garantia de qualidade em termos tecnológicos é muito importante, há muitas ferramentas disponíveis que podem ajudar nesse aspeto e, desculpem-me o desabafo, uma das que mais me irrita profundamente é o facto de muitos tradutores nem sequer usarem a verificação ortográfica, que é das verificações mais básicas, mais simples que tem em todo o lado, irritam-me profundamente não usarem.

Participante 4: Concordo plenamente.

Participante 5: É uma tecnologia que existe, está disponível a todos, mas que, não sei se por desconhecimento, não sei se às vezes por preguiça, por falta de tempo. Mas hoje em dia acho que há muitas ferramentas que podem ajudar, não só as CAT tools, mas também as auxiliares, portanto, os complementos, as ferramentas de verificação, que fazem verificações terminológicas e a consistência. Portanto, verificações não tão linguísticas, mas mais mecânicas, digamos assim.

Participante 2: O que a Participante 5 acabou de falar é muito básico, é aquele pontozinho básico que acontece assim, que já nos aconteceu a todas. Eu noto muito. Para explicar o meu contexto, eu trabalho apenas com um cliente, trabalho com esse cliente

desde novembro e desde novembro já me aconteceram coisas como "daqui por uma semana vamos passar a enviar também projetos através de outra plataforma". Isso implica que eu precise de tradutores versáteis, porque numa semana vou ter que os pôr a trabalhar de outra maneira, eu não, salvo seja, outra equipa que nos dá apoio e que dá formação a estas pessoas. O que a participante 5 disse é mesmo um ponto vital, porque eu acho que até hoje, quando confrontei pessoas com algum tipo de relatórios, seja Verifika, seja do X-Bench, porque normalmente uso o X-Bench para fazer a verificação ortográfica, porque a ferramenta com que trabalho não é assim muito boazinha para o corretor ortográfico e acho que até hoje ninguém assumiu "não, não, eu não passei o corretor ortográfico". Acho que até hoje não conheço uma alminha que tenha assumido isso. Portanto, em termos de competências tecnológicas é muito importante que estejam abertos à mudança. Eles têm que ter em que ser muito versáteis e também irem atualizando as suas ferramentas de trabalho. Mais uma vez indo ao encontro do que a Participante 5 disse, muitos não têm, desconhecem estas ferramentas de controlo de qualidade adicional. Também me aconteceu esta semana agarrar num relatório de X-Bench, com uma lista de *key terms*, uma tradução que tinha sido feita para português do Brasil e era preciso alterar palavras para português de Portugal. Eu, de repente, mando a lista do X-Bench ao tradutor e ele diz-me "não estou a perceber o que é para fazer". Eu até tinha adicionado na linha "substituir isto por aquilo, onde está este original tem de estar aquilo", pronto... também temos que ter um bocadinho de sorte com eles, como em tudo. Outra coisinha muito básica, em termos de competência tecnológica, não misturar plataformas. Eu trabalho com uma plataforma onde eu disponibilizo ficheiros de referência aos tradutores e depois tenho uma plataforma de tradução online e acontece-me com tradutores, não querendo parecer preconceituosa, mas normalmente acontece com os tradutores mais velhotes, eles bloquearem as passwords, porque utilizam ou tentam utilizar a mesma para as duas e depois as tantas, "não, eu não consigo ver os ficheiros. Ah, eu estava a traduzir, mas depois já nunca mais consegui entrar no programa".

Participante 1: Eu concordo com o que a Participante 5 e com o que a Participante 2 disseram, é preciso os tradutores conhecerem as ferramentas, não todas como já tinha dito, mas pelo menos que conheçam algumas e que tenham a iniciativa também de explorar mais sobre a ferramenta quando não conhecem. Eu, muitas vezes, tenho que fazer instruções além das instruções que existem sobre a ferramenta. Ainda me dou ao trabalho de instruções abreviadas de todos os passos que eles têm que dar e estou quase a

dar-lhes as formações em ferramentas quando eles não sabem trabalhar, já consegui pôr pessoas a trabalhar em ferramentas diferentes quando nunca tinham tido contacto com elas. Não é assim tão difícil, mas há pessoas que não estão abertas a trabalhar com ferramentas, pessoas que trabalham em tradução há mais anos. Algumas delas até dizem que, se for para trabalhar com ferramentas, não querem e depois nós, se precisarmos mesmo muito delas, acabamos por enviar cheio em bilingue para trabalharem fora das ferramentas, mas é uma coisa que não se devia já fazer. É arriscado, não se consegue já depois... só na reta final é que se consegue depois ver as questões de verificação com as ferramentas de controlo de qualidade. Depois não se tem a atenção à consistência porque a pessoa está a trabalhar fora, está a fazer uma tradição manualmente, não é a mesma coisa que para trabalhar numa ferramenta que lhe vai dando sugestões e que lhe dá acesso a memórias de tradução. E, muitas vezes, temos que nos sujeitar àquilo que temos porque nem sempre há recursos para trabalhar da forma que nós queremos e, de vez em quando, preparamos pacotes Studio e eles não têm Studio e temos que os pôr a trabalhar em MemoQ ou vice-versa. Só sabem trabalhar com o MemoQ porque não têm Studio e temos que fazer ao contrário, ou porque não têm Transit e têm que trabalhar em MemoQ, ou seja, temos que estar constantemente a adaptar as pessoas que temos para trabalhar às ferramentas que temos e com que eles conseguem trabalhar para conseguirmos depois não atrasar muito os trabalhos. Depois outra coisa que eles deviam saber também, como disse a Participante 5, é essas ferramentas de controlo de qualidade não só das próprias ferramentas, como também o X-Bench, é essencial para detetar erros e também na parte da verificação ortográfica. Acho que sem estas ferramentas extra, os trabalhos, muitas vezes não se consegue detetar tudo com o próprio controlo de qualidade da ferramenta, não se consegue detetar tudo. Depois, é também terem a flexibilidade para, como disse a Participante 2, começarem a trabalhar em diferentes plataformas. Eu trabalho com um cliente, com um ou mais, que nos obriga, obriga entre aspas, se quisemos trabalhar com ele tem que ser assim, constantemente a trabalhar em plataformas diferentes, em ir buscar coisas aqui e acolá, ou a traduzir diretamente em plataformas e não só os tradutores têm depois que conseguir fazer isso, como nós também temos que aprender com o cliente e depois de transmitir as informações aos tradutores. Nunca é muito linear a forma como se trabalha em gestão de projetos, ali pelo menos, porque não temos só uma ferramenta, não temos só uma plataforma, não temos tradutores que tenham as ferramentas de que nós precisamos, às vezes, de usar e temos que ser flexíveis para conseguir trabalhar com o que temos.

Participante 3: Eu acho que já foi quase tudo dito pelas colegas. É importante essa versatilidade deles e estarem atualizados. Claro que eles não podem ter todas as ferramentas que nós necessitamos para os nossos trabalhos e muitas vezes notamos essa dificuldade quando há uma ferramenta nova e um trabalho, por exemplo, para adjudicar e eles não têm essa ferramenta, todas as instruções, o tempo que é necessário para eles se adaptarem à ferramenta e ao trabalho, que muitas vezes é urgente. Muitas vezes eles não podem aceitar porque não conhecem, portanto, mas também considero que é complicado para eles terem conhecimento de todas as ferramentas. Portanto, essa facilidade de eles saberem trabalhar com várias ferramentas é muito bom para nós. E eles irem fazendo formações, dadas pela empresa ou não, é importante.

Participante 6: Concordo com o que as colegas referiram. Atualmente já não é saber consultar um livro para pesquisar, é preciso saber consultar a Internet, saber consultar fontes, saber pesquisar na Internet, ou seja, saber uma série de coisas que antigamente não eram precisas. As pessoas já vêm da faculdade a saber fazer pesquisas no computador, na Internet, coisa que antigamente não acontecia. Por exemplo, na empresa onde trabalho as pessoas precisam de saber aceder a um portal para acederem ao trabalho e entregar, isto é algo que há uns anos ainda causava dificuldades, mas que atualmente já não se notam dificuldades por parte dos tradutores por terem de aceder ao portal.

Participante 4: Eu queria só acrescentar alguma coisa se for possível, que é o não conhecimento de uma ferramenta de tradução por parte de um tradutor. O tradutor até pode ser um excelente tradutor, um excelente linguista, mas, pelo facto de não conhecer a ferramenta, o resultado do produto que ele entrega pode ser uma porcaria autêntica, pronto. E, no entanto, ele é, por norma, um excelente tradutor, mas como não domina a ferramenta...

Participante 3: E, se calhar, muitas vezes está tão preocupado em perceber a ferramenta que acaba por não se dedicar depois o tempo necessário à tradução em si.

Participante 4: Exatamente, é exatamente isso que eu queria acrescentar.

Participante 2: Por causa disso que tu mencionaste, do trabalho em grupo online, isso também envolve a questão da confidencialidade. Eles acabam por trabalhar em grupo, por exemplo, ao terem uma memória em grupo... indiretamente, via resultados da memória. Eles acabam por estar a trabalhar em grupo, quer dizer... Quando tem questões, claro que as questões depois são partilhadas. Pode haver questões iguais, em simultâneo, por haver

essa falta de trabalho em grupo, mas hoje em dia com a partilha, com a utilização de memórias online, essa questão já fica um bocadinho colmatada com algumas ferramentas.

Moderador: Para além da tradução em si, que outras tarefas são pedidas aos tradutores atualmente? Exemplo: a formatação, o alinhamento de textos, a criação de glossários, tradução online, *guidelines* para publicação ...

Participante 6: Posso pedir a parte da formatação, mas, por norma, a maior parte dos tradutores com quem trabalho diz que isso já não é a função deles. Portanto, há muitos que não gostam de combinar essas duas tarefas e por isso, normalmente, temos pessoas que são especializadas nisso e para quem enviamos esse tipo de tarefas que têm a ver com outras questões que não a tradução em si do texto. Por norma só peço tradução, revisão e agora começamos a pedir a pós-edição porque surgiu a tradução automática. Nesta coisa de melhorar o trabalho feito por uma máquina também houve vários tradutores que, ao início, não gostaram desta mudança e que não queriam fazer com tradução automática, mas já viram que este é o caminho e que em breve não há mais nada senão isto, portanto, têm de se adaptar e aprender a fazer pós-edição, que eu acho que, eu não sou tradutora, portanto também não sei, é muito menos gratificante em termos de criação de um texto apenas melhorar o texto do que criar de raiz. Isto tem a ver com a evolução que, às vezes, para mim não é assim tão positiva. Por exemplo, para mim, um livro será muito mais bem traduzido se feito de raiz, deve ter muito mais alma do que uma coisa que foi feita por uma máquina, mesmo que depois tenha tido um humano a dar-lhe um jeitinho, mas isso é a minha opinião... antigamente uma das diretrizes era pedir sempre entrega de glossário, mas há alguma reticência em fazerem entrega de glossário porque acham que o tempo que despendem a fazê-lo deve ser pago. Claro que o glossário é uma ferramenta para quem traduziu e para quem está a traduzir, para garantir que o que foi traduzido está correto e num próximo trabalho ser mais fácil. Mas, às vezes, não é fácil passar essa mensagem. Também por uma série de outros fatores que não têm necessariamente a ver com a tradução, mas têm a ver com a necessidade de cada vez coisas mais urgentes, que diminuem o tempo de trabalho e, como tal, as pessoas que já não têm muito tempo para o trabalho ainda menos tempo têm para elaborar um glossário.

Participante 2: Essas coisas, por exemplo, eu não peço a nenhum tradutor externo, quando é necessário, por exemplo, organizar um glossário, terminologia do cliente, inseri-la num glossário, será sempre uma equipa interna de tradutores a inserir. No caso de instruções, também sempre uma equipa interna de tradutores, há um responsável por cada

língua e cabe a esse responsável elaborar essas instruções. Em termos de alinhamentos também, não externalizo esses trabalhos. São feitos sim por tradutores, mas a nível interno.

Participante 5: Tal como a Participante 2 mencionou, o tipo de tarefas que ela não externaliza, nós também não costumamos externalizar e, para além das tarefas de tradução propriamente ditas, o que por vezes costumamos enviar a tradutores *freelancer* são tarefas, por exemplo, de revisão do texto e também, às vezes, enviamos tarefas de LSO, *Language Sign-off*, são tarefas à hora. Coisas, como por exemplo, a criação de guias de estilo ou atualização de bases de dados, alinhamentos, preparação de instruções, costumam ser feitos por tradutores, mas também por tradutores internos. Para fora, recorrendo a tradutores *freelancer*, essencialmente são tarefas de tradução, de revisão e, ocasionalmente, tarefas de LSO.

Participante 1: Eu já tenho pedido agora, cada vez mais, por falta de tempo na gestão, verificações gráficas aos tradutores ou revisores que participaram num determinado projeto que depois verifiquem o ficheiro final que vamos enviar ao cliente, quer seja em Word, quer seja em PDF, quer seja noutro formato de ficheiro que eles consigam abrir na sua versão final. Isto muitas vezes porque nós não conseguimos ter tempo depois para ainda fazer essa verificação e tentamos muitas vezes dar a um dos elementos da equipa que participou no projeto. E aí é pago à hora.

Participante 3: Confirmo também o que a Participante 2 disse, também costumo pedir e, quando é necessário também a preparação terminológica, também o fazemos exteriormente, sendo uma tarefa paga obviamente, mas sim, essas tarefas também pedimos a tradutores externos sempre que é necessário, pagando essa tarefa claro, não estando incluído no orçamento inicial de tradução, portanto sendo considerado sempre uma tarefa à parte.

Participante 1: Esqueci-me de dizer que quando o cliente envia feedback sobre as traduções com alterações à terminologia que utilizámos e que eles preferem que seja usada de outra forma, vamos pedir também a alguns tradutores que vão atualizar as memórias de tradução desse projeto e também os glossários para ficar tudo o mais atual possível com o que o cliente indicou.

Participante 4: Acho que, basicamente, as colegas já tocaram nos pontos principais. Eu, por exemplo, eu vivi uma experiência que foi, portanto, com um projeto em que nem

o próprio cliente se entendia quanto às designações das instruções e etc. e coube à nossa empresa, aos instrutores internos formarem uma mesa de grupo e, reunidos, definirem as traduções corretas para determinados termos, portanto, a terminologia correta a adotar e essa terminologia foi enviada ao cliente que, depois, rejeitou ou aprovou os termos e isso foi um trabalho que nem sequer o cliente pagou. Quer dizer, foi um investimento da nossa parte, mas que era vital para que todo o processo de tradução, depois decorresse sem anomalias.

Moderador: Qual considera ser o impacto das inovações tecnológicas no mercado da tradução?

Participante 4: Eu acho que o impacto, a meu ver, tem que ser positivo porque aqueles que não querem acompanhar a evolução ficam pelo caminho. Nós sabemos que há tradutores que não querem trabalhar com ferramentas de tradução e nós, porventura, só iremos recorrer a eles em caso de última instância, como é óbvio. As ferramentas de tradução têm um impacto positivo porque vão aligeirar todo o processo de tradução a todos os níveis. Porque havendo uma ferramenta de tradução, em que haja um glossário validado pelo cliente, uma memória de tradução, tudo isso é uma mais-valia para o tradutor, para a equipa, quer seja para o tradutor quer para o revisor, ou seja, é tipo ter um bocadinho a papinha feita para eles fazerem um bom trabalho. Não é como fazer tudo de raiz, traduzir tudo de raiz, ou seja, é um bem que lhes é dado e eles devem aproveitar ao máximo e tirar daí as melhores competências.

Participante 3: Essencialmente, acho que o impacto é os tradutores conseguirem assumir mais trabalho em menos o tempo e depois a qualidade também. Mas essencialmente isso. Antigamente era impensável fazer um trabalho com uma dimensão enorme em tão pouco tempo e hoje em dia isso é possível e vê-se, é como a Participante 4 disse, aqueles tradutores que estão mais habituados a trabalhar com as ferramentas de tradução e o à-vontade deles conseguem assumir trabalhos muito grandes e cumprir prazos, e etc. Aqueles que não estão tão vocacionados para essa parte técnica, têm mais dificuldades ou exigem uma preparação maior da nossa parte, porque temos que fazer conversões, usar textos bilíngues. Essencialmente, acho que é isso, acho que é o tempo. Depois em termos de qualidade, também queremos acreditar que sim, a não ser que, de facto, o tradutor não domine a ferramenta e depois não corra tão bem, mas se dominar a ferramenta, penso que o resultado final pode ser muito bom.

Participante 6: Como as colegas disseram, um dos impactos é a rapidez. A rapidez hoje não tem comparação, hoje em dia traduz-se um texto com um volume enorme em menos de metade do tempo que era necessário antigamente. O tempo é uma das coisas, é possível, mas se não for bem feito ou não for feito por pessoas que tenham as capacidades e que as usem bem, depois a qualidade é sempre inferior. É preciso ter muito cuidado com isso porque, de facto, ter máquinas e ferramentas a ajudar não pode servir como desculpa para não ter cuidado na entrega final, é preciso verificar se o texto final está realmente bom. A tecnologia pode ser algo muito bom em termos de uniformidade, de manter a terminologia dos clientes, tudo isso é muito mais fácil com uma ferramenta que arquiva isso e depois o espelha no trabalho sempre que necessário. É preciso é que as pessoas saibam usar bem essas ferramentas porque pode ser um desastre. Ou seja, tem um impacto positivo na rapidez e no volume de trabalho que é possível realizar, mas pode ter um impacto negativo se as ferramentas não forem bem utilizadas. Quando um cliente faz uma queixa, não é que aconteça muitas vezes, começa muitas vezes por dizer “este trabalho parece que foi feito com tradução automática”, ou seja, para um cliente, a tradução automática é logo uma coisa má, foi uma máquina que fez. É uma coisa que dizem muito, portanto, para eles, não é visto como uma coisa muito boa, quando pode ser, permite, se calhar, cumprir prazos ou conseguir fazer coisas que são impossíveis. Mas, para os clientes, muitos ainda veem isso como “fomos aqui aldrabados, alguém pôs uma máquina aqui e isto não está bem”, o que também nem sempre acontece. Os tradutores já se começam a habituar à pós-edição que é melhorar algo que alguém fez, neste caso a máquina. Ou seja, tiveram de mudar um bocadinho a forma de trabalhar. Imagino que, neste momento, os cursos já estejam adaptados a estas tecnologias e quem sai da faculdade agora já vem com outras capacidades e já não ficam espantados com a pós-edição, ou seja, também teve impacto na forma como a profissão é ensinada.

Participante 1: Eu acho que estas novas tecnologias tiveram um impacto positivo para a indústria, para a parte dos clientes ao receberem os trabalhos mais rapidamente e se calhar com menos custos. E o impacto mais negativo será, em certa medida, em termos de preços dos tradutores, que estavam habituados a receber mais à palavra fazendo traduções sem recurso a ferramentas e hoje em dia com estas novas tecnologias, há mais concorrência de tradutores, mais concorrência das próprias tecnologias com a tradução automática. Por vezes até se dispensa a intervenção do tradutor, dependendo da escolha do cliente também, pode haver clientes que queiram apenas ou que tenham... pronto há

alguns clientes que nós sabemos que acham que põem os textos no Google Translate e aquilo sai traduzido como se fosse um tradutor. E, nesse sentido, aqueles trabalhos que são só para consumo interno, que as pessoas só querem perceber o que é que lá está e não precisam que esteja perfeito, nesse sentido, estas novas tecnologias, o Google Translate e outros motores de TA tudo isso a que muitos clientes já têm acesso, já têm conhecimento que existe, veio cortar um bocadinho o papel do tradutor que já não é tão essencial como era antes. Depois, como também já disseram, o facto de haver memórias de tradução, base de dados de terminologia, veio facilitar bastante o trabalho dos tradutores, porque antigamente se queríamos pesquisar alguma coisa, nem Internet existia, a única forma de ter conhecimento da terminologia era ir para a biblioteca procurar. Isto parece que já foi assim no tempo das nossas avós, mas foi no meu tempo, tinha que ir para a biblioteca procurar a terminologia de uma determinada área que estava a traduzir, não havia Internet. Não havia estas fontes de pesquisa tão acessíveis e hoje em dia isso já está a facilitar bastante o trabalho dos tradutores. Por um lado, perderam nesse aspeto de já não de serem tão essenciais como já foram, também o caso da concorrência que há cada vez mais, antigamente usava-se mais tradutores formados em tradução, agora, qualquer pessoa, digamos assim, que tenha conhecimento de uma determinada área, que seja especialista e que conheça o idioma faz traduções, portanto, as tecnologias tiveram vantagens e desvantagens.

Participante 5: Acho que já mencionaram basicamente os aspetos positivos. Eu acho que a tecnologia teve um impacto bastante positivo no trabalho dos tradutores. A Participante 1 mencionou o custo, portanto que o pagamento ao tradutor baixou, mas, por outro lado, as ferramentas ao permitirem que se faça mais trabalho, mais rapidamente, se calhar, compensa um bocadinho essa diminuição do custo. Portanto, se antes das tecnologias, um tradutor aceitava mil palavras por dia, agora, se calhar, aceita bastante mais e com isso consegue compensar, digamos assim, a redução de custos. Não é bem compensar, mas o impacto tem sido muito positivo, eu acho, em termos de referências de pesquisa fiáveis, porque nem todas as referências que se encontra na Internet são fiáveis e acho que ajudam a encontrar as mais fiáveis também em termos de qualidade, as memórias de tradução, as bases de dados, ajudam a manter a consistência e a não ser necessária tanta pesquisa de raiz. Em termos de impactos negativos, para além da questão dos custos que a Participante 1 mencionou, diria também que o facto de a tradução ser mais rápida, de haver mais velocidade também pode ser um bocado negativo, porque por

um lado também há pressão dos clientes. Os clientes têm noção de que há mais tecnologia e então acham que a tradução se faz assim num piscar de olhos. Estava a dizer "pôr no Google Translate e está feito" e o tradutor quase nem faz nada. Essa pressão dos prazos, muitos clientes não têm noção do esforço que é traduzir um projeto e de tudo que ele implica. Muitas vezes é preciso educar, entre aspas, o cliente para sim nós temos tecnologia que facilita o trabalho e que ajuda", mas também é preciso que o cliente tenha em conta que não é carregar no botão e o trabalho fica feito.

Participante 2: Além do que as colegas mencionaram, no geral o impacto eu diria que é muito positivo. Ajuda, tudo o que está integrado na ferramenta ajuda a facilitar o trabalho, tem a tradução automática, terminologia. Além dos pontos todos positivos que elas mencionaram, eu gostava de referir também o negativo é que, por exemplo, os motores com que eu trabalho para o cliente que giro, nenhum deles tem em conta a terminologia, e isso, em trabalho de grandes, quase sempre há bastantes erros de terminologia porque foram levados pela tradução automática, não ligaram nada ao que a janela de terminologia sugeria e depois, ao mesmo tempo, lá estou eu a chamar a atenção "olha, por que é que não usar este termo aqui?" E sabendo a resposta "tinha a frase ali feita, já estava traduzida, ajustei e não liguei ao termo técnico". Ou então "porque assim também está bem" sim, mas temos que seguir a terminologia, mas, no entanto, o que eu lhes forneço não tem em conta a terminologia, portanto estou aqui a exercer um bocadinho o papel de má da fita, consciente. No caso da empresa em que trabalho temos uma equipa que estuda, por exemplo, o resultado, os resultados da pós-edição consoante o motor que usam, consoante o número de alterações, isso vai ter um impacto negativo para os tradutores, porque ainda há pouco tempo, no início de fevereiro, aumentaram os cortes nas ponderações. Pronto. Não tenho mais nada a acrescentar quanto ao que as colegas disseram porque também são coisas que eu noto, a rapidez na edição dos textos, o aumento das margens para nós e diminuição para os tradutores e é a única coisa que eu tenho a acrescentar.

Moderador: E em termos, por exemplo, de disponibilidade, do estar sempre ou não contactável, não é um impacto da tecnologia?

Participante 4: Eu sei que há muitos tradutores que não gostam nada disso. Gostam de cumprir o seu horário de trabalho, por assim dizer, e não gostam de ser incomodados fora de horas. Eu nunca vivi essa experiência, mas sei, por exemplo, de colegas que a viveram algumas vezes.

Participante 2: Cabe-nos a nós estabelecer os limites e explicar ao cliente que realmente o horário de trabalho é de X a X horas e que durante essas horas podem esperar que alguém lhes responda. Fora de horas não costumo responder aos clientes, nem o cliente está à espera.

Participante 5: É exatamente essa a abordagem que nós seguimos, portanto, o cliente sabe que nós funcionamos entre as X e as X, durante esse tempo, está à vontade, digamos para nos contactar, via telefone, mail, seja o que for e costumamos usar também essa abordagem para com os tradutores. Se nós não estamos a trabalhar fora de horas também não vamos, em princípio, contactar os tradutores fora de horas, a não ser que haja assim uma situação muito, muito extraordinária, esperamos é que o tradutor esteja disponível, por exemplo, para ser contratado durante as horas em que costuma estar a trabalhar, e se o tradutor está a fazer um trabalho, algum projeto para nós, por exemplo, esperamos que esteja disponível para ser contactado por E-mail ou por telefone caso haja algum problema ou alguma questão assim mais urgente, mas acho que isso tem a ver um bocadinho com a forma de funcionamento da empresa e da relação com os tradutores.

Moderador: Pode dar alguns exemplos sobre como a necessidade de utilização de ferramentas de tradução, como o Trados Studio e MemoQ, ditou a necessidade de alterar as competências se necessárias para se ser um tradutor *freelancer* atualmente?

Participante 6: Primeiro teve de mudar o *mindset*, imagino eu, porque quando usas uma ferramenta estás a trabalhar de uma forma diferente do que era antigamente. Eu acho que, neste momento, um tradutor precisa quase mais de ter um cérebro matemático que, antigamente, as pessoas de letras não tinham e eram avessas a toda a matemática. Hoje em dia precisas de calcular e recalculas para poder usar as ferramentas e os parâmetros e perceber quando dizem que há *fuzzies* e repetições. Portanto, se calhar, as pessoas de tradução, hoje em dia, já são ligeiramente diferentes, já não são aquelas que odeiam pensar sobre as coisas, já têm que conseguir pensar um bocadinho para poder avaliar, em termos do que falta, do que têm que fazer, do que é novo e até para compreender os orçamentos. Para tudo isto é preciso ter um tipo de raciocínio que antigamente as pessoas de letras não tinham e não queriam ter. As pessoas agora precisam de ter um pensamento lógico.

Participante 2: Tem que ter vontade de se adaptar ou então fica mesmo excluído, não é contemplado e não volta a ser contactado a menos que mostre vontade de trabalhar com determinada ferramenta.

Moderador: Portanto essa versatilidade e flexibilidade que falaram há pouco.

Participante 2: Sim, sim. Tem pessoas que, volto a dizer que só trabalho com trabalhos nos quais são aplicados TA. A partir do momento em que me diz "Eu não estou interessado" ou "estes trabalhos para mim não dão", pronto, bota para o lado e peço mais tradutores aptos para fazer pós-edições.

Participante 3: Era isso que eu também já tinha referido. É eles estarem em constante formação, ou da empresa ou eles próprios e ter essa abertura. Porque, de facto, senão, como está hoje em dia o mercado, as gestoras acabam por escolher outros tradutores. Eu acho que eles também já têm muito essa noção, mesmo os tradutores que trabalhavam mais à moda antiga. Depois há ferramentas de que gostam mais do que de outras, umas que são mais fáceis para eles do que outras. Essencialmente eu acho que é importante, e para eles também, serem projetos que depois têm alguma continuidade, porque, às vezes, estarem a dedicar tempo a uma ferramenta para um projeto só, pontual, se calhar, acaba por não ser muito vantajoso para eles. Se nós conseguirmos, ou se for possível, dar essa informação ao tradutor, que é um projeto que tem alguma continuidade e que, portanto, valerá a pena esse investimento de tempo parte deles, é bom, o que muitas vezes nós também não sabemos.

Participante 1: Eu não tenho nada diferente a acrescentar. Temos só, às vezes, tradutores que perguntam se vale a pena investir numa determinada ferramenta, porque eles querem, de certa forma, garantir que o facto de estarem a comprar uma licença dessa ferramenta os vai compensar em termos de trabalho e se vai render. Ou seja, se vão ter pedidos suficientes para depois pagar, entre aspas, a ferramenta que estão a comprar. E, geralmente, até nos perguntam "É melhor comprar o Studio ou é melhor comprar o MemoQ?" Nós não temos uma resposta certa para isso, tudo vai depender depois do trabalho que eles venham a fazer não só com a empresa como com outros clientes que tenham.

Participante 5: Não tenho muito a acrescentar ao que já falaram. Portanto, a versatilidade, a questão de quererem ter vontade de aprender porque acho que a partir do momento em que uma pessoa perde a.... isto acho que é transversal a qualquer área, uma pessoa perde a vontade de aprender ou não quer aprender, eu acho que fica estagnada e acho que, mais cedo ou mais tarde, vai acabar por não, entre aspas, sobreviver no mercado. A Participante 1 falou ali na questão das licenças, que eu acho que é importante, porque as licenças realmente são muito caras para algumas das CAT tools. Muitas vezes

o que acontece, no nosso caso, é que um tradutor, diz "eu não sei trabalhar, mas não tenho essa ferramenta". Mas nós até temos as licenças e por vezes emprestamos licenças, há tradutores que dizem "não, não quero" porque não querem, simplesmente não querem aprender a trabalhar com ferramentas, outros dizem-nos que "Ok, então, já que vocês têm uma licença vou aproveitar este projeto, para, pelo menos enquanto faço o projeto, ir ganhando alguma uma experiência numa ferramenta nova", que depois pode servir para outro, não só para nós, mas para outros clientes também.

Participante 4: Eu diria apenas o seguinte, que quando se trata de ferramentas de tradução que são disponibilizadas pelo próprio cliente e que se referem, portanto, a contratos de tradução que envolvem, por exemplo, quatro anos, há toda uma mais-valia para a equipa, para os tradutores, portanto, que vão interagir com essa ferramenta porque eles têm sempre a garantia de ter trabalho durante quatro anos. E acabam por depois tratar a ferramenta por tu e é uma mais-valia para eles próprios. E é como a Participante 4 há pouco dizia e acho que todas falaram que é o tradutor ser o mais autónomo possível e ser autodidata em aprender o máximo a manusear as ferramentas de tradução que existem disponíveis no mercado, porque mais facilmente são contactados, por exemplo, pela gestora de recursos humanos quando vai à procura de uma determinada combinação linguística e as ferramentas. E devem canalizar, a meu ver, devem ficar essas pessoas que têm o maior número possível de conhecimento de ferramentas, não só da combinação linguística e da temática em si, mas também do quanto conhecem diferentes ferramentas de tradução.

Moderador: O que mudou para o tradutor com a criação das tecnologias colaborativas, como a partilha de memórias de tradução em tempo real e os fóruns ou chats disponíveis em algumas ferramentas TAC?

Participante 4: Eu acho que é uma mais-valia quer para a equipa que está a traduzir um trabalho que, por exemplo, possa ter sido dividido por vários elementos para corresponder ao prazo de entrega do cliente, que é curto, quer para a própria gestora porque implica que a gestora não é incomodada com não sei quantos e-mails e eles próprios estão interligados entre si, a chegarem a um consenso sobre qual o melhor termo a adotar, portanto, qual a melhor terminologia, e sem passar necessariamente pelas mãos da gestora que já tem em curso projetos em curso, a tratar, e isso, para mim, é uma mais-valia de todo o tamanho.

Participante 3: Concordo com a Participante 4, sim, sem dúvida. É essencialmente isso sim.

Participante 1: Sim, além de eles poderem falar entre eles sobre as melhores opções de tradução para um trabalho que estão a fazer em conjunto, para não haver discrepâncias, para não haver inconsistências. O tradutor, acho que, também não se sente tão sozinho em tomar decisões que depois vêm a ter influência na qualidade do trabalho e tem ali alguém com quem partilhar sem ter que ter um intermediário, que é a gestora de projeto, que pode não estar por dentro do que está a ser traduzido. Claro que a gestora de projeto tem que ter conhecimento do conteúdo de uma forma geral, mas as coisas específicas sobre o próprio projeto têm toda a vantagem que sejam faladas entre os tradutores que estão a participar nele porque o estão a dividir, não é uma tradução isolada, feita só para o tradutor. Como é um trabalho conjunto, interessa que sejam o mais uniforme possível, o mais consistente possível. Já temos experiência de vários tradutores a traduzirem projetos deste tipo em que falam entre si e eu acho que isso facilita bastante, portanto, as ferramentas que tem esta funcionalidade, acho que têm esta mais-valia de poder permitir o contacto direto entre os tradutores em tempo real.

Participante 5: Não tem muito a acrescentar em relação ao que já foi dito. Também concordo que seja uma mais-valia para que os tradutores possam falar entre si e cheguem, entre todos, a um consenso porque, muitas vezes, como estava a Participante 1 a dizer, a gestora de projeto, embora tenha conhecimento do que é o projeto em si, não está por dentro das especificidades, isso só os tradutores é que conhecerão melhor. E, portanto, acho que a comunicação entre os tradutores acaba por beneficiar depois toda a gente, todo o processo de tradução.

Participante 2: Não tenho grande coisa também a acrescentar porque eles estão dentro do trabalho em si, estão dentro do assunto. Isso permite, no global, aligeirar pesquisas e acelerar a tradução porque podem ser termos que até apareçam muitas vezes e em vários ficheiros distintos. No entanto, acho que é sempre uma mais-valia contactarem a gestora no sentido de pedir a validação do cliente para que se possa depois tirar proveito de uma tradução aprovada, que pode ser útil para o futuro ou até para outros termos que estejam relacionados.

Participante 6: Concordo também com o que a Participante 4 disse e com o que as restantes colegas disseram. Só pode facilitar o trabalho e em termos de qualidade é uma garantia de um trabalho muito melhor, porque, obviamente, se estás a trabalhar com duas

ou três pessoas, antigamente acontecia e só tínhamos o cuidado de o revisor ser o mesmo para tentar uniformizar porque o estilo é sempre diferente, e puderes ir seguindo o que o colega está a fazer e partilhando ideias e formas de tradução, as coisas mais facilmente ficam uniformes. Portanto, aí acho que ganharam imenso, é tudo muito mais simples. Tornou o trabalho em equipa mais simples. Enquanto antigamente era uma equipa que na realidade eram pessoas isoladas, agora comunicam entre si e isso leva a uma melhoria na qualidade. Antigamente falhar era muito mais fácil.

Moderador: Qual o tipo de tecnologia que considera ser mais importante no seu trabalho? Para o tradutor e para o mercado em si. Pode ser, por exemplo, ferramentas CAT, tradução automática, pode ser a Internet, computadores, qualquer tecnologia.

Participante 2: Eu diria que, sem dúvida, para mim, as próprias ferramentas de tradução porque essa é a parte que pode ter relação direta com o tradutor, porque depois a parte da tradução automática nós fornecemos. Precisamos que eles saibam trabalhar em termos de competências tecnológicas. Em termo de tecnologias, sem dúvida para mim, acho que é as CAT tools.

Participante 5: Eu concordo com a Participante 2, portanto seriam as CAT tools a principal tecnologia que os tradutores terão de conhecer melhor e utilizar. A questão da tradução automática também é importante, mas há muitos tradutores que não querem trabalhar com.... não sei se por desconhecimento ou porque não gostam, seja por que motivo for, não querem. Portanto, eu acho que sim, que serão as CAT tools a principal tecnologia.

Participante 2: Antes de saberem CAT Tools serem só assim um bocadinho expeditos, mínimos olímpicos de saber trabalhar com plataformas diferentes, como referi anteriormente.

Participante 1: Já agora, isso faz-me lembrar tradutores, um ou outro caso que tivemos de tradutores que começaram a traduzir em ficheiros temporários e depois não sabiam onde é que estava a tradução, porque o ficheiro era temporário e de repente desapareceu. Pronto, isto era só um aparte. Mas eu acho que na base disto tudo está a Internet e toda a informação que a internet nos trouxe, que depois permitiu que as CAT Tools funcionassem de forma otimizada. Mas acho que, se não estivéssemos na era da Internet, nada disso estaria como está. E claro que as CAT Tools são a ferramenta de trabalho que facilita o trabalho aos tradutores, que permite que os trabalhos sejam feitos mais

rapidamente. Mas acho que a Internet acaba por ser aqui o fator fundamental para estarmos no ponto em que estamos hoje. Mesmo a tradução automática sendo importante, também não é extremamente essencial, pode ser dispensada. É claro que facilita também o trabalho e cada vez mais as empresas estão a adotar a tradução automática, que era uma coisa que não havia alguns anos.

Participante 3: Também considero que sejam as CAT tools. Mesmo com a tradução automática, se não souber dominar as CAT Tools não tirará proveito, com certeza, de uma tradução automática nas CAT Tools. Também considero que é as CAT Tools

Participante 4: Concordo com todas as colegas. Para mim as CAT Tools são essenciais. Mas para além das CAT Tools é realmente o tradutor estar completamente à vontade na área temática em que traduz. E eu, por experiência própria, quando pedia recursos à gestora de recursos e que dizia especificamente, tinha que ser assim e assim e que tinha de ser com aquelas ferramentas.

Participante 6: No meu caso, considero o e-mail importantíssimo porque passámos a falar com as pessoas num segundo, a receber as coisas num segundo, é tudo quase em tempo real. Por outro lado, tem também... vou acabar por concluir isso, a tecnologia é sempre uma faca de dois gumes, porque, ao mesmo tempo, hoje em dia tens que estar muito focada. O e-mail é tão invasor e tão absorvente, com a quantidade de coisas que estás sempre a receber e pessoas a pedir ajuda por lá, porque aquilo é imediato, que depois o teu trabalho não te permite estares concentrada no trabalho, pois estás constantemente a ser puxada para aquilo. É uma ferramenta belíssima e que permite viver sem o papel e organizada, mas é complicado para as pessoas que começaram sem essa ferramenta, as tais que têm trinta anos de experiência, e que tiveram de se habituar. A capacidade de o e-mail nos lembrar das reuniões e todas as possibilidades que ele nos disponibiliza são muito boas. Quem tem as aptidões tecnológicas consegue tirar partido de tudo isso, mas já é outra geração.

Moderador: De que forma considera que os avanços nas tecnologias tradução, como a tradução automática, vai continuar a influenciar o seu trabalho?

Participante 6: Eu acho que cada vez mais serão criadas... porque até há pouco tempo a tradução automática era um bocadinho... apanhava tudo, debitava um bocadinho tudo. Agora estamos a aprender e a criar perfis que se adaptem a determinados clientes ou áreas, ou seja, vamos conseguindo filtrar o que interessa para algo como se fosse uma

memoriazinha e cada vez mais sabemos que, ao usar essa tradução automática que tem um perfil, estamos a ir mais de encontro ao que a área pede ou o cliente quer. Cada vez mais vão-se limando e limpando arestas e, imagino que, cada vez mais surjam caixinhas diferentes e melhores consoante o que precisamos, consoante a área do texto. Vai certamente melhorar o resultado da tradução que a máquina cria.

Participante 4: Eu acho que, portanto, a existência de tantas CAT Tools, da Internet, de tudo aquilo que está à disposição do tradutor é, por assim dizer, um oásis para o mesmo. Portanto, ele tem tudo à partida para não falhar numa tradução, para não ter uma classificação negativa, seguindo as instruções que lhe são dadas, transmitidas pela gestora de projeto e sabendo como dominar, por exemplo, quer seja um trabalho em pós-edição quer seja uma determinada ferramenta de tradução, tem tudo para dar certo.

Participante 2: Vão sempre resultar, isto tendo em conta a tendência do mercado, porque isto está a ser explorado, está a ser brutalmente explorado, é um mercado em ascensão, portanto, eu acho que sim vão sempre, hão de surgir mais coisas que ajudarão o tradutor a produzir mais em menos tempo e a haver menos gastos com isto.

Participante 1: Concordo com o que a Participante 6 disse. Eu acho que, sobretudo na tradução automática, com a inteligência artificial, cada vez vai haver mais desenvolvimentos, cada vez os motores de tradução automática vão ser mais inteligentes, digamos assim. Quando isto começou, a tradução automática era um bocadinho mais estanque e, entretanto, começou a aprender com as traduções que iam sendo carregadas nos motores, isto nalguns exemplos, e acho que vai haver grande concorrência de motores de tradução automática, cada vez não estar mais ensinados para apanharem uma tradução mais humana, menos maquinal, porque nós continuamos a ver... às vezes olhamos para traduções e vemos que aquilo realmente é tradução automática, não foi feita pós-edição. Conseguimos reconhecer isso em alguns casos, noutros casos olhamos e parece-nos que está quase perfeito. Portanto, isto é uma questão de ir desenvolvendo e ir ensinando, ir ensinando as máquinas a pensarem como tradutores.

Participante 5: Basicamente é isso, acho que a tradução automática já começou a entrar no mercado e está cada vez parece-me com mais força e acho que, nos próximos anos, também vamos cada vez mais projetos de tradução automática e não de tradução. Nós, por exemplo, fazemos bastante trabalho de pós-edição. Temos alguns clientes que já nos enviam a tradução automática aplicada e, basicamente, em alguns projetos, a tradução é para fazer de raiz, não se aproveita quase nada, noutros temos uma tradução automática

impecável, em que não é preciso fazer alterações praticamente nenhuma. Portanto, eu acho que a tecnologia está a evoluir no sentido de fornecer cada vez traduções cada vez mais perfeitas, se é que se pode dizer isso de uma tradução. Mas acho que estamos a caminhar para uma evolução muito grande.

Moderador: Como é que a tradução automática substituiu ou vai substituir o trabalho do tradutor?

Participante 5: Substituir, eu acho que nunca substituirá por completo, acho eu. Creio que, e acontece muito nos trabalhos que nós temos, a maior parte da tradução automática para português, os motores, muitos deles vêm misturados com uma terminologia de português do Brasil. Terminologia e as estruturas gramaticais do português do Brasil, outros motores já permitem fazer a distinção entre português europeu e português do Brasil. Independentemente de ser só um motor para Portugal ou para o Brasil, eu acho que o tradutor terá sempre de confirmar, de validar a terminologia, validar a gramática, validar a consistência. Se calhar o trabalho não passará por ser tanto, digamos, uma tradução pura e dura, mas mais uma espécie de revisão, de uma validação dos resultados que estão a ser apresentados.

Moderador: Portanto, os tradutores terão de criar uma mais-valia ao texto que a máquina não consegue dar.

Participante 5: Exatamente, exatamente.

Participante 1: Eu acho que, como disse a Participante 5, nunca irá substituir, porque a forma como um ser humano traduz nunca poderá ser substituído por uma máquina. Mas cada vez mais vai haver uma tentativa de fazer isso, e como já tinha dito no início da reunião, há clientes que só querem saber o que um determinado texto tem. Portanto, o que lá está escrito não tem de ser um texto perfeito. Portanto, nesse sentido, nesse tipo de pedidos, o tradutor pode perfeitamente ser substituído por uma tradução automática. Nos textos que os clientes pretendem para outras finalidades, obviamente tem que haver uma pessoa, mesmo que não haja dois intervenientes, como muitas vezes há na pós-edição, em que temos a maior parte das vezes um pós-editor e depois ainda temos um revisor. Eu penso que, quando a tradução automática estiver mais desenvolvida, poderemos passar a ter apenas uma pessoa a fazer a tal revisão que a Participante 5 estava a dizer, só verificar se está tudo como deve estar. Neste momento ainda não estamos nessa fase em que conseguimos ter uma tradução automática fiável. Como a participante 5 disse, aparece

muito a terminologia de português do Brasil, talvez porque as máquinas são ensinadas com os maiores conteúdos que têm. Obviamente, o Brasil é um mercado gigantesco e as traduções que são feitas vão alimentar muitos dos motores de tradução automática, que não é o caso do que acontece em Portugal.

Participante 1: Mas tem que haver esse trabalho todo de ensinar as máquinas, como eu estava a dizer há pouco, e de tentar chegar a uma tradução o mais parecida possível com o que um ser humano faria, mas nunca será uma substituição.

Participante 2: Tendencialmente espera-se que a intervenção do tradutor vá diminuindo ao longo dos tempos. Depois temos sempre aqueles casos de transcrição, em que a tradução automática não vale muito. Portanto, viva o ser humano

Moderador: ou seja, a substituição em algumas coisas, mas há outras tarefas em que consideras que a tradução automática não consegue substituir.

Participante 2: Exato, mas tendencialmente espera-se que a intervenção humana vá diminuindo, com toda esta tecnologia e com todos os avanços que vamos vendo.

Participante 3: Também não, também concordo que haverá sempre uma necessidade, a meu ver, mas será... em princípio, pelo que tudo indica, pelo avanço, cada vez menor. Mas considero que será sempre importante essa intervenção humana, nem que seja, nem que seja mais a parte técnica, mais a pesquisa, mais nesse conteúdo mais técnico, mais que seja necessária não aquela tradição linear que depois já é quase, de facto, cada vez mais automática e mais perfeita. Mas depois para aquela pesquisa que é necessário o tradutor fazer, mais técnica.

Moderador: Para acrescentar valor, no fundo?

Participante 3: Sim, sim, claro.

Participante 4: É assim, quando apareceu a tradução automática, como gestora não olhei com bons olhos para a situação. E acredito que a maior parte dos tradutores também de certeza que não acharam assim uma coisa muito agradável, uma vez que lhes ia reduzir o preço. Na altura ainda não havia bons perfis de tradução, não é? E muitas das vezes era refazer pura e simplesmente um trabalho que lhes tomava muito mais tempo do que fazer uma tradução de raiz. Mas hoje em dia, portanto, vai-se aperfeiçoando cada vez mais, não é? E há perfis que estão perfeitamente adequados para determinadas áreas temáticas e, para tal, devem ser utilizados. No entanto, é como as colegas referiram, por muito

aperfeiçoada, que seja a tradução automática, o ser humano nunca poderá ser retirado da equação da tradução porque terá que haver sempre uns olhos humanos que olhem no fim para o produto caso seja um produto que tenha um impacto diferente, porque se for, por exemplo, só para ter conhecimento, por exemplo, para uma reunião e se é aquilo que o cliente quer, não é necessário que o ser humano vá haver, não é? Mas se for para publicação e etc., aí terá que sempre passar por quatro olhos, por assim dizer.

Participante 6: Tal como a Participante 5 disse, eu também não penso que possa substituir, porque se quiserem qualidade, eu acho que, tem que haver sempre um tradutor. Vai substituir apenas no sentido em que parte já lá está, mas não se pode querer um texto que seja lido por uma pessoa e que queria realmente transmitir algo, queira transmitir emoções e ideias, a defesa de qualquer coisa, não pode não ter a mão humana. Eu acho que não pode... é o facto de os humanos terem alma, ou o que quiserem chamar, terem conteúdo que conseguem dar sempre alguma coisa que faça os outros interessarem-se e quererem ler. Eu não acho que uma máquina seja capaz disso, por muito boa que seja. Acho que a tradução automática é suficiente sim, mas para um texto para um texto para uma reunião, para uma coisa que precisas apenas de ler, algo sem muita importância, como um memorando. Aí sim, a máquina serve e passa o recado. Agora tudo o que for textos para defender, por exemplo, os direitos das pessoas, do trabalho, para falar da crise da Ucrânia, o que for, é preciso sempre haver um humano no fim, nem que seja uma leitura no fim para lhe dar uns pontos de exclamação em qualquer lado e que façam o texto não ser maquinal, ser uma coisa com coração. Portanto, acho que sim, que já está a substituir em muita coisa, tanto que até os preços baixaram para os tradutores que deixaram de fazer dez mil palavras para só fazerem uma pós-edição de, na verdade, três mil palavras porque o resto já lá está. Nesse sentido substituiu, mas, se calhar, como os tradutores também fazem em metade do tempo, compensa porque eles têm a possibilidade de fazer o dobro do trabalho. Contudo, não poderemos pensar nunca que um dia não vamos precisar dos tradutores. Se isso acontecer, teremos coisas que não interessa serem lidas ou que não teremos interesse em ler.

Moderador: O que leva a escolher recorrer a um tradutor ou a um software de TA?

Participante 6: Neste momento tenho um bocadinho a obrigatoriedade de recorrer sempre primeiro à tradução automática. Portanto, eu continuo a escolher primeiro os tradutores que eu sei que são bons no tema e que sabem também usar bem a tradução automática e assim consigo que se use a ferramenta o mais possível e, ao mesmo tempo,

uma pessoa que realmente sabe do assunto para que, ao mexer no produto da tradução automática, consiga fazer uma pós-edição de qualidade. Normalmente dizem-me que tenho de ter o máximo de trabalhos que incluam a tradução automática. Há situações que pode ser só a tradução automática, mas, obviamente, com o conhecimento do cliente. Por exemplo, se o cliente quer para amanhã duzentas páginas, há a possibilidade de lhe dizer que se for a máquina a traduzir conseguimos, mas já não há a possibilidade de ser visto por ninguém. Aí a pessoa sabe que está a pagar pelo trabalho da máquina e que poderá ter coisas menos bem, como o exemplo que referi há pouco de precisar apenas de saber o que lá está escrito para poder transmitir a informação. Coisas importantes, como há pouco dizia, não pode ser só tradução automática.

Participante 4: Na minha opinião, depende do requisito do cliente. A gestora deve conhecer muito bem o cliente, deve saber de antemão qual é a finalidade da tradução, porque há clientes que são totalmente apologistas da tradução automática e há outros que nem querem ouvir falar de tradução automática. Porque eu já no passado ouvia clientes a dizer, "desculpe lá, mas isto é uma tradução Google" e não era uma tradução Google, mas eles próprios já diziam que não partilhavam da filosofia de uma tradução automática, de pós-edição e etc. Mas eu acho que o caminho tem que ser desbravado, muito sinceramente, para se colher cada vez mais frutos

Participante 2: Anteriormente, na empresa em que trabalhava, eu tinha opção de escolha, consoante alguns critérios, poderia ser tradução de raiz, mas tendencialmente para evitar, ou tradução automática. Na minha situação atual, eu não tenho hipótese de escolha, tem que ser tradição automática e a tal equipa que estuda a tradução automática já tem embutido dentro do programa de tradução qual é que é o melhor motor para determinada combinação linguística. Portanto, pura e simplesmente eu não escolho, é tudo tradução automática.

Moderador: E o que é que te leva a escolher entre recorrer a um tradutor para fazer a pós-edição ou entregar, pura e simplesmente, o produto da tradução automática?

Participante 2: Não posso porque o cliente não sabe, portanto... leva sempre um pós-editor e um revisor.

Participante 3: O pedido do cliente, o requisito do cliente e, muitas vezes, mesmo que o cliente diga que "é suficiente uma tradução automática", é importante saber a finalidade e claro que a decisão será sempre do cliente. Mas também é importante a gestora ter essa

comunicação com o cliente e informar, por exemplo, como a Participante 4 estava a referir, se for um texto para publicação, dar essa indicação, ser clara sobre como é que se processa, se for só tradução automática sem intervenção humana, portanto haverá muitas situações que não serão corrigidas a nível de terminologia, explicar muito bem ao cliente porque ele pode não ter a noção de como é que se processa e sugerir ao cliente, consoante o trabalho e a finalidade, a melhor opção, depois caberá sempre ao cliente decidir. Assim como, por exemplo, quando o trabalho é feito por mais do que um tradutor e não há tempo para uma revisão, imaginemos esta situação. Também informar ao cliente que poderá não haver coerência terminológica porque o trabalho vai ser feito por várias pessoas e não haverá um revisor que vá uniformizar a terminologia. Portanto, como a Participante 4 indicou e muito bem, a comunicação com o cliente é essencial. Depende sempre do que o cliente pretende, do prazo do cliente. E, portanto, cabe à gestora apresentar todas as opções e depois o cliente... apresentar explicando o que é que cada opção envolve e depois o cliente decidir.

Participante 1: Eu acho que mesmo que o cliente diga que quer um trabalho feito com tradução automática porque não precisa de um texto perfeito, acho que nunca se pode dispensar a intervenção de um tradutor mesmo assim. Mas, como já disseram a decisão é do cliente. Se for um trabalho comum nós estamos está cada vez mais preferência, ou melhor, estamos a tentar usar a tradução automática no maior número possível de projetos em que possa ser aplicada, mas há ainda ferramentas e tipos de textos que não permitem... em que a aplicação da tradução automática não otimiza a tradução, isto porque o texto tem determinadas características em que a tradução automática não vai resultar e, nesses casos, opta-se por recorrer a um tradutor para fazer uma tradução normal e não uma pós-edição.

Participante 5: No nosso caso também depende muito do cliente, do pedido do cliente. Muitos clientes já pedem tradução automática, mas independentemente de ser um tradutor ou tradução automática, se o cliente tiver pedido tradução automática há sempre um tradutor envolvido. Portanto, o resultado da tradução automática nunca vai direto para o cliente, passa sempre por um tradutor. Passa sempre tudo pelo cliente e, como estava a Participante 1 a dizer, apresentar as alternativas que o cliente tem e de explicar em que é que consiste cada alternativa e o que é que pode esperar de cada uma das opções que tem, mas, em princípio, passará sempre pelo cliente e pelo diálogo com o cliente.

Moderador: Pode indicar dois ou três exemplos das principais ferramentas TAC e/ou de TA que utiliza?

Participante 1: Transit, MemoQ, Studio e tradução automática Systran, DeepL e Google

Participante 2: Em termos de tradução automática Amazon, IMT, Microsoft e DeepL. Em termos de ferramentas Across, Memsource e XTM.

Participante 5: Em termos de ferramentas Studio, Memsource e MemoQ. Em termos de tradução automática, Microsoft e talvez o Google, talvez sejam os que mais usamos.

Participante 4: Eu usava o MemoQ, o SDL Trados Studio e o Transit NXT e a nível de tradução automática o Systran, o DeepL e também o Google.

Participante 3: MemoQ, Studio e Systran, DeepL e Google.

Participante 6: Usamos o Google para coisas menos confidenciais, DeepL ou temos já alguns perfis criados em Systran para determinadas áreas ou cliente e que estão já areados e que conseguirão uma melhor qualidade para quem vai fazer a pós-edição, além de que é uma coisa confidencial, só nossa e não fica exposto a olhos indiscretos. Quanto a ferramentas de tradução, usamos o Studio e o MemoQ, que é a mais simples, na minha opinião. Passei também a usar um bocadinho o Nemo, que é uma ferramenta específica para um projeto da União europeia.

Apêndice C

Focus Group 3: Clientes

Moderador: Que competências considera que o mercado atual procura ao selecionar tradutores *freelancer*?

Participante 2: Ao recrutar tradutores *freelancer* procuro, em primeiro lugar, que a língua para a qual traduzem seja a sua língua nativa, a sua língua mãe, que tenham ótimas competências e valências na língua de partida, ou seja, a língua a partir da qual traduzem, portanto, que tenham um curso de línguas ou que, o que seria muito bom, tenham vivido no país de língua de partida. Por exemplo, uma pessoa que traduza a partir do alemão e que tenha vivido na Alemanha durante algum tempo, alguns anos de preferência, ou que tenha outros cursos tirados no estrangeiro. Também têm que ser licenciados e ter competências ou na área linguística, em línguas, ou então em áreas técnicas. Ou seja, um tradutor de medicina ser uma pessoa formada em medicina, um tradutor de farmácia ser formado em farmácia, etc., mas sempre com o complemento da língua de partida, não é. Depois, a partir de uma determinada altura, também começou a ser necessário, a ser solicitado, que trabalhassem com ferramentas de tradução, isso seria uma mais-valia antigamente, não fosse o mais necessário, mas seria uma mais-valia que trabalhassem com o Trados ou o MemoQ, etc.

Participante 1: Acima de tudo, eu acho que as primeiras e talvez as principais coisas que procurava, as mais importantes, é prazo e preço, quem tem os preços mais baixos é quem ganha mais negócios, quem consegue entregar mais rápido também é quem ganha mais negócio. Quem conseguir um balanço entre os dois é o vencedor, digamos. Depois, como é óbvio, é aquelas coisas mais básicas que a Participante 2 disse, saber a língua, às vezes mais do que saber língua é dominar uma certa área, traduções jurídicas, por exemplo, precisam de quem domina a linguagem, o vocabulário jurídico para determinar a terminologia da área pedida. Eu acho que trabalhar em ferramentas na nossa experiência nem era obrigatório, mas eu acredito que há empresas em que também é um dos fatores de importância e exclusão. Ou seja, pode pesar muito na escolha se o tradutor dominar certas ferramentas. É também um pouco a disponibilidade, a nível de prazos a disponibilidade é muito importante. Depois é um bocado dependente do nível do pedido, pode ser um pedido único, pontual, como pode ser um pedido mais estratégico que será necessário de forma mais recorrente. Portanto, se for um pedido pontual procuro uma pessoa que faça rápido e cobre pouco, se for uma coisa mais recorrente pode exigir uma

contratação mais a longo prazo, pode ser um contrato... a contratação é toda feita de forma diferente.

Participante 4: Eu acho que é, acima de tudo a especialização nas áreas técnicas do mercado de cada trabalho, conhecimento da área e depois também ter conhecimentos técnicos, porque vai ajudar em prazos e tudo. E eu acho sempre que qualidade, tempo e dinheiro é sempre aquela preocupação do cliente.

Participante 3: Eu acho que agora está a inverter-se um bocadinho esse binómio, ou seja, concordo com a participante quatro, mas eu acho que, enquanto que há alguns anos a primeira forma de se relacionar, atenção que nem eu nem a participante quatro somos da parte do recrutamento, mas quando procuramos recursos para fazer o orçamento que a parte mais me interessa a mim, enquanto que há cinco anos ou há dez anos atrás eu procurar um especialista na área de direito, por exemplo, agora preocupo-me muito em saber se faz TA, se mexe com ferramentas. Ou seja, muitas características técnicas são mais importantes, acho eu, agora até do que propriamente se é um especialista na área de direito. Acho que é importante a especialização na área, continua a ser sempre muito importante ser nativo da língua, ter experiência na tradução, mas muito saber mexer em ferramentas, podem não ser mesmo de TA pura, mas qualquer ferramenta que ajude no apoio da tradução é um dos fatores, se não o fator mais importante agora, quando se procura recursos, ou pelo menos é a sensação que eu tenho.

Participante 6: Como as colegas disseram, eu também acho que o mercado procura formação como tradutor e, para certas traduções, a experiência na tradução nessa área. Procura-se também que sejam pessoas com capacidade para utilizar as ferramentas de tradução.

Participante 5: Eu também concordo com as colegas, quando referem que a formação académica é uma das coisas que se procura. Portanto, formação na área, ter feito uma licenciatura, um bacharelato em Línguas ou mesmo na área da tradução, que também já há cursos, e as tecnologias, penso que não é só conhecer as *CAT tools*, portanto, as ferramentas de tradução, mas outras competências também em termos de computadores que se exigem. Portanto, se é *freelancer*, tem que saber emitir um recibo verde, tem que saber entrar no portal das finanças, etc. Portanto, não é só tecnologias relativas ao trabalho em si, é exigido uma série de outras coisas ao tradutor para ser *freelancer*, outras competências... O mercado da tradução é um mercado que está em constante evolução, portanto há de vir sempre outras coisas, novas *CAT tools*, novos pedidos... não se fazia a

tradução automática, não se fazia a revisão de textos de tradução automática, isso é uma nova competência também. Muitos tradutores recusam-se a fazer esse tipo de trabalho. E, portanto, aqui também se exige uma competência, uma certa flexibilidade e adaptabilidade do próprio tradutor, que se torna obsoleto se se continuar a recusar a fazer esses trabalhos. Obviamente, há áreas em que não se consegue utilizar a tradução automática e aí eles ainda acabam por estar um pouco salvaguardados, mas é uma questão de tempo, porque a inteligência artificial sabemos que está a evoluir a passos largos e eles ou entram no barco ou vão ser deixados em terra. Portanto, sim, traduções mais literárias é um bocadinho mais difícil, porque aí exige um bocadinho mais de coração, um bocadinho mais daquele toque humano, mas outras traduções mais técnicas, por exemplo, componentes para computadores e impressoras ou outras traduções assim mais terra a terra, para isso já não há grande necessidade de ter ali tradutores humanos a fazer a primeira tradução. Outras competências, diria que também a comunicação é uma das competências que se exige dos tradutores. Estes acabam por ser pessoas muito especiais, não no sentido em que não se consegue lidar com eles, mas são pessoas que têm um nível de inteligência emocional às vezes um bocadinho mais limitado. Do nosso lado, de quem lida com os tradutores, tem de haver também um certo jogo de cintura e do lado deles também, porque são pessoas que acabam por ter uma vida muito diferente, têm horários muito diferentes dos nossos, não é.... nós trabalhamos, por exemplo, até às cinco horas da tarde e eles podem trabalhar a qualquer hora do dia. Refiro-me um bocadinho às competências interpessoais, no sentido em que tem que haver um compromisso da parte dos tradutores em cumprirem prazos e serem sérios no compromisso. Embora sejam *freelancers*, assumiram um contrato, um compromisso com as entidades e, às vezes, é complicado e temos de ligar-lhes e andar atrás...

Moderador: Tendo em conta a sua experiência profissional, quais considera serem as competências de TI que o tradutor *freelancer* deve ter atualmente e como são importantes para o mercado de trabalho?

Participante 3: Eu acho que é cada vez mais importante a utilização de ferramentas. As outras participantes certamente vão dizer aqui muitas coisas que eu vou dizer também, mas cada vez é mais importante o preço. O preço e a qualidade, mas muito o preço. E isso está muito ligado também com todas as ferramentas que o *freelancer* possa usar. Um *freelancer* que use um software, e eu não conheço todos, conheço o MemoQ, o antigo Trados, sei que há algumas outras ferramentas novas, que eu desconheço e não as vou

mencionar para não cometer erros, mas um *freelancer* que use alguma ferramenta que dê apoio na sua tradução é mais económico e, ao ser mais económico, eu vou conseguir fazer um orçamento melhor para o meu cliente. E continua a dar grandes garantias de qualidade, pois as ferramentas são cada vez mais fiáveis e de confiança e o próprio cliente tem cada vez mais sensibilidade e cada vez mais conhecimento das ferramentas que existem. Cada vez mais nos chegam clientes que, eles próprios, já têm as suas próprias ferramentas ou que têm formatos já muito específicos em que nos enviam os documentos e depois há um terceiro fator aqui, que é o tempo. Cada vez mais o cliente, o mercado, quer o célebre bom, bonito e barato, que agora transformou-se num bom, bonito, barato e rápido. E estas ferramentas também fazem com que o trabalho do *freelancer*, ou devem fazer com que o trabalho do *freelancer* seja mais rápido.

Moderador: Consideras então que a principal competência de TI é esta capacidade de utilização de ferramentas diferentes para aumentar a rapidez.

Participante 3: Sim. Se eu tiver dois tradutores que são da mesma área de especialização de Direito, que têm vinte anos de experiência igual, que têm avaliações ótimas no seu histórico e experiência naquele tipo de cliente, por exemplo, eu vou optar por um que consiga usar qualquer ferramenta em prol do que não usa. E ainda existe muito, no mercado dos *freelancers*, pessoas que não utilizam qualquer ferramenta. Ainda há no mercado pessoas que estão a trabalhar como trabalhavam há vinte ou trinta anos e o mercado já não se adequa a isso, portanto, há essa preferência até quando se faz orçamentos. Faz-se orçamentos também na expectativa de que o recurso que eu vou usar, ou que vai ser usado pela gestão, tenha flexibilidade, capacidade e destreza com qualquer ferramenta.

Participante 4: Eu concordo em absoluto com a Participante 3. Concordo e acho que, hoje em dia, qualquer *freelancer* que não domine as ferramentas, não estou a dizer que têm de ser hiperespecializados, mas têm que dominar, têm que saber trabalhar com uma memória de tradução, com tudo isso, com todas as *CAT tools*... alguma pelo menos, uma ou outra de base têm que saber, porque eu acho que é cada vez mais eliminatório o que a Participante 3 estava a dizer, uma empresa de tradução, hoje em dia, não quer tradutores que não dominem ferramentas. Não cabe na cabeça de ninguém. Portanto, vai ser imperativo, tal como dominar a língua, é dominar TI. Isto é importante na rapidez e preços. Como a Participante 3 disse, eu acho que a rapidez e preço são os grandes fatores.

Claro que também a qualidade e a especialização, a pessoa tem que fazer um bom trabalho, etc.

Participante 3: Mas isso está subentendido, os clientes, quando vão ter com uma empresa, nos tempos que correm, a qualidade, como por exemplo, a confidencialidade e a proteção de dados está inerente, ou seja, os clientes, quando vão ter com uma empresa, já estão à espera da qualidade, da proteção de dados, da confidencialidade, já é inerente. Portanto, o que vai depois fazer a diferença na tomada da decisão é o preço e é o prazo que me podem dar. Eu só queria fazer uma abordagem, eu sei que o foco aqui é o trabalho nas tecnologias ligadas à tradução, para os automatismos, mas cada vez mais é importante os *freelancers* saberem usar qualquer tipo de ferramenta, seja ela uma memória de tradução, seja uma ferramenta de tradução automática, ou seja ela um sistema operativo ou o que seja. Sejam os clientes, sejam as próprias empresas, eu preciso que os meus recursos consigam usar uma plataforma, aceder a um *website*, fazer um *download*, coisas que são muito básicas para ti ou para mim, mas que no mercado dos *freelancers* encontramos ainda muitas pessoas que não conseguem trabalhar com este tipo de rapidez até própria do trabalho, da entrada e saída do próprio trabalho.

Moderador: Isso é uma coisa que é muito importante para o mercado, porque é cada vez mais assim que funciona, não é?

Participante 3: Eu acho que sim também. Eu acho que podemos estar a entrar até num mercado mais frio, sem grande intervenção pessoal, de contato pessoal, mas sim, cada vez mais é preciso que entres nesta plataforma, tenhas um *user* ou ID, faças um *download*, um *upload*, uma consulta, coloques uma questão. Muito do fluxo de trabalho que muitas vezes é integrado nesse tipo de ferramentas de trabalho também e, portanto, já não há espaço para o tradutor profissional de há vinte anos atrás, acho eu.

Participante 1: Considero que as competências de TI são mais consideradas se forem traduções mais técnicas, mesmo que a pessoa seja uma grande especialista numa determinada área, medicina, direito, seja o que for, equipamentos aeronáuticos, vai, inevitavelmente, ser sempre necessária alguma investigação pois há termos que vão aparecer e que, mesmo sendo a pessoa da área, não vai conhecer. E aqui entra a destreza técnica da pessoa em investigar e procurar mais informação online, em conseguir responder às perguntas utilizando as tecnologias de informação, as perguntas que vão surgindo num processo de tradução. Dominar as ferramentas. Lá está, como a Participante 3 disse logo ao início, estamos a repetir-nos, mas dominar as ferramentas e dominar as

ferramentas de QA também. Acho que é muito importante fazer todo o processo de QA. E talvez também, não sei faz sentido, mas a transferência de ficheiros. Nós mandávamos muitos ficheiros de uma forma assim mais... ou através de uma ferramenta ou mesmo em formatos mais básicos como o Excel, o Word, etc., mas se houver ficheiros com dados mais confidenciais que têm que ser transferidos por protocolos que protejam essa confidencialidade, é preciso recorrer a coisas como FTP ou outros protocolos de comunicação específicos, mais técnicos e é preciso uma pessoa que consiga perceber isso. É preciso uma pessoa que consiga aceder a um ambiente remoto, que saiba mexer com certas ferramentas que não são específicas à produção em si. Ou seja, a utilização de ferramentas e plataformas. Eu acho que a TI entra muito na vertente da confidencialidade, o tradutor tem acesso inevitavelmente aos dados confidenciais, porém o cliente pode exigir que a tradução em si seja feita num ambiente mais seguro, ou seja, tem que aceder remotamente a um ambiente qualquer seguro e saber como aceder e saber como trabalhar num ambiente remoto é uma competência tecnológica que pode ser necessária.

Participante 2: Eu concordo com o que as colegas acabaram de dizer, saber muito bem como e onde ir buscar informação que é extremamente importante. Por vezes não sabem onde ir buscar a informação e, por vezes, vão buscar informação que não é correta, portanto, saber muito bem quais os sites fiáveis onde ir buscar essa informação. De resto, acho que é saber trabalhar depois com as ferramentas etc., até porque depois com este tipo de ferramentas também se pode criar as memórias para futuros trabalhos. Inclusivamente, por exemplo, se o cliente for recorrente, ou seja, que tenha muito trabalho e no qual se utilize uma certa linguagem técnica ou do próprio cliente, depois criam-se memórias, que facilitam muito mais o trabalho do tradutor, sobretudo se forem validadas pelo cliente, bem como até os próprios glossários que os tradutores podem criar e que depois, após serem validados pelo cliente, torna mais simples para o tradutor, quando fizer outra tradução, ir buscar essa informação toda em vez de andar, portanto, a fazer sempre a pesquisa. Ou seja, faz-se a primeira pesquisa, que é validada, e o tradutor já sabe que, a partir dali, terá que, para aquele determinado termo, utilizar uma determinada a tradução e isso eu acho que facilita em muito, porque torna o trabalho sempre mais homogêneo, mais confiável e utilizando a mesma linguagem.

Participante 5: Os textos que os tradutores recebem vêm de diferentes formas, podem ser textos em PDF, podem ser textos em Word, podem ser documentos em Excel, em termos de tecnologias de informação. é mais as ferramentas do Microsoft Office, que

estamos habituados a utilizar. Têm que saber um bocadinho sobre formatação nessas ferramentas porque não vão entregar uma coisa mal feita. Para além da capacidade de utilização de *CAT tools*, considero importante a capacidade de utilização das restantes plataformas, como referiram as Participantes 1 e 3. Falei de plataformas porque, como são *freelancers*, têm que emitir recibos e têm que ser pagos pelas entidades depois de emitirem uma fatura, portanto têm que saber fazer essa parte se as empresas não ajudarem porque há empresas que ajudam. Se não ajudarem, eles têm que se virar, têm que saber como é que se faz uma fatura, têm que estar inscritos, depois têm que saber fazer o IRS como *freelancers*. Isso tudo são competências adicionais que se está a exigir, cada vez mais, que sejam de forma automática, quero dizer pela Internet e não de forma manual. Antigamente ia-se às finanças e tratava-se tudo ali nos balcões e diretamente. Isto com o Covid também acelerou um bocadinho aqui a nossa necessidade de fazermos as coisas o mais possível pelo computador, portanto, essas competências também são exigidas, e eu penso que, sobretudo para os mais velhos, essas coisas não são complicadas.

Participante 6: Eu concordo com o que as colegas disseram. Até considerava que já não seria possível os tradutores recusarem-se a utilizar ferramentas, mesmo os mais velhos.

Participante 5: Não tem a ver só com a idade. Depende também das combinações linguísticas, para que língua está a ser traduzido. As alterações nas competências não têm só a ver com o tradutor, têm a ver com o avanço tecnológico, que leva o seu tempo e não é o mesmo em todas as combinações linguísticas. Nem todos os mercados estão a caminhar ao mesmo tempo, por exemplo, a Alemanha parece estar a demorar um bocadinho mais de tempo do que Portugal. Ou seja, às vezes não é só o próprio tradutor, é também o mercado em que está inserido.

Moderador: Para além da tradução em si, que outras tarefas são pedidas aos tradutores atualmente? Exemplo: a formatação, o alinhamento de textos, a criação de glossários, tradução *online*, *guidelines* para publicação.

Participante 5: A questão aqui do pedido.... eu acho que nem se devia pedir, eu acho que devia fazer parte do trabalho de um tradutor entregar um trabalho completo, um trabalho que não tivesse que haver uma segunda pessoa a rever o trabalho desse tradutor. Mas a revisão é exigida ao tradutor antes de entregar o trabalho, é exigido exatamente trabalhar com as ferramentas, muitas vezes dos clientes para quem as empresas prestam serviços, portanto, há empresas que usam glossários próprios e têm bases de dados

próprias. Isso também lhes é exigido, portanto, se eles quiserem fazer parte desse projeto têm de ter formação e têm de saber essas questões todas para conseguirem então fazer parte do projeto. Portanto, é, pedido aos tradutores a revisão dos textos, saber mexer com as plataformas dos clientes, muitas vezes também é pedido para alimentar glossários

Participante 3: Eu posso falar da parte que me diz mais diretamente a mim, para além de todas essas que enumeraste e que são muito o trabalho da tradução, eu não as conheço em pormenor, mas cada vez mais é pedido ao *freelancer* que faça também, por exemplo, o trabalho da parte do serviço financeiro, de pagamentos e recebimentos. Cada vez mais é pedido que entre e que valide, que coloque na plataforma a sua fatura, desde que houve as faturas eletrónicas que tudo é automatizado, eu vejo, consigo validar e, portanto, é cada vez pedido mais aos recursos que façam todos esses tipos de tarefas adicionais ao trabalho de tradução.

Moderador: Tarefas mais administrativas então.

Participante 3: Sim, é também pedido muito trabalho administrativo de intervenção. Por isso a importância de saberem usar esses sistemas e plataformas e websites e tudo isso. Mas noto que também é muito pedido agora, focando agora no exemplo que tu deste, todo aquele trabalho de fazer com que as coisas sejam cada vez mais parecidas com aquilo que lá estava. Não sei se terá tanto a formatação ou não, mas noto que há muitas exigências de usar o mesmo *layout*, usar a mesma formatação se calhar, as mesmas páginas, o mesmo tipo de letra, para ser mais fácil depois também o trabalho de quem recebe. Não pediram se calhar um DTP típico, não é? Ficar igualzinho. Mas há cada vez mais regras nos próprios *softwares* que as páginas têm os mesmos tamanhos, os números de letras, o tipo de letra, para ajudar, se calhar, quando recebem depois no cliente, estar já meio trabalho feito. As restantes colegas, se calhar, conseguem dar uma resposta melhor.

Participante 2: Como disse a Participante 5, pode ser pedido a tradução de glossários, não sei se nesta fase também se pode falar dos revisores e das leituras finais. Portanto, haver alguém, por exemplo, quando há um trabalho grande que tem de ser, por vezes, devido ao prazo que é dado e com o consentimento do cliente, o trabalho ser dividido por vários tradutores, depois haver alguém que faça a leitura final para o trabalho ficar todo homogéneo. Ou seja, não haver discrepâncias no que está escrito pelos diversos tradutores, utilizar sempre a mesma linguagem, entre aspas, a mesma fórmula. Também a formatação, a paginação, quando necessário. Portanto, o trabalho do tradutor, um

tradutor que se diga, entre aspas, completo, convirá ter todas estas competências, porque tudo isto lhe poderá ser solicitado, embora haja pessoas que, embora não façam tradução, podem fazer pura e simplesmente as formatações e as paginações. Não é necessário que seja o tradutor a fazer, no entanto, se quisermos dizer que é uma coisa completa, é bom que o tradutor tenha todas estas competências.

Participante 4: Eu acho que é exatamente isso que a Participante 2 está a dizer e muito naquela parte da edição de texto, alinhamentos, de formatação, etc., eu acho que cada vez mais inevitável. Não consigo imaginar um tradutor que diga assim "eu consigo traduzir, mas não consigo formatar um texto em Word". Não faz sentido nenhum.

Participante 3: E muitos pedidos de terminologia, como disseram as outras colegas, não há também agora? Muitas pessoas a pedirem para utilizar a terminologia, localização.

Participante 4: Isso era o que eu ia dizer a seguir, sim. Depois, por outro lado, é aquelas partes mais de conhecimento profundo da tradução. Portanto não é só uma parte do conhecimento dominar uma ferramenta com o Word, saber ir a um *website* ou o que seja, ou entrar numa plataforma e carregar um documento, mas depois há a parte da tecnologia pura de ter que dominar as *CAT tools* para poder contribuir para memórias, para bases de dados terminológicas ou o que seja, e tudo isso é TI. Nos dias de hoje tudo isso é TI e é o dia-a-dia deles e há de ser cada vez mais.

Moderador: Contribuir para bases de dados terminológicas, portanto, estás-me a dizer que é pedido ao tradutor para criar estes glossários dentro das ferramentas?

Participante 4: Sim.

Participante 3: Acho que é quase básico. Enquanto há alguns anos não era, eu acho que agora cada vez mais é. E os clientes estão cada vez mais educados também nisso.

Participante 4: É, já esperam que isso aconteça, já nem sequer é questão. Já esperam que isso aconteça. Eles dão-nos alguma... ou até nos podem dar a terminologia deles e esperam que seja alimentada e renovada. E depois, quando há uma alteração, eles estão à espera de que o tradutor saiba perceber quando é que houve uma alteração e como é que isso vai influenciar o trabalho final.

Participante 3: Eu, por exemplo, noto que há uns dez anos atrás, quando eu entrei, estes aspetos dos glossários, das terminologias, das validações era algo que se vendia como um extra, como um serviço adicional, como algo que adicionava valor ao trabalho. E agora é

como a confidencialidade e a proteção de dados, a qualidade é básico. Claro que não estou a falar do pequeno cliente, estou a falar de empresas grandes. Para eles isso é o básico, é uma ferramenta de trabalho como uma memória, tem que existir.

Participante 1: Eu acho que além da tradução e da revisão, que são os domínios mais clássicos, digamos, e de tudo relativo à formatação, há uma grande área, que não é recente, já existe há algumas décadas, mas que está em clara expansão e crescimento agora é a área da NLP, *Natural Language Processing*, processamento de linguagem natural. E acho que os tradutores / linguistas são muito necessários aí nesse domínio. Existem uma data de coisas que podem ser feitas desde *labelling* semântico, em que temos uma frase ou texto e se tem que identificar nela, por exemplo, todos os adjetivos com conotação positiva, isto é feito por tradutores / linguistas. Se for para identificar, sei lá, todo o equipamento de TI, isto será feito por uma pessoa que domina muito bem aquele idioma, naquela área também. Eu acho que essa área precisa de muita cabeça humana para ensinar as máquinas a processar o texto como nós o fazemos naturalmente.

Participante 6: Eu concordo com o que disseram até agora. Além dessas tarefas, às vezes é pedida a adaptação de texto para os motores de busca (SEO) ou para *slogans* ou transcrição.

Moderador: Qual considera ser o impacto das inovações tecnológicas no mercado da tradução?

Participante 6: Eu acho que um dos impactos é o facto de os prazos agora serem muito mais curtos, o que é uma vantagem para os clientes, obviamente, mas para os tradutores pode ser mais uma desvantagem porque o trabalho deles foi simplificado sem eles pedirem e se calhar até se sentem um pouco desvalorizados. Outro impacto é o facto de ganharem menos devido a tecnologias como a tradução automática.

Participante 2: Como eu falei, por exemplo, no caso das memórias e etc. ajuda bastante, simplifica o trabalho do tradutor. Basicamente é isso, simplifica e agiliza também. Se a pessoa já tem lá essas memórias criadas agiliza e facilita o trabalho.

Participante 3: Com essas tecnologias todas, o que era uma mais-valia passou a ser algo já inerente e que já nem se fala porque tem de estar lá.

Participante 4: Já é assumido.

Participante 3: Eu não sei concretizar com exemplos prático porque eu não estou com a mão na massa, mas cada vez mais as próprias ferramentas trazem esses módulos incluídos, trazem esses aspetos, essas *features* integradas e é expectável que sejam trabalhadas, não podes dar uma tradução sem dar o resto. É um pouco como os controlos de qualidade (QA) que as ferramentas já trazem. Tenho a sensação de que, ao longo do tempo, tudo o que eram justificações ou explicações que nós dávamos para justificar o preço que estávamos a dar ou o prazo que estávamos a dar, desde a qualidade, o controlo de qualidade aos quatro olhos, todas aquelas coisas cada vez mais se estão a banalizar porque há cada vez mais ferramentas que fazem isso e mais. Ou seja, já se pode emparelhar, já se pode validar, já se pode comparar, já se fazem *compares*, já há glossários integrados, já há terminologia posta. Já há todas essas coisas que há uns anos se vendiam como algo mais, que tinha valor acrescentado e que, agora, o que tem valor acrescentado é ter a ferramenta adequada para a necessidade daquele cliente, com tudo já. E depois ele usa aquilo que prefere ou aquilo que precisa, mas eu tenho que ter as ferramentas. Isso colocou uma pressão nas empresas para terem ao seu acesso as ferramentas, até escolherem as ferramentas melhores para poder dar aos clientes aquilo que eles querem e ter, da nossa parte, também a capacidade de usar as ferramentas que os clientes, muitos, já desenvolveram. Que é também um fator adicional de custo interno para as empresas e para os próprios *freelancers*, terem a capacidade de saberem usar aquilo que já existe no mercado e aquilo que um cliente ou outro desenvolveu especificamente. E, portanto, eu acho que agora os *freelancers* têm acrescido o ónus de serem informáticos quase, ou de terem pelo menos uma mentalidade mais de informática. Se calhar há trinta anos quem ia para tradutor eram pessoas de letras puras, de letras, de escrita, de leitura e um tradutor agora tem que ter uma componente de informática, de TI, de raciocínio lógico que os seus colegas de há vinte ou trinta anos não tinham que ter.

Participante 4: Só para sublinhar isso, quando entrei mais aprofundadamente neste mundo, uma das coisas que eu achei curiosas, e que realmente se constata, é que hoje em dia, o mundo da tradução é mais um mundo de *softwares* do que de palavras, porque realmente toda a indústria está a ficar cada vez mais baseada na tecnologia o mais avançada possível e não param de avançar. Há sempre coisas novas a acontecer, inteligência artificial por todo o lado e essas coisas. E é cada vez mais isso, como a Participante 3 estava a dizer, é que já não é um tradutor especializado numa língua, numa

cultura, é um tradutor que tem que ser um bom conhecedor de TI e, depois, aplicar todos aqueles conhecimentos, claro.

Moderador: No fundo, estas inovações tecnológicas vieram transformar o próprio mercado em si para uma coisa mais tecnológica, mais rápida e em constante inovação.

Participante 4: Especializado em tecnologia, sim.

Participante 1: Eu acho que a inovação tecnológica tem estado a revolucionar completamente não só a tradução, mas qualquer área hoje em dia, sinceramente. A tecnologia revoluciona a forma como nós fazemos as coisas, como nós vemos o mundo e a tradução não escapa à regra. Para além de todos os motores de tradução automática, que acho que são cada vez mais utilizados e vão continuar a ser cada vez mais utilizados, atenção que eu discordo completamente daquela coisa de a máquina substituir um humano, acho que isso não vai acontecer, mas simplesmente complementam-se, mas de uma forma diferente. Acho que a inovação tecnológica está a criar muitos novos trabalhos como, por exemplo, esta coisa da NLP que referi na pergunta anterior, tudo isto antigamente não existia e hoje em dia existe todo um leque diferente de trabalhos, de projetos, de formas de o humano poder contribuir para fomentar a tecnologia. A tecnologia depende altamente do humano e o humano acaba também por depender altamente da tecnologia, acaba por haver uma relação de codependência um do outro. Acho que a tecnologia acaba por tornar os nossos processos muito mais ágeis, muito mais rápidos. Nós temos que nos saber adaptar à tecnologia, caso contrário, não se consegue acompanhar e fica-se para trás, fica-se em desvantagem. E, quando digo acompanhar, não é só saber utilizar as ferramentas e saber aquilo que o mercado necessita, mas também ser mais ágil, adaptar-se a trabalhar com a ferramenta.

Moderador: Ser flexível ao ponto de se adaptar às diferentes versões até da mesma ferramenta.

Participante 1: Exatamente.

Participante 3: Não sei quem é que começou primeiro, se foi o ovo ou se foi a galinha, ou seja, não sei se foram as tecnologias que estão a mudar o mercado, se foi o próprio mercado que foi à procura das tecnologias. Não sei se me estou a fazer entender, não sei se os *softwares* foram aparecendo e o mercado se foi adaptando, ou se o mercado foi à procura e aí surgiram as tecnologias. Porque nunca me esqueço da Unbabel que apareceu há alguns anos com ideia teórica e que eu não sei o quanto essa ideia teórica não obrigou

todo o mercado a mexer-se mais depressa do que se calhar estavam à espera de se mexer. Eles não tinham nada a ver com a tradução, mas forçaram, se calhar, as pessoas a verem de outra maneira a tradução.

Participante 4: E depois, como referiu a Participante 6, os ganhos que oferece... os ganhos de tempo e dinheiro. Voltamos sempre ao mesmo, tempo e dinheiro.

Participante 3: Sim. Nós temos no nosso telemóvel ferramentas muito básicas e simples que dizem *translate*. Eu sei que a confiança que eu tenho de qualidade nisto é pequena, mas ela está cá. Eu sei que se for a um país estrangeiro, eu tenho dicionários e tenho ferramentas que vão ouvir o que o senhor me está a dizer e o dizem numa língua que eu entenda. Está muito mais acessível a todas as pessoas, enquanto a tradução antigamente, eu acho que, era muito mais elitista e cara, eu agora eu acho que se está a tornar de facto diferente e acessível a qualquer um.

Participante 4: É, mudou tudo.

Participante 3: A Unbabel apareceu com uma ideia teórica, um bocadinho estranha! De repente alguém queria fazer com que toda a gente pudesse entender toda a gente, que era assim uma coisa... não era só eu querer que os meus produtos fossem entendíveis do outro lado do mundo para os vender, era uma coisa mais teórica do género: "eu quero que a Maria, que está a falar com o Senhor Xirolito do Japão, consiga entender o que ele está a dizer", percebes? E eu acho que isso, se calhar, foi um pontapé que as pessoas precisavam "Espera aí, a malta vai pôr na Internet e vai traduzir, grátis".

Participante 5: Eu concordo com tudo o que foi dito. Assim por alto é a questão do preço e do tempo, como frisou a Participante 4, há aqui uma pressão grande... enorme para a descida dos preços, porque os clientes querem pagar cada vez menos e receber as traduções cada vez mais rápido. Isto leva as empresas de tradução a recorrerem cada vez mais à tradução automática e, consequentemente, os preços da revisão, da tradução estão a ser... Ou seja, os tradutores estão a perdem espaço de manobra para negociar os seus preços, estes são-lhes praticamente impostos pelas empresas e, ou trabalham muito, têm muito volume de trabalho e conseguem ter um bom rendimento ao final do mês ou têm preços altíssimos e têm clientes muito específicos com quem trabalham. E isso é ter sorte... porque vai acabar.

Moderador: Pode dar alguns exemplos sobre como a necessidade de utilização de ferramentas de tradução, como o Trados Studio e MemoQ, e até também ferramentas de

tradução automática, ditou a necessidade de alterar as competências necessárias para se ser um tradutor *freelancer* atualmente?

Participante 3: Eu acho que antigamente, se calhar, nem sequer se perguntava isso e agora no recrutamento queremos saber, por exemplo, isso. Ou seja, uma das questões que se coloca logo é saber que ferramentas é que sabe trabalhar ao que tem. Até, muitas vezes, que licenças é que tem de algumas ferramentas, portanto, sim, eu acho que isso passou a ser essencial.

Participante 2: O tradutor teve que adquirir maiores competências a nível informático, com disse a Participante 3, adquirir conhecimentos a nível de como trabalhar com essas ferramentas. Não é propriamente uma coisa inata, tem que se aprender a trabalhar com elas, não é? Isso requer realmente que as pessoas tenham outro tipo de competências e tivessem que desenvolver outro tipo de capacidades.

Participante 4: E até os próprios clientes dizem. Alguns dizem especificamente "têm que trabalhar neste programa, têm que usar isto" e etc. O que implica que serão os tradutores a ter que fazê-lo, claro, portanto, está instituído. Isto faz parte da tradução.

Participante 1: Qualquer ferramenta que é desenvolvida, seja na área da tradução ou não, normalmente é desenvolvida para facilitar a vida do humano e, para as pessoas, a fase de adaptação é sempre a fase mais difícil, porque têm de passar a usar uma ferramenta nova. A pessoa tem dificuldades iniciais, não percebe o porquê e pensa que aquilo vai acabar por ter exatamente o efeito oposto, vai demorar muito mais, vai... enfim, vai atrapalhar todo o trabalho. É importante olhar para ferramentas como facilitadores, como forma de acelerar o processo, ou seja, fazer uma tradução mais rápida, meio de garantir a qualidade. Acho que as ferramentas de tradução, especificamente, permitem-nos isso, mais facilmente garantimos a qualidade. E acho que as ferramentas acabem por mudar um bocadinho esse *mindset*. Vamos usar uma ferramenta para fazer um trabalho melhor, mais rápido. Se calhar, antigamente precisávamos de uma semana para conseguir fazer o trabalho e, com ferramentas, conseguimos fazer três numa semana, acabamos por ser mais eficientes. No fundo, o que mudou é que, além das competências normais, foi necessário ter esta capacidade de adaptação, sobretudo adaptação mental, da forma de ver o trabalho, graças às ferramentas.

Participante 3: Como disseram as colegas na pergunta anterior, a forma como se paga também se alterou. A forma como eu pago aos próprios tradutores também se alterou por

causa dessas memórias e dessas ferramentas. Eu queria falar sobre a forma como isso mudou a maneira como nós fazemos o orçamento para os clientes e para os recursos. As ferramentas informáticas, os *softwares* mudaram toda a maneira como nós orçamentamos e damos prazos. Todas as métricas de produção de trabalho diário foram alteradas e todas as métricas também de palavras foram alteradas, já não se contam as palavras como se contavam antigamente, há todo um trabalho de pré-tradução que não é pago. Há toda uma contabilização diferente no valor contratado pago ao recurso. Portanto, o recurso consegue produzir mais, mas recebe menos por cada trabalho que faz. Portanto, implicitamente ele tem que trabalhar muito mais para conseguir fazer o mesmo rendimento que fazia antes de usar as ferramentas.

Moderador: Tem que ter uma capacidade lógica maior para perceber como fazer frente a essas alterações, não é?

Participante 3: Exatamente. Eu não lhe pago mil palavras, pago só duzentas e cinquenta, ele demora um quarto do tempo a fazer e isso implica que daqui a meia hora tem que estar a aceitar outro trabalho para conseguir fazer o remanescente do valor que eu não lhe paguei pelas mil palavras. Isso é, acho eu que é uma grande pressão para os recursos também. E aos clientes a mesma coisa, não é? Permitiu-me ser muito mais agressiva nos meus preços e permite-me também fazer prazos diferentes do que fazia antigamente. Era só isso que eu queria dizer. O *mindset* não está mudado ainda. Eles antigamente tinham que traduzir as mil, ele agora tem que ler as setecentas e cinquenta. O *mindset* também demora a mudar. Ele continua a ter as mil palavras no texto, mas tem que ler setecentas e cinquenta e alterar duzentas e cinquenta, antes tinha que alterar mil. E é difícil mudar essa maneira de trabalhar. Quanto mais confiança... Por isso é que eu estava a dizer há pouco, eu acho que se a máquina for boa, vai ser *skimming* quase, já vai ser uma leitura na diagonal. Porque eu sei que há muito que ainda eles têm que alterar em algumas coisas que estão pré-traduzidas porque o *software* não está tão bom ainda assim. Mas eu acho que vamos chegar a um ponto em que, de facto, que vai haver, se calhar, duas palavras no meio de uma frase que estão mal.

Moderador: Isto leva a que se trabalhe de outra maneira e que se procurem alternativas mais rápidas.

Participante 3: Estas ferramentas fazem com que eles tenham mais tempo para traduzir mais, como disse a Participante 1, mas também torna mais barato o valor do que eu lhes estou a pagar. Mas também entra aqui a componente de que, muitas vezes, eles também

têm que investir nas próprias ferramentas. É um custo aqui com que o próprio tradutor se vê confrontado, muitas vezes, com o ter de adquirir. Eles têm, muitas vezes, que investir em algumas ferramentas, para depois poderem amortizar esse investimento ao longo tempo com trabalho. Já não basta comprarem um computador.

Participante 4: Mas é que o facto de terem acaba por ser quase obrigatório, porque ou não lhes é atribuído trabalho, ou, se for, até fazem mais trabalhos do que se não tiverem as ferramentas.

Participante 3: Ou então usam as licenças das empresas que os contratam, que também acontece muitas vezes, como empresa que eu conheço.

Participante 5: Na minha opinião isto não está a acontecer só no mercado da tradução, está a acontecer em todos os mercados. Antigamente tínhamos engenheiros civis a desenhar com papel e caneta e agora fazem tudo em computador. A grande diferença é o tempo de evolução. Tivemos vinte anos para passar da caneta e papel para o computador e agora estamos a passar em menos tempo e, volto a dizer, o Covid acelerou também esta necessidade de nos adaptarmos ao digital, de crescermos e evoluirmos e desenvolvermos novas competências até no mercado de trabalho para se conseguir mudar de um emprego para o outro, portanto não é só no caso dos tradutores. Várias empresas exigem ferramentas que nunca usámos antes, mas que hoje é necessário usar. Nos tradutores é exatamente a mesma coisa, como as colegas disseram, é -lhes exigido que se adaptem às novas ferramentas de trabalho. É bom usarem as ferramentas porque poupam tempo, muitas palavras já estão lá, os glossários também e torna o trabalho mais fácil para eles, uma coisa que levava duas horas a fazer agora fazem em trinta minutos. A questão é que nem todos estão a conseguir fazer esse salto e adaptar-se e eu acho que isso é uma responsabilidade partilhada tanto do tradutor como de quem pede o serviço ao tradutor.

Participante 6: Eu não tenho nada a acrescentar, acho que os tradutores hoje em dia só conseguem fazer o seu trabalho se souberem usar as ferramentas, usar o computador e tudo o que a ele está ligado.

Moderador: O que mudou para o tradutor com a criação das tecnologias colaborativas, como a partilha de memórias de tradução em tempo real e os fóruns ou chats disponíveis em algumas ferramentas TAC?

Participante 4: Eu acho que isto ajuda, acima de tudo, na agilização do trabalho todo. Uma verificação final, uma revisão, o que seja, acaba por metade estar feito, atualizado

automaticamente, quando esta memória com toda essa informação é bem carregada, e vai sendo atualizada, e vai havendo ajustes do cliente, etc. Acaba por agilizar muito mais o trabalho do revisor, o trabalho do tradutor, enfim. No dia-a-dia deles acabam por sentir uma facilidade nesse aspeto, na parte prática de ter que apresentar o trabalho final conforme a expectativa do cliente, seguindo a terminologia do cliente e etc.

Participante 6: Eu concordo com a Participante 4, acho que essas ferramentas facilitam o trabalho do tradutor de uma boa maneira e, ao mesmo tempo, aumentam a qualidade das traduções.

Participante 1: Também concordo com a Participante 4, eu acho que acelera mais uma vez o processo, o tradutor pode trabalhar com o revisor simultaneamente, facilita a partilha de conhecimento também, o que é muito bom. A colaboração implica ter que aprender a trabalhar em equipa, depois explicar, por exemplo, o porquê de certas decisões, ter a capacidade de explicar, de argumentar o porquê de certas decisões que foram tomadas.

Participante 3: O próprio tradutor também recebe porque muitas ferramentas também dão o próprio *feedback* da revisão foi feita e, portanto, muitas vezes, o próprio tradutor, ou como o queiram chamar pois já não é um tradutor, consegue, nas ferramentas, ver o que é que foi corrigido ou alterado daquilo que fez anteriormente, portanto, muitas vezes, também pode ter esse benefício. Não é só um trabalho que vem já pré-traduzido ou com algumas ferramentas que até dão apoio com terminologia integrada, mas, muitas vezes os fluxos de trabalho estão já à mostra, portanto, eu traduzi, tu depois fizeste a revisão e eu tenho acesso àquilo que lá está e ao *feedback* que tu me deste. E outras ferramentas permitem até acompanhar o trabalho que está a ser feito.

Moderador: Portanto, fomenta mais um trabalho em equipa, é isso?

Participante 3: Sim, eu acho que sim também. Se eu quiser pensar muito sobre este assunto. Eu acho que nos últimos vinte ou trinta anos a função do *freelancer* tradutor mudou-se radicalmente. Passou de ser uma entidade de letras, números e palavras, isolado e a trabalhar no mundo, ao seu próprio ritmo, com as suas próprias consultas, a decidir que fontes de informação é que ia consultar e que termos ou expressões ia usar e que se adequavam àquele trabalho em questão, a algo que tem que ser feito com diversas ferramentas, sempre com um computador, com acesso à Internet, com acoplamento de várias plataformas. É muito mais um trabalho em equipa quer com os revisores, quer com

o próprio cliente. Há plataformas com feedback também dos próprios clientes, não é perguntas e respostas, mas há ali uma intervenção também, às vezes, do próprio cliente, de uma forma, se calhar, indireta ou obscura, ou o que seja, mas que existe, e as próprias empresas de tradução são cada vez mais presentes. As gestoras ou a pessoa dos recursos humanos, são cada vez uma função mais presente na vida de um *freelancer*. Um ser isolado numa própria identidade, a traduzir sozinho em casa, ao seu próprio ritmo, transformou-se numa identidade, em casa, mas muito bem integrado numa rede que existe, com vários elementos de variadíssimas formações.

Participante 2: Portanto, para além de agilizar o trabalho e de permitir uma maior troca, como disseram as colegas, pode haver uma maior troca de informação mesmo entre o tradutor e revisor, quase em simultâneo, porque ao poder aceder ao trabalho, se ambos tiverem... imaginemos, um tradutor está a fazer o seu trabalho, termina uma parte e passa ao revisor que, automaticamente, pode chamar a atenção para uma determinada coisa com que não concorde. Aí a tal capacidade argumentativa que o tradutor tem de ter em argumentar, poder explicar e justificar o porquê de ter tomado uma determinada opção em detrimento de outra. Isso, eu acho que, logo no início do trabalho é muito bom, porque evita que, chegando quase ao fim do trabalho é que se vai verificar que se teve o trabalho todo a fazer uma determinada opção, eu não sei estou a ser clara, ou seja, uma opção de tradução de um termo, logo de início, para evitar... porque antigamente o trabalho do tradutor era extremamente pessoal, era o tradutor que trabalhava praticamente sozinho, bastava-se a si próprio e, só no fim é que o revisor ia conferir tudo e ver tudo. E, por vezes, havia coisas que, desde o início, poderiam ter sido feitas de outra forma e que, só chegando ao fim, depois se tinha que ir reler aquilo tudo. Agora não, pode-se debater logo, ou pedir a opinião de outros colegas que estejam no mesmo projeto, se acham melhor, se é mais fiável utilizar este ou aquele termo. Portanto, eu acho que há uma maior agilização, o que torna o trabalho também por seu lado mais fácil e ao mesmo tempo há uma maior entre ajuda.

Participante 1: Acho que há um ciclo de *feedback* maior. Podemos dizer quase que existe aqui uma adaptação do *framework Agile* que existe no desenvolvimento de tecnologias de TI. É um bocado por aí também.

Participante 2: Há uma maior entreajuda e uma maior partilha, porque, ao ter que justificar, têm que dizer onde é que foram buscar esta informação, o porquê, argumentar e contra-argumentar.

Participante 5: Eu volto a lembrar a questão da comunicação. Como foi dito, eram pessoas... ou são pessoas que normalmente fazem o trabalho mais isolados e essa colaboração também ajuda no crescimento pessoal e profissional do próprio tradutor. Esta imagem que tínhamos de um tradutor que fazia as coisas sozinho, isolado no seu cantinho mudou, passou a ser uma equipa inteira a colaborar. Estas ferramentas permitem que tenham mais apoio, conseguem chegar mais longe e pedir ajuda sempre que ficam presos nalguma parte do trabalho. Há essa participação em equipa... tem essa vantagem. Permite também tornar o trabalho mais rápido porque um texto pode ser partido em várias partes e assim demorar menos tempo a ser feito. Em vez de pedirmos a um tradutor para traduzir quatro mil palavras em dois dias, podemos partir e dar a vários tradutores que comunicam usando essas ferramentas e ter o trabalho mais eficaz e eficiente para a entrega, assegurando a mesma qualidade, o mesmo vocabulário, permitindo garantir a consistência do trabalho.

Participante 1: E quando se diz comunicação, não é só comunicação entre uma equipa de trabalho, também pode haver um canal direto de comunicação com o cliente e obter *feedback* do próprio cliente enquanto o processo está a decorrer. Isto garante-nos que, quando chegarmos ao final do nosso trabalho, a probabilidade daquilo que a gente tiver feito ter sucesso é maior porque já tivemos *feedback* entretanto no decorrer do processo.

Moderador: Portanto, essa alteração tecnológica levou também a uma alteração na forma de comunicação com o cliente, é isso?

Participante 2: Exatamente, e torna-se mais próxima. Tornou-se mais fácil porque aí o cliente também está a colaborar para o bom trabalho, porque, ao fim e ao cabo, temos que utilizar aquilo que é pretendido pelo cliente e que é validado pelo cliente.

Moderador: Então o tradutor teve de desenvolver aqui competências interpessoais.

Participante 3: Sim, para além das ferramentas informáticas, sim. Eu acho que os tradutores tiveram que desenvolver ferramentas que, se calhar, muitos deles não querem ter ou não queriam ter perfil, de exposição, mas que têm que ter. Têm que ter mais relacionamento, mais rapidez de respostas, têm que estar mais atentos a pormenores que não estavam tão atentos, saber aceitar, às vezes, sugestões do próprio sistema e de outras entidades que, se calhar, não tinham há uns anos.

Moderador: Há uma necessidade de adaptação e flexibilidade constantes, não é?

Participante 3: Não foi a TA em si. Ou seja, não acho que seja só a tradução automática em si que está a colocar pressão em transformar a função do tradutor *freelancer*, acho que é tudo o que vem inerente a isso. Não é só a tradução automática por si só, é tudo aquilo que implicou essa tradução automática, todas as ferramentas que se foram desenvolvendo e toda a rapidez que foi sendo possível. Porque se eu tenho uma tradução automática, do meu ponto de vista, a rapidez no fluxo de trabalho é muito maior. Ao ser muito maior, a capacidade de *feedback* do próprio revisor ou da gestora, ou de um cliente, como disse a Participante 1, é muito maior, a rapidez com que se atualizam bases de dados, memórias, terminologias e glossários é também maior. Portanto, é esperado que todos os intervenientes tenham também maior capacidade de resposta, de integração, e tiveram que desenvolver, se calhar, capacidades de socialização entre eles que não existiam, mas que eu noto que existem agora muito. Eles conhecem-se todos, têm próprios grupos, também de *chats* e de organização. Cada vez há mais participação em eventos e em formações, que é algo que, se calhar, há uns anos atrás resistiam, mas que muitos, dos que estão agora no mercado, aderem a formações, novas plataformas, e partilham muita informação que há vinte, trinta anos não partilhavam, seja da forma como trabalham, do dinheiro que recebem, das ferramentas que utilizam... muito. Até as próprias instituições públicas também estão cada vez mais a trabalhar de uma forma diferente.

Moderador: Qual o tipo de tecnologia que considera ser mais importante no seu trabalho? Ou seja, qual é o tipo de tecnologia que considera mais importante neste mercado da tradução, no teu trabalho e no trabalho dos tradutores em si e também para os clientes?

Participante 4: Tradução automática talvez, se isso se pode considerar uma tecnologia isoladamente.

Participante 3: Sim, se calhar a tradução automática no sentido em que por trás dela tem toda uma série de coisas... eu não consigo assim.... não sei agora... O que é que eu acho assim mais importante, não sei...

Participante 4: Também está muito na berra falar-se de TA, não é... Os clientes já nos ligam e já começam a dominar um bocadinho isto.

Participante 3: Por exemplo, uma memória bem feita, acho que é muito importante, por exemplo. Um sistema integrado de tradução em que tens todo o fluxo numa mesma plataforma, desde que o cliente lá coloca até que depois ele vai ler para validar, acho que

é muito importante. Se isso é tudo tradução automática não sei, não te sei dizer. Para mim, por exemplo, é super importante que os recursos consigam entrar no meu sistema, consigam ver os trabalhos que lá estão e consigam colocar corretamente a sua fatura, o seu recibo, para eu poder fazer o pagamento. Mas, para eles, se calhar, é muito mais importante que eles consigam ter uma boa memória ou uma boa tradução automática, para poderem fazer o trabalho deles. Isso também depende de cada um, de onde está, da perspetiva... então vou ser sincera, o mais importante é um bom computador, um bom investimento contínuo num bom *hardware* é fundamental. Só com um bom *hardware* é que tu podes instalar alguns *softwares*.

Moderador: É verdade, porque as evoluções tecnológicas têm esta parte boa e má porque te obrigam a atualizar o equipamento para conseguir suportar aquilo que é pedido.

Participante 3: Exato. Portanto, mudo a minha resposta, um bom computador, depois a Internet.

Participante 6: Se um computador pode ser considerado uma tecnologia, então também digo o computador, mas em segundo lugar diria as ferramentas de tradução.

Participante 2: A Internet tem de haver, não é... A Internet é óbvio que é necessário para podermos ter acesso depois ao resto, às ferramentas, etc.

Participante 1: Não sei se consigo escolher aquilo que seja mais importante, porque elas acabam por se complementar umas às outras. Mais ou menos importante é um bocado relativo... acho que é preciso... é preciso ter destreza no geral, é uma capacidade de procurar informação seja a nível de conteúdo daquilo que se está a traduzir, seja quando é preciso usar uma ferramenta que nunca se tenha visto na vida e que o cliente quer que a tradução seja feita com aquela ferramenta seja por que razão for, mesmo nos exemplos dados pela Participante 3. Eu acho que é bom que o tradutor consiga ir ler o ficheiro *Read Me*, ir ler as instruções para perceber como se usa a ferramenta. Portanto, é ser autodidata a nível de aprendizagem.

Moderador: Portanto, para ti não há um tipo de tecnologia mais importante, é mesmo a capacidade da pessoa se adaptar à tecnologia que é o mais importante.

Participante 1: Exatamente.

Participante 2: Não haver resistência a novas aprendizagens, porque isto é uma coisa que está a evoluir todos os dias. Nós agora falamos de MemoQ e outros e, se calhar, daqui

a um ano estamos a falar de uma coisa que é completamente diferente. Está sempre a evoluir e a pessoa também tem que ter a capacidade de se ir atualizando naquilo que é lançado no mercado, não fazer resistência a essas novas aprendizagens.

Participante 5: Eu diria que há várias tecnologias porque depende muito do projeto em que o tradutor está inserido. Há projetos que exigem as *CAT tools*, há projetos que exigem reuniões semanais via Teams ou Zoom, portanto plataformas de comunicação, para fazer o ponto de situação dos projetos. Considero também que é muito importante estarem atentos às novas tecnologias que aparecem, porque a tecnologia evolui muito rápido, ao fazer parte de *workshops* e fóruns de eventos no mercado. Ou seja, estarem atentos para não ficarem obsoletos na forma de trabalhar, porque cada vez menos os clientes vão recorrer à tradução tradicional.

Moderador: De que forma considera que os avanços nas tecnologias de tradução, como a tradução automática e estas possibilidades de traduzir diretamente nas plataformas, e também aquilo que referiste de utilizar estes portais para comunicação e até para a parte mais financeira, de que forma é que estes vão continuar a influenciar este mercado e o vosso trabalho?

Participante 5: Pelo que eu vi nos últimos anos, a influencia das tecnologias na tradução tem sido uma coisa atenuada, não tem sido repentino. No entanto, com o Covid, com a necessidade de baixar os preços devido a mercados competitivos, como a Grécia, a fazerem *dumping* de preços nos concursos internacionais e com todos os acontecimentos a nível político, social e económico, os tradutores e as empresas são afetados e procuram formas mais eficazes e eficientes de poupar dinheiro e, por isso têm que abraçar as tecnologias. Se eles não o fizerem haverá outros a fazer e a disponibilizar o serviço mais barato. Há um sentido de urgência, mas ainda há alguns tipos de traduções, uns nichozinhos, em que ainda não se sente o impacto da urgência e da tecnologia, mas é uma questão de tempo até o sentirem também.

Participante 3: Acho que muito. Eu acho que vão continuar a influenciar muito o trabalho, de formas que eu não consigo imaginar, se queres que te diga.

Participante 4: E está a avançar a uma velocidade...

Participante 2: Vão, cada vez mais, aligeirando, entre aspas, o trabalho, é uma constante aprendizagem. Eu acho que as pessoas vão continuar presentes, mas vão continuar a surgir novas ferramentas. Estas ferramentas vão continuar a tornar o trabalho

mais simplificado. Embora a pessoa tenha que estar sempre a atualizar-se, as novas ferramentas vão ser, penso eu, cada vez mais acessíveis e cada vez mais, ao mesmo tempo, mais complexas, mas, ao mesmo tempo, vão permitir facilitar cada vez mais o trabalho. Eu acho que vai ser assim.

Moderador: Quando referes mais simples e mais complexas, queres dizer que são fáceis de utilizar, embora sejam mais complexas em si e entreguem outro tipo de produto?

Participante 2: Exatamente. Vão ter uma maior capacidade de oferta ao tradutor, eu acho que a todos os níveis. Se calhar vão logo informar de outras opções para a tradução dos termos ... vão facilitar. Acho que, hoje em dia, as coisas já evoluíram tanto. Em tão pouco tempo evoluiu-se tanto neste aspeto, no aspeto das ferramentas que acho que cada vez vai ser mais simplificado o trabalho do tradutor. No entanto, quando digo simplificado não quer dizer que vai ser mais simples, mas as ferramentas vão ajudar muito mais o tradutor, vão facilitar muito mais o trabalho do tradutor. Isto não quer dizer que a pessoa não tenha, como eu já disse, de constantemente estar-se a atualizar, a aprender e a não mostrar resistência ao que por aí vem.

Participante 3: Eu acho que... não faço ideia, que acho que as coisas estão a mudar muita depressa. Eu imagino quase que vai haver uma altura em que a função do tradutor quase é inexistente. Tendencialmente vai ser, se calhar, até um revisor ou um leitor. Acho que a tradução automática vai ficar cada vez melhor, de uma forma automatizada e que a função do pós-editor... Nem é um pós-editor por si só, até é mais, se calhar, quase um leitor, um corretor, se calhar, de pequenos pormenores, é quase um trabalho de verificação da terminologia.

Participante 4: Vamos cada vez fazer menos de uma forma mais precisa, mas mais... ou seja, aquele pedacinho que a máquina não consegue fazer, vai ser cada vez mais pequeno, porque a máquina vai fazer cada vez mais, vai ser o que nos sobra.

Participante 6: Eu concordo com o que foi dito até agora. Acho que as tecnologias vão continuar a influenciar e que os tradutores vão ser cada vez mais, como disse a Participante 3, revisores ou corretores do que tradutores, exceto nos pedidos de transcrição.

Participante 1: Eu acho que criam maior competitividade. Pessoas que têm mais experiências e dominam ferramentas nicho, digamos, mais facilmente arranjam trabalho. Pessoas que têm, se calhar, formação. Não sei... nunca tirei um curso de tradução, mas

quero acreditar que os conteúdos que se davam nos cursos de tradução há dez anos são completamente distintos dos conteúdos que dão hoje em dia, são diferentes. Portanto, pessoas que têm mais facilidade e mais destreza com ferramentas acabam por ser mais bem-sucedidas, por conseguir maior fatia de negócio.

Participante 2: Ou seja, o tradutor deixa de ser única e simplesmente um tradutor para acumular também outro tipo de funções, como seja aquilo que a Participante 1 diz, a destreza informática e tudo o que advém daí, o estar aberto a trabalhar com novas ferramentas e etc. Portanto, deixou de ser aquele tradutor que está atrás do computador só a traduzir para passar a ser também uma pessoa que tem que ter uma boa base e uma boa formação a nível informático.

Moderador: Ou seja, quando falaste em funções, o que querias dizer era mesmo competências. Não são só as competências normais de um tradutor, passam a ter de ter competências informáticas.

Participante 2: Exato, competências a nível informático.

Moderador: Como é que a tradução automática substituiu ou vai substituir o trabalho do tradutor?

Participante 2: Eu acho que nunca vai conseguir substituir na totalidade o trabalho do tradutor. Ajuda e vai ajudar muito, facilitar muito o trabalho, não é, mas substituir completamente não. A parte humana vai ter de estar sempre presente porque quem cria os glossários, quem cria as memórias, etc., são as pessoas, é o tradutor. Portanto, eu acho que isto é uma coisa que vai ter que haver sempre, a presença do tradutor. O tradutor também tem o seu estilo, acho que isso não há nada que consiga substituir. Mesmo por muito técnica que seja uma tradução, que não precise de muitos... muito trabalho de muito floreado, entre aspas, não vai conseguir substituir completamente o trabalho do tradutor.

Participante 6: Eu acho que já substituiu uma grande parte do trabalho porque o texto já vem traduzido e o tradutor só tem de rever, então substituiu 70% do trabalho.

Participante 4: Nos últimos eventos a que fui da área de tradução, em que se discute o estado tudo, onde estamos, para onde estamos a ir e etc., eles falam cada vez mais do *Expert in the Loop*, em que tu tens uma pessoa, há um humano no meio de uma série de tecnologias à volta e uma pessoa sozinha consegue fazer uma cadeia de ligações que era preciso três ou quatro cinco pessoas e hoje em dia é preciso uma pessoa e o resto é enviar para máquinas, receber de máquinas e quando digo máquinas, estou a dizer *softwares*,

etc. E eu acho que isso vai ser mesmo o caminho. E enquanto agora precisamos, se calhar, de um especialista para validar mil palavras por hora, ou o que seja, qualquer dia vamos precisar de meio especialista para aquelas mil palavras. E eu acho que isso vai reduzir cada vez mais o nosso tempo de intervenção.

Moderador: Portanto, todas estas tecnologias e, sobretudo, a tradução automática vão é só diminuir a quantidade de trabalho que a pessoa vai ter a seguir para essa pessoa ficar só mais a dar uma mais-valia e aquele bocadinho final que a máquina ainda não consegue. Era isso, não era?

Participante 4: Essa é a expectativa que eles transmitem, que será esse o futuro.

Participante 3: Também acho, coisas tão básicas como é.... eu imagino, por exemplo, sei lá, estás a traduzir para brasileiro, e foi traduzido cara, mas não é a cara da cara da pessoa, era cara o tipo que estava ali encostado à porta. Eu acho que vai ser pormenorzinhos desses que a máquina não vai conseguir apreender tão finamente.

Moderador: Portanto, a parte do contexto.

Participante 3: Sim, é um contexto muito específico, não é? Não sei.

Participante 1: Concordo completamente com as colegas, acho que nunca vai substituir. Acho que ambos têm de aprender a complementar um ao outro, evoluir um com o outro. A tradução automática substitui a parte mais mecânica da tradução. Traduzir que uma cadeira se diz *chair* em inglês, não há forma de enganar, agora tudo o que é a nível de sintaxe, tudo o que vem a nível de semântica, tudo o que vem a nível de expressões mais idiomáticas e tudo mais, e qualquer língua natural está cheia dessas coisas. A máquina... talvez, daqui a muitos, muitos anos, muitas décadas as máquinas vão conseguir fazer estas coisas, mas não acontece agora, não vai acontecer no futuro mais próximo e é nesse sentido que o trabalho do tradutor acaba por ser ainda mais difícil, porque traduzir literalmente as palavras é a parte mais fácil da tradução, a parte mais difícil é passar o significado, passar a mensagem, passar o tom de voz, passar o estilo, coisas assim desse género. E essa componente da tradução continua a estar nos ombros do tradutor e vai continuar.

Participante 2: A emoção da palavra, o sentido daquilo que se quer dizer, não acho que uma máquina consiga fazer. O impacto depende de muita coisa, mas, por exemplo, publicidade... Por exemplo, imaginemos um anúncio... é o que a Participante 1 diz, *chair* é cadeira, mas depois há muitas maneiras... tem de ser o tradutor a dar a emoção àquilo

que nós queremos. Por isso é que eu acho que a tradução automática é um autómato, é algo que não tem noção e, não sei se dá para entender aquilo que quero dizer, mas não expressa... a máquina não consegue expressar aquilo que nós queremos transmitir na realidade, a não ser que sejam coisas, como eu digo, muito técnicas, mas mesmo aí depois a sintaxe, a nível gramatical, é, etc. tem de ser sempre o tradutor a verificar o contexto, como disse a Participante 3.

Participante 5: Eu também acho que substituiu a parte inicial do trabalho, da leitura do texto por completo, porque basta introduzir na máquina e ela traduz. Contudo, volto a dizer que é muito específico a determinadas traduções, determinadas áreas. Ou seja, nem sempre é a melhor solução, mas quando se utiliza nos projetos que são os mais indicados poupa-se imenso tempo, não sei quantificar percentagens, mas até podem ser os 70% que a Participante 6 referiu. De facto, só o fazer a primeira revisão e o tradutor depois só tem de ir ali ver o que não está a fazer sentido, fazer alguns ajustes, simplifica bastante o trabalho.

Moderador: O leva a escolher recorrer a um tradutor ou a um *software* de tradução automática?

Participante 2: Se calhar, um *software* de tradução automática é para coisas que são muito recorrentes, para as quais já existe uma base de dados que a pessoa possa ir buscar e que já tenha e que sejam coisas mais técnicas por exemplo, um registo. Isto é um exemplo. Coisas que... imaginemos, um registo criminal em que é tudo igual, só muda depois as identificações e pouco mais, o bla-bla-blá tá lá todo. Uma certidão de nascimento em que basicamente o que está na certidão já lá está tudo e é só mudar os nomes, onde nasceu e esse tipo de coisas em que não há necessidade de... em que é o que está, está, quer dizer, não tem necessidade de ser entendido de outra forma. Agora coisas, como eu estava a comentar, um anúncio, uma coisa em que se tenha de dar a volta ao texto, um texto literário, uma coisa deste género eu acho que tem de haver um tradutor sempre. É completamente.... pelo menos neste momento, eu acho que é completamente imprescindível que haja a parte humana por trás. Não é só o tradutor, é a parte humana.

Moderador: Se eu percebi bem, para recorrer ao *software* de tradução automática apenas seria uma coisa mais em que as palavras são as mesmas naquele contexto, não há dúvida nem uma segunda leitura daquilo que lá está escrito.

Participante 2: Exatamente.

Moderador: Para um tradutor humano será aquilo que pode ser interpretado de diferentes maneiras.

Participante 2: Diferentes maneiras ou... Também depende do que o cliente quer e porque o cliente pode escolher o que pretende, porque isto também depende muito do sentido que se quer dar. E daí haver a componente humana que tem que expressar aquilo que a pessoa quer dizer, não é uma chapa três. Não é dizer "um bilhete comboio custa cinco euros" pronto, não, "para esta viagem maravilhosa que tem um custo de"... E aí vai ter que ter um cunho muito pessoal porque é completamente diferente uma coisa técnica e direta, que não tenha que expressar outro tipo de ideia, de sentimento, etc. Para mim é isso.

Participante 1: A tradução automática, normalmente, é feita quando os prazos são mais apertados, o par de idiomas... há idiomas que já estão muito desenvolvidos com os motores de tradução automática, há idiomas que não estão desenvolvidos de todo, portanto, depende muito dos idiomas em si. Aquilo que a Participante 2 estava a dizer, acho que é a diferença entre a tradução e a localização. Se a gente pretende o serviço de localização, tem de ser feito por um humano mais provavelmente, tradução propriamente dita talvez possa ser feita automaticamente e corrigida por um humano.

Participante 4: A garantia de qualidade ainda passa sempre pelo humano. E eu acho que durante muito tempo vai passar ou sempre, digamos. Pode ser uma forma mais ligeira, mas a garantia de qualidade.... uma coisa é eu quero perceber o que é que tem um site porque não estou a perceber nada daquilo, passo num tradutor automático ou num DeepL, ou o que seja, e o trabalho está feito. Para empresas, para clientes, só em casos excecionais é que eles nos dizem que pode ser TA e que nem precisa de revisão, não precisa nada.

Participante 3: Não achas que uma coisa está ligada à outra? Ou seja, se tiver um bom *software*...

Participante 4: Sim, mas, na perceção do cliente... por muito bom que tenhas, tens de ter sempre um pós-editor.

Participante 3: Sim, mas eu tenho a sensação de que se eu tiver um bom *software* eu posso ter um pós-editor mais ou menos. Se o *software* naquela combinação não é muito bom já tenho de ter um tradutor bocadinho melhor. Tenho um bocadinho essa sensação.

Participante 4: Eu não concordo muito, eu acho que o revisor tem de ser sempre bom.

Participante 3: Eu acho que um bom *software*, se calhar, é capaz de ser mais importante do que um bom tradutor.

Participante 4: O tradutor vai ter que ser sempre o garante de qualidade.

Participante 3: Sim, mas, para mim, o mais importante é saber que o DeepL é muito bom nesta combinação e dá-me muitas garantias, não tem dado erros, falhas, o que seja. Portanto eu sei que ali posso pôr só um interveniente, na vez de pôr dois. Ou não precisa de ser da área ou não precisa de ser muito bom, pode ser só da área do trabalho.

Participante 4: Ou seja, não sei se o mercado ainda vê assim. Uma coisa é nós internamente dizermos assim "ok, este texto não é complicado, está bom, vai estar bom, é mesmo só alguém para dar uma certificação", mas eu acho que o mercado quando nos pede um trabalho...

Participante 3: Sim, mas isso é hoje, o amanhã acho que vai ser diferente.

Moderador: Então o que tenho percebido, nesse aspeto, o que decide é um bocadinho o objetivo, o propósito do texto que dita a escolha entre se um *software* ou um tradutor.

Participante 4: Sim, é.

Participante 3: Pode dizer-se que sim.

Participante 6: Eu concordo com o que a Participante 1 disse, os idiomas. Há línguas em que a tradução automática ainda não funciona muito bem e aí pode ser mais necessário contratar um tradutor que faz o trabalho completo. Concordo também com o objetivo de utilização do texto, a finalidade, ser um fator de escolha porque há casos em que o cliente pode apenas querer saber o que diz o texto e aí pode fazer sentido aplicar a tradução automática sem ter sequer a pós-edição.

Participante 5: Eu acho que há vários fatores, os que as colegas referiram, mas também a área. Como disse há pouco, a área influencia a possibilidade de usar a tradução automática. O conhecimento do cliente que, como já referiram, nem sempre sabe que há essas duas opções. E a urgência, ou seja, os prazos, como já referiram.

Moderador: Pode indicar dois ou três exemplos das principais ferramentas TAC e/ou de TA que utiliza?

Participante 6: Só me lembro do MemoQ e do Trados. De tradução automática existem tantos que já não sei os nomes.

Participante 4: MemoQ, Trados, X-Bench

Participante 3: DeepL, MemoQ, Systran...

Participante 2: O MemoQ, Trados, Studio

Participante 1: As de tradução, as que a Participante 2 referiu são as mesmas que eu conheço. Nós nesta empresa usamos uma ferramenta com um módulo para gerir os tradutores, o XTM. Tradução automática, o que mais usamos é o Google, é o mais bem desenvolvido. O Google é o motor mais bem desenvolvido que existe atualmente. Tens também o DeepL....

Participante 5: Eu diria também o Trados, o MemoQ e ainda o Transit NXT e o Across. De tradução automática é o que toda a gente conhece, como disse a Participante 1, o Google.